

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Michelle Cristina Martins de Oliveira

O caráter inovador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana a partir da percepção da comunidade acadêmica.

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2019

Michelle Cristina Martins de Oliveira

O caráter inovador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana a partir da percepção da comunidade acadêmica.

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do grau de mestre em Educação: Psicologia da Educação sob a orientação do Professor Doutor Antonio Carlos Caruso Ronca.

São Paulo

2019

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Folha de Aprovação

AUTORA: Michelle Cristina Martins de
Oliveira

O caráter inovador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana a partir da percepção da comunidade acadêmica.

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do programa de Pós-Graduação em educação: psicologia da educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aprovada em _____ de _____ de _____.

Professor Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca,
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Banca Examinadora

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam pela superação das desigualdades sociais na América Latina. Em especial, às minorias, que sofrem diariamente com seus efeitos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001- processo 8888.7.165665/201800.

This study was financed in part by the da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - finance code 001 – process 8888.7.165665/201800.

AGRADECIMENTOS

Primiramente, agradeço às mulheres, lutadoras incansáveis e sem as quais eu não poderia estar aqui. Em especial, às mulheres da minha família, que educam com amor: minhas batalhadoras avós, Maria Aparecida e Ludovina, que fizeram de tudo pela família e minhas madrinhas, Maria Emília e Nilma, que me possibilitam explorar o mundo e me ensinam sobre ser forte. À minha mãe, Renata: meu grande amor, inspiração e exemplo. A melhor pessoa que conheci em minha vida e um modelo sobre amor, luta e resistência.

Ao meu pai, Paulo, por seu empenho em possibilitar a melhor educação possível e que tanto me ensina com seus métodos peculiares. Sou grata por ter por perto uma pessoa tão inteligente e que me inspira a ser cada dia melhor.

Ao Pedro, um companheiro de vida e de sonhos e que me apoia mesmo nas idéias mais bizarras. E a sua família, Suelly e Marcelo, que me enchem de alegria com as coisas simples da vida e que me acolhem como filha.

Ao meu amor, o ser que me fez aprender tanto em tão pouco tempo: Inti Papa.

Aos amigos que me acompanharam neste e em tantos processos.

Este trabalho não seria realizado sem o apoio da equipe magnífica do Programa De Psicologia Da Educação da PUC-SP.

Ao grande mestre Prof^o. Dr^o. Antonio Carlos Caruso Ronca, não apenas pelos tantos ensinamentos, mas por ser um amigo e acreditar sempre em mim, mesmo quando eu mesma não achava que seria possível.

À Prof^a. Dr^a. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, ou Mimi, pela dedicação à docência e por mostrar na prática a relação dialética entre felicidade e amor ao que se faz. Também por todo seu carinho e acolhida.

Aos companheiros do PED, que caminharam juntos e estiveram comigo nas alegrias e, principalmente, nas agonias.

Aos demais professores da Psicologia da Educação e ao Edson, luz do programa.

A todos os membros da UNILA, que me receberam de braços abertos, em especial Livia, que tanto me ajudou.

Por fim, a todos que colaboram para uma educação acessível e para políticas públicas de educação e, neste caso, à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro, sem o qual minha continuidade de estudos não seria possível.

Muito, muito, obrigada!

O caráter inovador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana a partir da percepção da comunidade acadêmica.

Michelle Cristina Martins de Oliveira

RESUMO

As desigualdades sociais estão presentes com profundas marcas na sociedade brasileira e latino-americana. Trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado que impacta diversos setores da estrutura social e da organização de todos os países. Apesar de não ser o objeto principal da pesquisa, percebe-se uma reverberação das desigualdades sociais também na educação. Atualmente, no Brasil, ainda temos um número muito baixo de pessoas com acesso ao ensino superior. O processo é dialético: há uma manutenção dos grupos que estão no poder ao longo da história, e que têm acesso à educação de qualidade, ao passo que grupos marginalizados continuam nas posições subalternas. Mudanças na conjuntura social, como o desenvolvimento de um mundo globalizado, fazem com que seja aumentada a demanda de acesso ao ensino superior. Nesse sentido, verificamos a necessidade de inovar na educação. Entendemos que a inovação parte de um desvelar da sociedade, fundamentalmente com o desenvolvimento da consciência crítica. Trata-se de um processo de ruptura com o cenário vigente, com a intenção de uma práxis que colabore para uma sociedade mais justa, com equidade. Para que isso ocorra, em uma universidade, é necessária uma atuação nos cinco âmbitos: gestão, currículo, metodologia de ensino eficiente e que parta da realidade de ser dos educandos, ambiente e intersetorialidade. Por apresentar um projeto diferenciado, buscamos responder, por meio da fala de membros da instituição, se a Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA poderia ser caracterizada como uma IES inovadora. Para tal, realizamos entrevistas semiestruturadas que posteriormente foram analisadas por meio do método de análise de conteúdo. Formadas categorias, concluiu-se que a instituição apresenta características de um ambiente educacional inovador, principalmente quando considerada a conjuntura social atual.

Palavras - chave: Educação; Ensino superior; Inovação; América Latina

El carácter innovador de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana desde la percepción de la comunidad académica.

Michelle Cristina Martins de Oliveira

RESUMEN

Las desigualdades sociales están presentes con profundas marcas en la sociedad brasileña y latinoamericana. Es un fenómeno complejo y multifacético que afecta a varios sectores de la estructura social y la organización de todos los países. Aunque no es el objeto principal de la investigación, también hay una reverberación de las desigualdades sociales en la educación. Actualmente, en Brasil, tenemos un número muy bajo de personas con acceso a la educación superior. El proceso es dialéctico: ha habido una retención de grupos en el poder a lo largo de la historia que tienen acceso a una educación de calidad, mientras los grupos marginados permanecen en estas posiciones subordinadas. Los cambios en el contexto social, como el desarrollo de un mundo globalizado, aumentan la demanda de acceso a la educación superior. En este sentido, verificamos la necesidad de innovar en la educación. Entendemos que la innovación comienza a partir de lo desvelar de la sociedad, fundamentalmente con el desarrollo de la conciencia crítica. Es un proceso de romper con el escenario actual, con la intención de una praxis que contribuya a una sociedad más justa, con equidad. Para que esto suceda, en una universidad, es necesario trabajar en cinco áreas: gestión, currículo, metodología de enseñanza eficiente y que se aleja de la realidad del ser de los estudiantes, el ambiente y la intersectorialidad. Al presentar un proyecto diferenciado, tratamos de responder, a través del discurso de los miembros de la institución, si la Universidad Federal de Integración Latinoamericana - UNILA podría ser caracterizada como una IES innovadora. Con este fin, realizamos entrevistas semiestructuradas que fueron analizadas utilizando el método de análisis de contenido. Con la formación de categorías, se concluyó que la institución presenta características de un entorno educativo innovador, especialmente cuando se considera la coyuntura social actual.

Palabras clave: Educación; Educación superior; Innovación; América Latina

The innovative character of the Federal University of Latin American Integration from the perception of the academic community.

Michelle Cristina Martins de Oliveira

ABSTRACT

Social inequalities are present as deep marks in Brazilian and Latin American society. It is a complex and multifaceted phenomenon that impacts various sectors of the social structure and organization of all these countries. Although not the main object of the research, there is a reverberation of social inequalities also in education. Currently, in Brazil, we still have a very low number of people with access to higher education. The process is dialectical: there is a maintenance of groups in power throughout the history and those groups have access to quality education, while marginalized groups remain in these subordinate positions. Changes in the social environment, such as the development of a globalized world, increase the demand for access to higher education. In this perspective, we can verify the need to innovate in education. We understand that innovation starts from the unveiling of society, fundamentally with the development of critical awareness. It is a process of breaking the current scenario, with the intention of a praxis that contributes to a fairer society, with equity. In order to have this happening, in a university, it is necessary to work in five areas: management, curriculum, efficient teaching methodology that departs from the reality of being of the students, environment and intersectoriality. By presenting a differentiated project, we intended to respond, through the speech of members of the institution, whether the Federal University of Latin American Integration - UNILA could be characterized as an innovative institution. To this end, we conducted semi-structured interviews that were later analyzed using the content analysis method. Made the categories, it was concluded that the institution presents characteristics of an innovative educational environment especially when considering the current social conjuncture.

Keywords: Education; Higher Education; Innovation; Latin America

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Metas do PNE para a educação básica	19
Figura 2: Porcentagem de matrículas da população de 18 a 24 anos na Educação Superior – Taxa líquida de matrícula	20
Figura 3: Metas do PNE para educação superior	23
Figura 4: Características de IES inovadora.....	34
Figura 5: Características da Análise de Conteúdo.....	44

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Caracterização dos Sujeitos.....	47
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FUNBEC	Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências
IBECC	Instituto de Educação, Ciência e Cultura – Secção São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NEEGI	Núcleo de Estudos Estratégicos, Geopolítica e Integração Regional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Profissional
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PNE	Plano Nacional de Educação
PRAE	Pró-Reitoria de Assistência Estudantil
PROINT	Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

Sumário

1	INTRODUÇÃO	17
2	INOVAÇÃO	26
2.1	INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO	26
2.2	INOVAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR.	30
3	UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.....	35
4	A PESQUISA.....	42
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	42
4.2	APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO	42
4.3	ANÁLISE DOS DADOS E IDENTIFICAÇÃO DE CATEGORIAS.....	43
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	46
5.1	SUJEITOS	46
5.1.1	Clara dos Anjos – Pró-reitora de relações institucionais e internacionais – PROINT	48
5.1.2	Pitû – Professora.....	48
5.1.3	Béa – Assistente Administrativa.....	49
5.1.4	Luz – Aluna brasileira.	50

	15
5.1.5 – Ursula – aluna internacional	51
5.2 CATEGORIAS.....	51
5.2.1 A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina	52
5.2.1.1 Busca da Integração Latino Americana	52
5.2.1.2 O currículo está voltado para atender à necessidade da integração latino-americana	57
5.1.2 O combate às desigualdades sociais é primordial para a UNILA.....	64
5.1.2.1 A UNILA facilita um processo de ascensão social	64
5.1.3 O público da UNILA é especial.....	70
5.1.3.1 Os alunos da UNILA exigem estratégias de atenção específicas.....	70
5.1.4. Desafios a serem superados.....	74
5.1.4.1 Dificuldades para o atingimento da missão	74
5.1.5. O futuro da UNILA.....	79
5.1.5.1 A possível consciência da realidade por parte dos alunos é motivo para pedirem sua transformação.....	80
5.1.5.1 Planejamento para concretização do projeto UNILA.....	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

APÊNDICE A	95
	16
APÊNDICE B	96
APÊNDICE C	97
APÊNDICE D	98
APÊNDICE E.....	109

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem origem na constatação de a sociedade brasileira ser profundamente desigual e ainda marcada por inúmeros privilégios. Essas desigualdades podem ser acentuadas quando analisamos a situação de cada região do país. Percebemos, ainda, que também são marcas do continente ao qual pertencemos. Quando comparada com países dos continentes do hemisfério norte, a América Latina se mostra uma região profundamente desigual.

Uma das formas para se compreender um determinado país é desvelando a realidade da sua educação, pois as desigualdades educacionais são uma expressão das desigualdades sociais (GARCIA; YANNOULAS, 2017) e vice-versa.

O processo educativo é histórico e se encontra no centro das relações sociais e de produção, que repartem a sociedade em diferentes grupos econômicos e, assim, criam uma relação entre classes sociais antagônicas (PONCE, 2005). A dominação de um grupo sobre o outro gera diferenças sociais e, assim, classes sociais antagônicas. Temos, então, desigualdades sociais.

Podemos entender a desigualdade como uma categoria analítica das relações sociais que expressam diferenças hierárquicas e moralmente injustas. Construídas histórica e culturalmente sob a distribuição e o acesso a bens e serviços, materiais ou simbólicos, em uma sociedade, essas diferenças culminam por expressar a dominação de um grupo em relação a outro (KULING, 2010).

Em 2014, entrou em vigor a Lei nº 13.005/2014, que determina o Plano Nacional de Educação (PNE), anteriormente sem força constitucional, por não estar previsto na Constituição Federal. Agora, é um plano decenal, estando vigente até 2024, que deverá ultrapassar governos e reforçar sua importância e caráter democrático. O PNE determina diretrizes, metas e estratégias para melhorar o acesso, a permanência e a qualidade da educação em nosso país. Há três blocos de metas a serem executadas:

O primeiro grupo são metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade, e que assim promovam a garantia do acesso, à universalização do ensino

obrigatório, e à ampliação das oportunidades educacionais. Um segundo grupo de metas diz respeito especificamente à redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade. O terceiro bloco de metas trata da valorização dos profissionais da educação, considerada estratégica para que as metas anteriores sejam atingidas, e o quarto grupo de metas refere-se ao ensino superior. (BRASIL, 2014).

A desigualdade social é ressaltada no Plano Nacional de Educação (PNE) e é analisada como uma questão central a ser enfrentada por meio de políticas públicas. O PNE tem como um dos seus princípios fundamentais o entendimento de que políticas adequadas em educação são mediadoras fundamentais para o enfrentamento e a superação das desigualdades (GARCIA; YANNOULAS, 2017).

Para iniciarmos a compreensão sobre o atual panorama da educação no Brasil, é preciso verificarmos alguns dados da realidade do país. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD de 2015, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), os seguintes dados são constatados: 90,5% das crianças de 4 a 5 anos estão matriculadas no ensino infantil; 97,7% das crianças e jovens de 14 a 17 anos estão matriculados no ensino fundamental; 62,7% dos jovens estão matriculados no ensino médio.

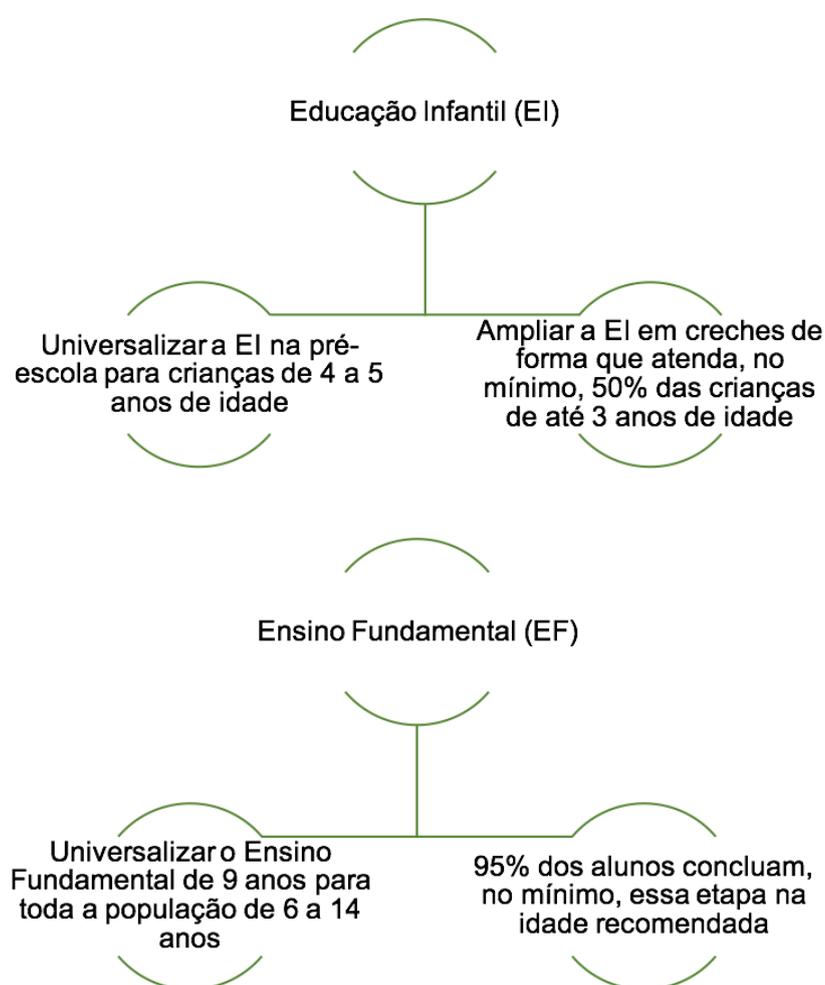
Podemos perceber uma enorme diferença de acesso com o passar das séries escolares e o avanço de idade das crianças e jovens. Esse acesso varia também quando analisamos a renda, a cor das pessoas que estão matriculadas nas escolas brasileiras e, ainda, a localidade em que vivem. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015, constata-se que:

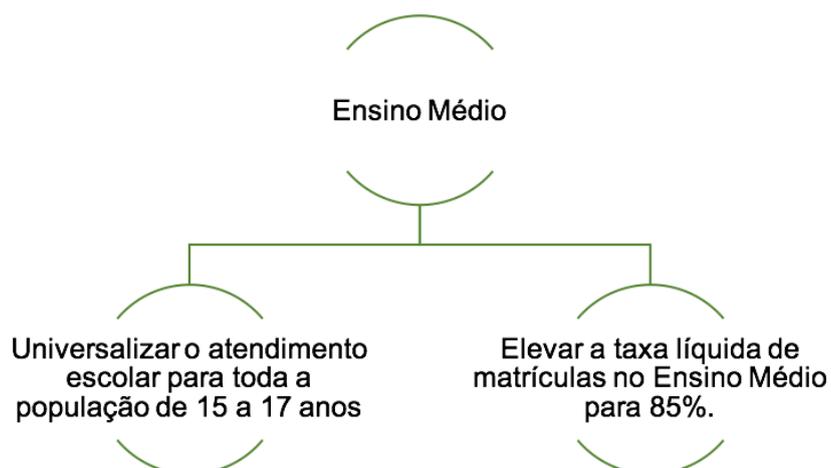
- a. No ensino infantil, os 25% mais pobres contam com 83% das crianças matriculadas, enquanto que os 25% mais ricos atingem 96,3%. Na mesma pesquisa é revelado que crianças brancas possuem taxa de 91,6% de matrícula, enquanto negros e pardos possuem 87,3% e 89,8% de taxa de matrícula, respectivamente;
- b. No ensino fundamental, o quartil mais pobre possui 97% de taxa de matrícula, o quartil mais rico possui 99%. Em relação à cor, 98,3% dos alunos brancos são atendidos, 97,5% dos negros e 97,2% dos pardos. A taxa de crianças em localidade rural e que estão matriculadas é de 97,5% enquanto que em localidade urbana é de 97,7%;
- c. No ensino médio, verificamos que dos 25% mais ricos, 86,8% estão matriculados enquanto que o quartil mais pobre possui

52,5% de matrículas ativas. Os jovens que vivem em localidade urbana possuem 65,9% de taxa de matrícula, enquanto os de localidade rural possuem 48,4%.

O PNE possui 20 metas a serem cumpridas até 2024, em diversos âmbitos da educação. Apresento, a seguir, a figura 1, com as metas para as três etapas da educação básica já citadas acima.

Figura 1: Metas do PNE para a educação básica.

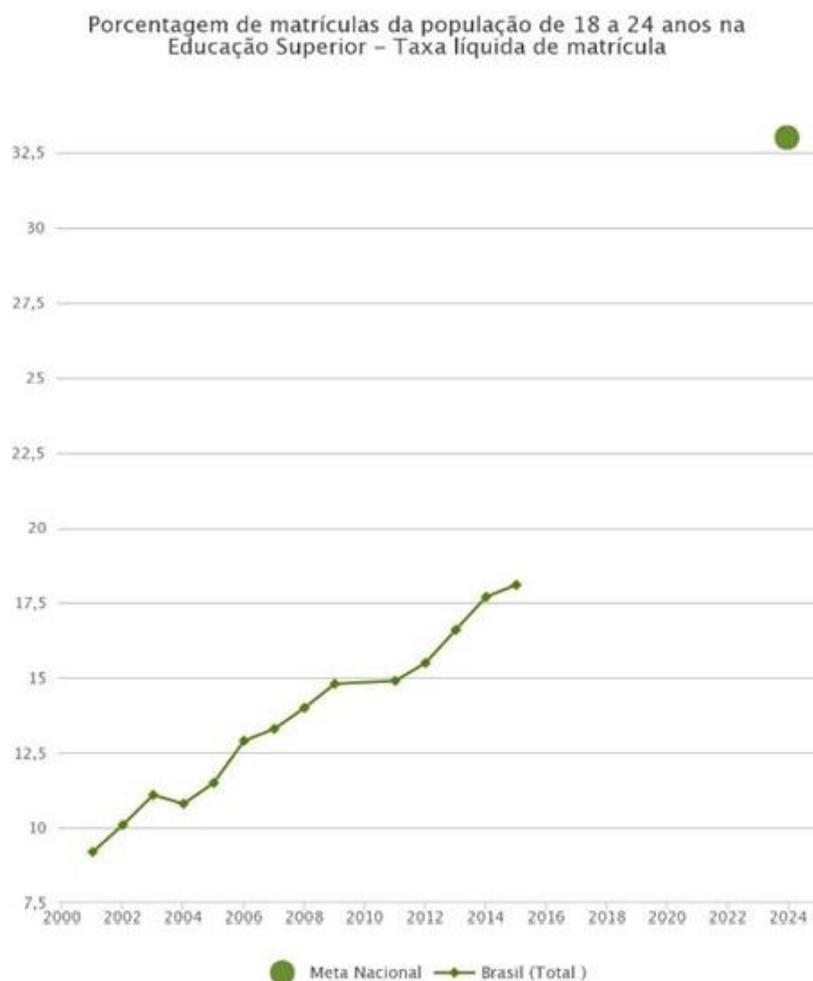




Fonte: Elaboração própria, 2019.

O acesso ao Ensino Médio é um grande desafio da educação brasileira e, ao observarmos os dados, percebemos que, conforme as etapas educacionais avançam, menor é o acesso às instituições educativas. Em relação ao ensino superior, verificamos que 18,1% de jovens de 18 a 24 anos, idade prevista para cursar essa etapa, estão matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES) em 2015.

Figura 2: Porcentagem de matrículas da população de 18 a 24 anos na Educação Superior – Taxa líquida de matrícula.



Fonte: IBGE/PNAD

Segundo a PNAD de 2015, realizada pelo IBGE (2015), a diferença entre as taxas líquidas de matrícula na Educação Superior das populações urbana e rural é de 13,4%. A diferença entre o quartil mais rico e o quartil mais pobre da população chegou a 34,6%. Ainda, a taxa de matrícula da população branca é quase o dobro das taxas das populações parda e negra.

Ao analisarmos o gráfico, percebemos um enorme crescimento na porcentagem de matrículas ao decorrer dos anos. Podemos compreender essa expansão quando verificamos o expressivo aumento das instituições de IES privadas, ações do governo federal que preveem acesso à IES, e novas modalidades de ensino. (MANCIBO, VALE, MARTINS, 2015)

De acordo com Censo de Educação Superior de 2015 (INEP, 2016), 85,7% das IES brasileiras são instituições privadas e somam um total de 75,7% de matrículas, no que se refere a graduações.

Com o objetivo de aumentar o acesso à educação superior, foram criados subsídios e programas pelo Ministério da Educação, como é o caso do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e do Programa Universidade para Todos (PROUNI).

O primeiro funciona como um programa destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores de instituições privadas, enquanto o segundo oferece bolsas de estudo integrais e parciais também em instituições privadas de educação superior.

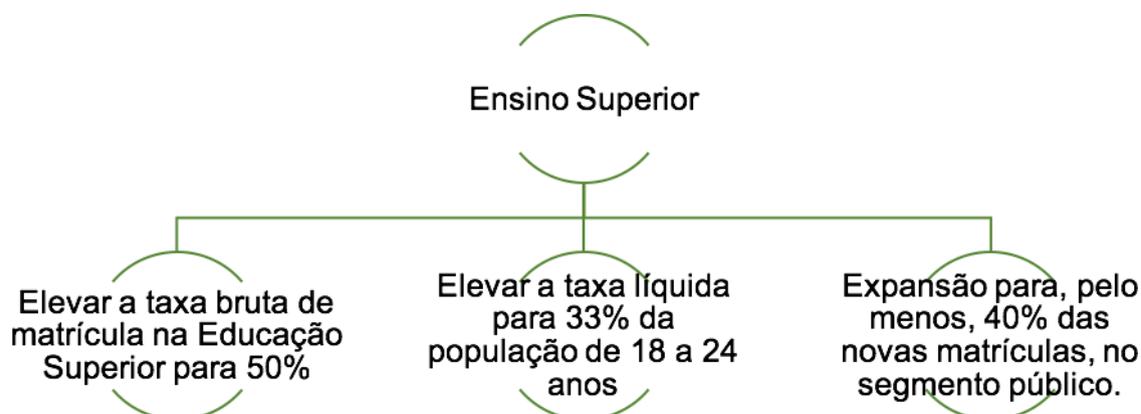
Em abril de 2007, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) foi criado, por meio do decreto presidencial nº 6.096.

Alguns dos objetivos do REUNI foram: aumentar o número de estudantes de graduação nas universidades federais e de estudantes por professor em cada sala de aula da graduação; diversificar as modalidades dos cursos de graduação, por meio da flexibilização dos currículos, do uso da educação a distância, da criação dos cursos de curta duração, dos ciclos (básico e profissional) e/ou bacharelados interdisciplinares; incentivar a criação de um novo sistema de títulos; elevar a taxa de conclusão e estimular a mobilidade estudantil entre as instituições de ensino.

Salientamos a importância da educação a distância como possível ferramenta para atrair mais estudantes à educação superior. Ainda de acordo com o Censo da Educação Superior (INEP, 2016), 17,4% das matrículas da educação superior são de alunos na modalidade a distância.

A seguir, serão apresentadas na figura 3 as metas para a educação superior.

Figura 3: Metas do PNE para educação superior



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Ao pensarmos no modelo social atual, necessitamos levar em conta a tecnologia como um fator fundamental. Nas últimas décadas, o desenvolvimento de novas tecnologias foi enorme e há, agora, novas formas de se comunicar e de ter acesso a informações, podendo-se romper barreiras geográficas e temporais.

Observa-se que, muitas vezes, o estudante universitário atual é jovem planetário, pois, ao ter acesso a diferentes fontes de informações, pode conectar-se com o mundo e compreendê-lo de uma nova forma. Entretanto, há uma lacuna entre o acesso à informação e ao conhecimento, pois o primeiro se relaciona com a inovação tecnológica enquanto o segundo inclui a dimensão da transformação social, cultural, política, econômica e institucional. O conceito de “sociedades do conhecimento” é preferível ao da “sociedade da informação”, já que expressa melhor a complexidade e o dinamismo das mudanças que estão ocorrendo (KHAN 2003 apud BURCH, 2005).

A educação se faz fundamental para unir ambos os conceitos, produzindo um cidadão que possa utilizar as informações acessadas e articulá-las criticamente com a sociedade onde está inserido. A globalização também possibilita mudanças contraditórias e profundas na ordem econômica, pois temos novas inserções sociais mediante o trabalho que exige manejo de novas

tecnologias e que permite maior geração de riqueza para poucos em detrimento de muitos, aumentando o quadro de desemprego e fome (SOUZA, 2016).

Essas mudanças também fazem com que o número de jovens na universidade aumente, como apresentado na figura 2. A educação é uma das responsáveis pela transformação social e precisa lidar com novos problemas que são particulares da atualidade e diferentes dos que eram discutidos há alguns anos. Sendo assim, faz-se necessário pensar e discutir quais são os possíveis caminhos para gerar uma mudança significativa na educação e que possam apresentar consequências para o desenvolvimento da sociedade no sentido de superar desafios.

Diante dos grandes desafios presentes em nossa organização social e considerando ainda os enormes avanços na tecnologia, é indispensável promover inovações na educação que façam frente aos novos desafios e ao novo contexto que a tecnologia está propiciando. Nesta pesquisa, compreendemos inovação como um conceito profundamente imbricado com a conjuntura atual nas suas múltiplas dimensões: social, econômica, educacional, ética e política.

Ressalta-se que não reduzimos o seu entendimento a possíveis aplicações de novos métodos de ensino em sala de aula ou ao uso de metodologias que envolvam apenas o uso das novas tecnologias.

Desse modo, será discutido o conceito de inovação, para que, posteriormente, pense-se em uma educação comprometida com as questões presentes na sociedade brasileira e latino-americana.

Nesse contexto, cabe papel específico às instituições de ensino superior, particularmente nas dimensões de ensino e pesquisa, seja na devida capacitação dos jovens para que compreendam a realidade da sociedade contemporânea e nela atuem, seja na pesquisa de novas soluções para os inúmeros problemas que nos afetam.

Iremos, então, direcionar a pesquisa para a educação superior, em especial para a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), uma universidade recente, criada em 2010, e que assume formalmente, em seu projeto e estatuto, uma proposta a qual a própria instituição classifica como inovadora (PORTAL, 2018).

Seja no estudo teórico que desenvolveremos sobre o conceito de inovação e, também, na pesquisa que faremos com integrantes da UNILA, procuraremos iluminar os fundamentos e as práticas desenvolvidas naquela universidade para verificar se, a partir do depoimento dos principais atores, ela pode ser caracterizada como sendo uma universidade inovadora.

Para responder tal questionamento, o trabalho apresenta os seguintes capítulos: primeiramente, será abordado o conceito de inovação na educação e como este se desenvolveu historicamente, direcionando, posteriormente, sua compreensão para o âmbito da educação no ensino superior. No capítulo seguinte, será feita a caracterização da UNILA, apresentando aspectos de sua constituição e criação, bem como o contexto no qual se insere. Finalmente, no capítulo conclusivo, será descrita a metodologia escolhida para investigar o problema apresentado.

2 INOVAÇÃO.

2.1 INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO.

O termo inovação é bastante plural, visto que há, nele, polissemia. Mesmo o seu uso sofre modificações no decorrer da história. Além disso, as mudanças contínuas na sociedade, principalmente na área tecnológica, aumentam o nível de complexidade desse conceito. Na busca por explicitar a sua conceituação, será necessário apresentar um breve histórico da evolução do seu significado.

A ideia de inovação surge do campo da administração, do mundo empresarial, da produção e de seu espaço no mercado (BATTESTIN; NOGARO, 2016). Nessa perspectiva, o sentido central do termo relaciona-se com o desejo do cliente, e a formas de se manter em consonância com o mercado, assim sobrevivendo às novas demandas para se sustentar no sistema capitalista.

Adam Smith, em meados do século XVII, já alertava que eram necessárias mudanças das técnicas de produção para que houvesse maior acúmulo do capital. E, em sua teoria, propõe a divisão de trabalho e a competição como ferramentas de um novo método de produção. A inovação, então, nessa esfera proposta, é contrapor-se ao obsoleto para sobreviver no mundo do mercado.

Mas, e para a educação? Quem traz o discurso da inovação? Como ele foi compreendido? Quais são seus possíveis sentidos?

Podemos encontrar referências sobre o tema da inovação, no âmbito da educação, desde mil novecentos e cinquenta, principalmente no contexto norte americano, ocasionado pelo avanço da ciência e tecnologia, inicialmente buscando compreendê-lo no ensino das ciências, com a intenção de reformar e mudar a sua prática (GARCIA, 2009).

Demandas sociais exigiram a renovação das formas de produção. Há autores que apontam que, no Brasil, a questão da inovação teria também vindo por meio das ciências e que a criação de diversos institutos, como o IBCEC (Instituto de Educação, Ciência e Cultura – Secção São Paulo) e a Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências (FUNBEC), teve o objetivo de alterar a forma de como os conteúdos e o ensino eram abordados (KRASILCHIK, 1980).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento e o progresso da ciência e tecnologia, por meio da inovação, afetaria o desenvolvimento econômico, cultural e social, e vice-versa, beneficiando e valorizando qualquer campo onde fosse

empregado, tanto em um antigo processo quanto em um produto, ou no próprio ser humano (GOMEZ, 2007). Com o decorrer dos anos, juntamente com todas as mudanças sociais, políticas e econômicas, a utilização e a percepção sobre a questão foram se modificando.

A partir de meados de 1970, a inovação é recorrente no meio da educação, principalmente com o propósito de “melhorar o estado vigente das coisas” (MESSINA, 2001). Para a autora:

O conceito e a prática da inovação transformaram-se significativamente. Enquanto nos anos sessenta e setenta, a inovação foi uma proposta predefinida para que outros a adotassem e instalassem em seus respectivos âmbitos, nos anos noventa, os trabalhos sobre o tema destacam o caráter autogerado e diverso da inovação.

Da mesma forma, de acordo com a literatura sobre o tema, podem-se identificar dois componentes que distinguem a inovação: a) a alteração de sentido a respeito da prática corrente e b) o caráter intencional, sistemático e planejado, em oposição às mudanças espontâneas. (MESSINA, 2001)

Para Saviani (1980), a inovação educacional é orientada por uma concepção filosófica que a sustenta, sendo assim, cada linha teórica terá um pensamento e finalidade próprios para a educação. O mesmo autor define a inovação educacional como um processo no qual a experiência educacional está “a serviço de novas finalidades” (SAVIANI apud GARCIA, 1995). Ou seja, é necessário, antes, questionar a finalidade da educação, pois toda inovação irá refletir na ação educativa.

Ainda na década de oitenta, Wanderley (1980) afirma que, numa perspectiva sociológica, a inovação educacional só poderia ser entendida através de um olhar para as relações entre educação e sua imersão social, levando em conta o caráter político, econômico e ideológico na qual se insere. Nesse sentido, como aponta Garcia (1985), a inovação não apresenta neutralidade e pode trazer consigo diversos valores e ideologias, incluindo ideais de progresso e desenvolvimento positivistas. O autor também afirma que a inovação não poderá ser sempre aplicada no intuito de resolver todas as demandas educativas do país.

Como se percebe, a ideia de inovação foi se transformando com o passar do tempo, abrindo espaço para que, por volta de 1990, os trabalhos fossem os mais diversos. Cardoso (1992) ressalta que a inovação traz algo de novo, porém

vai além dos conceitos mais utilizados de mera mudança, renovação ou reforma, e não pode ser considerada qualquer mudança, pois é imprescindível a intencionalidade, ou seja, não se dá por uma evolução natural. É mudança com consciência, com intenção de melhora das práticas educativas em questão.

A inovação também não é uma reforma, visto que não se dá somente por meios exteriores à instituição de ensino. É imprescindível que sejam assimiladas as características peculiares e individuais de cada caso.

Por fim, a inovação não é apenas uma renovação, pois ela necessita de um rompimento com o cenário em vigor, modificando efetivamente os caracteres essenciais da situação. Inovar, nessa perspectiva, é trazer à realidade educacional algo que possua em si o objetivo de melhorar a prática educativa, por meio de uma mudança intencional e evidente, com consciência e ação persistente.

Garcia (2009), ao afirmar que a inovação deve estar relacionada com a intencionalidade, ainda destaca que não devemos considerá-la sempre como algo inédito, pois sua definição pode adotar inúmeras formas e sentidos. Ela é aberta, e depende do contexto no qual está inserida. Sendo assim, a inovação é uma forma de gerar transformações nos sistemas de educação e não é finita em si mesma, estando em constante movimento.

Percebe-se que, ao longo da história, a inovação relacionada à educação foi sendo cada vez mais discutida e estudada. Inúmeros são os autores que abordam a questão e levantam sua importância, como: Campolina e Martinez (2013), Cavallo et al. (2016) e Singer (2018).

Campolina e Martinez (2013) compreendem a inovação educativa como “introdução de novidades que visam intencionalmente promover algum tipo de mudança e melhorias na instituição escolar”. Cavallo et al. (2016) propõem que o sentido de inovação na educação é pertencer ao campo social e ter como fator fundamental a ampliação do nível de participação daqueles que irão se beneficiar com as melhorias alcançadas. Isso se daria por meio da construção de novas formas de pensar e responder às questões desafiadoras do presente. Para Singer (2018), inovação é o que é produzido pelas comunidades para enfrentar os desafios sociais atuais, que sejam a degradação sócio ambiental, a fragilidade da democracia e a desigualdade social. A possibilidade desse enfrentamento

vem com o acesso à educação e pela criação de tecnologias, ferramentas e possibilidades para que todos aprendam.

Com a aprovação da Lei 10.973/04, lei de inovação tecnológica, o termo inovação, associado à educação, passa a ser utilizado na legislação brasileira. No Art. 2º, inciso IV, é apresentado o entendimento legal para o termo inovação:

Inovação: introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo e social que resulte em novos produtos, serviços ou processos ou que compreenda a agregação de novas funcionalidades ou características a produto, serviço ou processo já existente que possa resultar em melhorias e em efetivo ganho de qualidade ou desempenho. (BRASIL, 2004)

Dessa forma, baseada na definição teórico-conceitual apresentada pela lei, nota-se uma aproximação com as primeiras ideias sobre inovação, apresentadas anteriormente neste texto, a qual estaria ligada ao desenvolvimento de uma ciência e tecnologia que criam um ambiente produtivo, mais voltado para sua origem, no campo da administração, em que há uma preocupação com o mercado e a economia.

Em 2015, o Governo Federal, por meio do Ministério de Educação, lança o Programa Inovação e Criatividade na Educação Básica. O objetivo do programa foi criar bases para uma política pública de fomento à inovação e criatividade na educação básica (BRASIL, 2015). O projeto constata que há processos sociais que foram acentuados nos últimos anos que refletem uma necessidade de mudanças consistentes no que se refere à educação. Cita três destes processos sendo: a) o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação; b) transformações no mundo do trabalho; c) crescem também as exigências de atitudes éticas, mais prudentes e criativas em relação ao planeta. São apontados cinco sentidos que definem a inovação e criatividade, sendo eles:

1. Gestão: Importância da “corresponsabilização na construção e gestão do projeto político-pedagógico”;
2. Currículo: Importância do Desenvolvimento Integral, Sustentabilidade social, econômica, ecológica, cultural e Produção de conhecimento e cultura;
3. Ambiente: Um espaço compatível com as novas práticas educativas e um ambiente acolhedor e solidário que colabore com a equidade;

4. Metodologia: Importância do protagonismo do estudante através de estratégias pedagógicas que inclusive fazem uso dos recursos e tecnologias para ampliar as interações; a personalização do currículo, de acordo com as individualidades dos alunos; e elaboração de projetos que sejam organizados de acordo com o interesse do estudante e que contribuam com impactos na comunidade e formação profissional;

5. Intersetorialidade: Importância de uma rede de direitos que garanta os direitos fundamentais do estudante e que envolva a comunidade. (BRASIL, 2015)

Apesar de voltado para a educação básica, o programa apresenta o conceito de inovação, que se relaciona com as teorias explanadas de Cardoso (1992) e Garcia (2009), diferenciando-se da lei citada, tanto em termos de conceituação quanto de objetivos e propostas.

Neste trabalho, partimos da compreensão de que um ambiente educacional inovador parte de um desvelar, fundamentalmente com consciência crítica, rompendo com o cenário vigente, com a intenção de uma *práxis* que colabore para uma sociedade mais justa, com equidade, levando em conta que, para que isso ocorra, é necessária uma atuação nos cinco âmbitos abordados acima: gestão, currículo, método eficiente e que parta da realidade de ser dos educandos, ambiente e intersectorialidade. Para nós, essa é a definição de inovação na educação.

2.2 INOVAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR.

O desejo por inovação está em vários âmbitos da nossa sociedade, principalmente por influência das novas tecnologias e das novas formas de se comunicar. Na educação, não é diferente. O conhecimento e a vasta condição de acesso a conteúdos, a vontade de superar as fragmentações nas mais diversas áreas do saber – aliada à interdisciplinaridade e às novas demandas do século XXI, que influenciam na reelaboração de perfis e carreiras profissionais –, fazem com que repensemos o papel das instituições de ensino superior. A globalização, no sentido de propiciar o diálogo entre culturas, sociedades e história, favorece uma reflexão sobre qual espaço a IES ocupa e o que ela pode oferecer.

Antes de iniciarmos uma reflexão acerca do papel e espaço das IES, levando em conta a inovação, faz-se necessária a ressalva de que é preciso nos abstermos do senso comum ao pensarmos nos indicadores para se considerar

um ambiente educativo como inovador. Muitas vezes, a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, como a promoção, para alunos, de tablets e notebooks no ato da matrícula, é parâmetro para considerar uma instituição como inovadora, bem como possuir laboratórios de informática supermodernos, disciplinas a distância, ou substituir aulas expositivas por trabalhos em grupo (MASETTO, 2011).

Será que esses aspectos, por exemplo, podem ser indicadores de inovação? Quais outros sentidos poderíamos atribuir a esse termo?

Segundo o autor, podemos conceitualizar a inovação no ensino superior como “o conjunto de alterações que afetam pontos-chave e eixos constitutivos da organização do ensino universitário provocadas por mudanças na sociedade ou por reflexões sobre concepções intrínsecas à missão da Educação Superior.” (MASETTO, 2004); entende-se, aqui, que os pontos-chave e eixos constitutivos do ensino universitário são:

- a) O projeto pedagógico;
 - b) Os objetivos educacionais mais amplos que incluem habilidades e competências humanas e dos profissionais, bem como atitudes e comportamentos exigidos pela sociedade atual como ética, política e profissionalismo;
 - c) Organização curricular, a qual deve ser flexível e passível de reorganização para que atenda às novas exigências do projeto pedagógico ou novas metas educacionais;
 - d) Integração das disciplinas e atividades curriculares em função dos objetivos educacionais, trabalhando com a interdisciplinaridade buscando superar a fragmentação do conhecimento;
 - e) Substituição da metodologia tradicional, baseada em aulas expositivas, por métodos que motivem o aluno, favoreçam as diversas formas de aprender, e possibilitem a participação ativa no processo de ensino e aprendizagem;
 - f) Exploração de tecnologias que facilitem o contato entre professor aluno, os próprios alunos e informações do mundo;
 - g) Avaliação formativa, instrumento de feedback e reelaboração da prática de ensino;
 - h) O professor como um mediador pedagógico o qual desenvolve um trabalho em equipe, com pareceria e co-responsabilidade com seus alunos;
 - i) Preparação de professoras e professores para ocupar este espaço e assumirem projetos inovadores, mediante um trabalho de formação docente contínua e em serviço que possibilite a reflexão sobre suas atividades docentes, o intercâmbio de experiências com colegas e o diálogo entre as áreas;
 - j) Infraestrutura que dê apoio à projetos e relações inovadoras.
- (MASETTO, 2004)

Sobre as “alterações provocadas por mudanças na sociedade”, o autor comenta que estamos na “sociedade do conhecimento” e, assim, somos bombardeados com informações procedentes das diversas partes do globo, as quais são divulgadas rapidamente pelos diversos meios de comunicação. E que, apesar do acesso, é gerada em nós uma sensação de impotência, pois não conseguimos acompanhar tudo.

Sendo o conhecimento a base da educação, faz-se necessário avançar nos estudos sobre a influência dessas tecnologias no trabalho acadêmico, para que haja mudanças na cultura organizacional da instituição. A “sociedade do conhecimento” exige que os profissionais tenham novas habilidades e competências que possibilitem exercer sua atuação neste mundo globalizado que se atualiza a cada instante.

Por fim, sobre as “alterações que traduzem na vida das instituições as reflexões atuais sobre concepções intrínsecas à missão da Educação Superior”, Masetto (2004) cita a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação da UNESCO:

O documento da UNESCO explicita, ainda, alguns aspectos a exigir mudanças essenciais, inovadoras, na educação superior: nos currículos, métodos pedagógicos, na formação contínua de professores, incluindo a formação pedagógica; além da incorporação crítica da tecnologia, da educação a distância e da compreensão e exploração dos ambientes virtuais. Tais pontos poderão provocar inovações significativas e relevantes na Educação Superior.

Apesar de compreendermos a importância de alguns dos temas abordados por Masetto, ressaltamos que nos afastamos de sua perspectiva, pois entendemos de forma diferente o conceito de inovação e o seu papel no ensino superior e na educação como um todo. Salientamos que o papel da inovação no ensino superior não deve ser apenas uma responsabilidade da IES ou consequência da “sociedade do conhecimento”. Defendemos a necessidade de políticas públicas específicas para este setor, pois possuímos o entendimento de que a educação é um aspecto estrutural da sociedade e, ao pensarmos em uma educação inovadora, consideramos a conjuntura social, bem como sua dimensão histórica, como elementos fundamentais e sem os quais a mesma não pode ocorrer.

Por outro lado, é importante registrar que a inovação não é neutra e não pode ser reduzida a um simples elenco de técnicas. Sendo assim, a inovação está a serviço de alguém ou de uma determinada classe social.

Segundo a autora Fagundes (2018), as universidades são centros de depósitos de esperanças de uma parcela enorme da população, a qual espera e exige resultados, benefícios sociais e culturais com efetividade. Para ela, uma universidade inovadora com qualidade deve:

- a) Garantir o desenvolvimento do estudante visto as demandas de um mundo globalizado, conectado plural;
- b) Incorporar e fomentar tecnologias, suas dimensões e seus desdobramentos;
- c) Perceber a inovação como princípio articulador e propulsor do conhecimento;
- d) Afrontar a avaliação para melhoria do processo educativo;
- e) Reorientar currículos e modelos educacionais para o desenvolvimento do pensamento crítico.

(FAGUNDES, 2018, online)

Ao se pensar em um contexto de ensino superior, é preciso entender o contexto em que existe determinada instituição, bem como seu propósito e sua intencionalidade política e pedagógica, afinal, não existe instituição neutra. Sobre isso, "toda neutralidade afirmada, é uma opção escondida" (FREIRE, 1972, p. 57).

Na pesquisa, consideraremos algumas categorias para que se possa pensar em características de inovação no ensino superior, embasados pelos referenciais apresentados e pela construção desenvolvida até então. Vale ressaltar que há pouco material produzido até o momento sobre o tema, não existindo muitas pesquisas nesse campo, o que dificulta um delineamento de categorias e indicadores específicos, por isso, levantamos tais aspectos com base no exposto e compreendido, utilizando também autores que não trabalham especificamente com o tema da inovação no ensino superior, porém, que, por sua obra acadêmica de relevância, entendemos que possa ser aplicado neste âmbito sem nenhum prejuízo.

Traremos, agora, aspectos importantes a serem observados em uma IES, os quais podem, ou não, caracterizá-la como inovadora. Como categorias centrais, utilizaremos os cinco sentidos fundamentais para a inovação em instituições de ensino, já apresentados acima, no tópico 2.1, e proposto no

projeto do MEC, acrescentando desdobramentos e, assim, formando subcategorias.

Figura 4: Características de IES inovadora

Gestão	Currículo	Ambiente	Metodologia	Intersetorialidade
<ul style="list-style-type: none"> • Intencionalidade política e pedagógica • Profissionais preparados e com autonomia que serão corresponsáveis na construção do processo de educar e formar profissionais • Democracia Universitária 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento integral • Interdisciplinaridade • Importância das demandas do globo • Desenvolvimento de um pensamento crítico • Flexíveis e passíveis de reorganização • Avaliações que promovam a reelaboração constante e contínua do saber. 	<ul style="list-style-type: none"> • Infraestrutura que dê apoio a projetos e relações inovadoras • Ambiente acolhedor que colabore para solidariedade e equidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento se construa a partir da realidade do ser dos educandos • Aluno como participante ativo • Professor como mediador • Quebra do método bancário • Métodos ativos de ensino • Utilização de tecnologias de forma colaborativa à construção do saber e que promova interações, 	<ul style="list-style-type: none"> • Rede que garanta direitos fundamentais a comunidade universitária • Diálogo com os diversos setores sociais • Envolvimento com a comunidade local • Cultura e Sociedade

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Existe uma relação dialética entre as características levantadas, uma atuando diretamente nas outras, sendo um processo simultâneo e contínuo. Apesar de levantarmos tais características, as quais consideramos essenciais, ressaltamos que não existe uma construção fixa e determinante. Sempre haverá novos indicadores que dependerão do contexto específico. A figura acima serve apenas como um norte por onde iremos caminhar ao compreendermos o que poderia formar uma instituição de ensino como inovadora.

3 UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.

Neste capítulo será apresentado um resgate histórico da fundação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em que contexto ela está inserida, seu projeto político e pedagógico, bem como seus fundamentos básicos. Para compreendermos a universidade em questão, é necessário examinarmos seus antecedentes históricos e políticos.

O governo do Partido dos Trabalhadores (PT), durante a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2011), foi marcado por alterações na política externa em relação ao governo anterior, de Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2003). Segundo Berringer e Boito (2013, p.1), os governos anteriores ao do PT foram marcados por uma política externa voltada para o alinhamento automático com as políticas americana e europeia, em detrimento das relações Sul-Sul. A Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), uma proposta norte americana baseada nas políticas neoliberais para impulsionar o comércio com os países latino-americanos, elaborada no governo Bill Clinton em 1994, foi um importante paradigma que marcou as diferenças entre o governo de FHC e as propostas de governo de Lula.

Ainda segundo os autores citados acima, a ALCA foi um dos fatores responsáveis para mudanças da correlação de forças dentro dos blocos de poder no Brasil, visto que a grande burguesia industrial nacional não aceitava as condições impostas. Nesse sentido, há uma aproximação dessa burguesia com os interesses dos movimentos populares e sindicais brasileiros, que faziam parte do movimento contra a proposta da ALCA, mesmo que por diferentes motivações. É possível perceber a mudança do direcionamento da política externa na fala do presidente Lula durante a IV Cúpula das Américas (2005):

Eu me orgulho muito de ter vivido esse momento na América Latina, onde saímos de um Mercosul fracassado em 2002 para a construção não apenas de fortalecimento do Mercosul, mas da constituição da Comunidade Sul Americana de Nações. Durante séculos o Brasil ficou de costas para a América do Sul e ficou de frente para os Estados Unidos e para a União Europeia, achando que tudo que era bom para os EUA e Europa era bom para o Brasil também. Durante muito tempo a Bolívia achava que o Brasil era um país imperialista no continente e que, portanto, os empresários bolivianos tinham medo dos empresários brasileiros e não tinham medo de empresários de outros países. Durante muito tempo os empresários argentinos desconfiavam

dos brasileiros e assim por diante [...]. Hoje nós estamos convencidos que não existe saída individual para os países [...] (SILVA, 2005, online)

Durante o governo do PT, Lula priorizou, em sua política externa, o fortalecimento do Mercosul, entre outros acordos internacionais que integrem a América do Sul. Dado o cenário político nacional e internacional sucintamente exposto acima, podemos compreender em que contexto a UNILA foi forjada e qual vem a ser a sua vocação frente à sociedade.

A UNILA possui natureza jurídico autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, dotada de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial, em conformidade com a Constituição Federal, e com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná.

Está localizada na cidade de Foz do Iguaçu, no extremo oeste do Paraná – uma região caracterizada como Trinacional, composta por Brasil, Argentina e Paraguai, sendo considerada um polo econômico e cultural entre as três regiões. Segundo o Ministério do Turismo, é o segundo local mais visitado no Brasil, principalmente, por abrigar as Cataratas do Iguaçu, além de ser cercada por uma reserva natural, com uma área de 250 mil hectares, configurada como patrimônio natural brasileiro e argentino, com acesso pelos dois países.

Segundo o censo formulado pelo IBGE (2010), Foz do Iguaçu consta com uma população de aproximadamente 260 mil habitantes, a região mais densamente ocupada na área que limita os três países, resultado de um acelerado processo de integração econômica, cultural e demográfica *sui generis* na América Latina.

No ensino superior público, na cidade de Foz do Iguaçu, existe, além da UNILA, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná e outras quatro universidades privadas: Faculdade de Foz do Iguaçu (FAFIG), o Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu (CESUFOZ), a Faculdade União das Américas (Uniamérica), e a Faculdade Unificada de Foz do Iguaçu (UNIFOZ). A UNILA oferece atualmente 29 cursos de graduação, com mais de 15 cursos de pós-graduação e programas de extensão interdisciplinares que relacionam educação, cultura, ciência e política, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável e social (PORTAL, 2018).

Os cursos de graduação são: Administração Pública e Políticas Públicas, Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana; Arquitetura e Urbanismo; Biotecnologia; Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina; Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade; Ciências da Natureza – Biologia, Física e Química; Ciências Econômicas – Economia; Integração e Desenvolvimento; Cinema e Audiovisual; Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar; Engenharia Civil de Infraestrutura; Engenharia de Energia; Engenharia de Materiais; Engenharia Física; Engenharia Química; Filosofia – Licenciatura; Geografia – Bacharelado; Geografia – Licenciatura; História – América Latina; História – Licenciatura; Letras – Artes e Mediação Cultural, Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras; Matemática – Licenciatura; Medicina; Música; Química – Licenciatura; Relações Internacionais e Integração; Saúde Coletiva e Serviço Social.

Nesse sentido, faz-se necessário estimular seu corpo docente e discente para uma relação interativa com a comunidade da região Trinacional e da América Latina como um todo.

Sua localização estratégica, na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, caracteriza uma atuação voltada para o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países da América Latina. Levando em conta o contexto geográfico, bem como econômico cultural e político-institucional, a UNILA busca contribuir para a integração latino-americana, levando em conta a diversidade das identidades de cada país e as características que formam as raízes e o destino comum enquanto continente diante do mundo globalizado.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana é criada a partir do decreto da Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu ministro da educação Fernando Haddad, com o objetivo de prover ensino superior, desenvolver pesquisas em diversas áreas de conhecimento e, ainda, proporcionar a extensão universitária, formando, fundamentalmente, recursos humanos, capazes de contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais. Sobre isso, o decreto de lei aponta:

Art. 2º A Unila terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL. (BRASIL, 2010)

Sobre o conceito de “integração latino-americana”, a UNILA não se restringe à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica. A América Latina compreende todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim.

A América Latina engloba 21 países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela; e, segundo o Observatório da Integração Regional, projeto de pesquisa e extensão da UNILA, administrado pelo Núcleo de Estudos Estratégicos, Geopolítica e Integração Regional (NEEGI), o processo de integração regional na América Latina contemporânea é um processo complexo e multifacetado, o qual engloba os seguintes âmbitos:

- (I) no âmbito Político e Institucional, em que predomina a participação de Estados e atores Estatais;
- (II) na esfera Econômica, em que a integração envolve desde o aumento da interdependência comercial, até a standardização de políticas macroeconômicas e a integração produtiva;
- (III) no campo da integração sociocultural, que envolve atores estatais e não estatais, desde programas de cooperação educacional e acadêmica, até a atuação de movimentos sociais e da sociedade civil organizada;
- (IV) no nível geopolítico inclui desde a integração securitária e a construção de uma política de defesa regional comum; até a construção de infraestrutura integrada de energia, transportes e comunicações, que aparecem como componentes fundamentais para sustentar outras formas de integração, na medida em que viabilizam a circulação de pessoas, informações, serviços e produtos. (OBSERVATÓRIO, 2018)

Entendendo a importância de cada um desses âmbitos, compreende-se o desenvolvimento regional, não apenas visando o fator econômico da região da tríplice fronteira, mas busca-se colaborar com os aspectos políticos, econômicos

e culturais de toda a América Latina, entendendo que o conhecimento produzido na instituição possa ser de grande valor para a transformação regional.

Para que haja integração latino-americana e desenvolvimento regional, é fundamental que ocorra intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, pois apenas por meio dele será possível compreender e transformar o contexto atual dos países envolvidos.

A UNILA, como muitas universidades do mundo, herda esse compromisso construído a partir do movimento que deu origem à Reforma Universitária de Córdoba (1918). Esse movimento, considerado a vanguarda do movimento político e estudantil na sua época, conseguiu a adesão da sociedade como um todo para o amplo debate sobre o modelo de universidade imposto pela doutrina europeia, que não dialogava com as demandas sociais existentes na América Latina, bem como propôs a construção de um conhecimento científico-acadêmico, independente dos interesses europeus. É nesse ensejo histórico que a UNILA enxerga o futuro do conhecimento, do desenvolvimento econômico, da justiça social e da sustentabilidade ambiental, sem esquecer a construção histórica das universidades na América Latina.

Segundo o estatuto da UNILA (2010), a instituição possui compromisso com a sociedade democrática, com múltiplas culturas e fundamenta sua atuação no pluralismo de ideias, no respeito pela diferença e na solidariedade, buscando a formação de acadêmicos, pesquisadores e profissionais para o desenvolvimento e a integração regional, colaborando para uma construção de sociedades mais justas, com equidade econômica e social. Por meio do conhecimento compartilhado e da geração, transmissão, difusão e aplicação de conhecimentos produzidos pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, de forma conjunta, haverá, em consequência, uma formação de pessoas para o exercício acadêmico e profissional e motivados na busca de soluções democráticas aos problemas latino-americanos.

Ainda segundo seu estatuto, a UNILA é regida pelos seguintes princípios:

- I – A universalização do conhecimento, a liberdade de ensino e pesquisa e o respeito à ética;
- II – O respeito a todas as formas de diversidade;
- III – O pluralismo de ideias e de pensamentos;
- IV – O ensino público e gratuito;
- V – A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;

- VI – A diversidade de métodos, critérios e procedimentos Acadêmicos;
- VII – A qualidade acadêmica com compromisso social;
- VIII – Educação bilíngue: português e espanhol;
- XIX – Promoção da interculturalidade;
- X – Valorização do profissional da educação docente e técnico;
- XI – A defesa dos direitos humanos, da vida, da biodiversidade e da cultura de paz. (UNILA, 2010)

A UNILA possui quatro institutos que organizam as áreas de conhecimento, sendo eles: Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História; Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política; Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza; Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território.

Os 29 cursos de graduação oferecidos pela UNILA são distribuídos dentro desses quatro institutos, e todos possuem autonomia para a formulação de seus currículos, respeitando as especificidades e requisitos de cada área, as diretrizes curriculares e as condições fixadas pela legislação vigente, seguindo, em consonância, os objetivos e finalidades da instituição, sendo fundamental a geração de conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico integrados no ensino, na pesquisa e na extensão, assim como estimular a produção cultural e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo de forma a gerar, transmitir, aplicar e difundir o conhecimento.

Os cursos oferecidos pela UNILA são, em grande parte, de interesse mútuo dos países da América Latina, sobretudo dos membros do Mercosul, com ênfase em temas envolvendo exploração de recursos naturais e biodiversidades transfronteiriças, estudos sociais e linguísticos regionais, relações internacionais e demais áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regional.

Além do currículo e planejamento pedagógico de cada curso, é parte da missão da UNILA o Ciclo Comum de Estudos. O Ciclo Comum de Estudos é obrigatório a todos os estudantes matriculados, compondo a primeira fase das atividades ministradas nos cursos de graduação, tendo duração máxima de três semestres e contemplando os seguintes conteúdos: a) Estudo compreensivo sobre a América Latina e Caribe; b) Epistemologia e Metodologia; c) Línguas Portuguesa e Espanhola.

O processo seletivo para graduação da UNILA tem como porta de entrada o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) promovido pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o qual exige que o candidato tenha concluído ou esteja em via de concluir o Ensino Médio, além de estar em congruência com a Lei nº. 12.711/2012, que disponibiliza vagas reservadas aos pretos, pardos e indígenas, devendo corresponder à percentagem desta população no Estado do Paraná. No que diz respeito à pós-graduação, a instituição tem como porta de entrada o processo seletivo referente a cada área, que é executado por uma banca de seleção designada pelos departamentos. Os candidatos são classificados quanto ao histórico escolar da graduação, ao *Curriculum vitae* e à entrevista.

A UNILA é fruto de seu momento histórico único, permeada por diversas influências dentro do meio político e acadêmico nacional e internacional. Segundo a instituição, assim foi possível construir uma universidade estruturada em uma organização inovadora (PORTAL, 2018), aberta aos avanços acadêmicos, científicos humanísticos e culturais. Toda essa estrutura pode ser sintetizada no compromisso da UNILA com destino das sociedades latino-americanas.

4 A PESQUISA.

Buscando compreender os fundamentos e as práticas desenvolvidas na UNILA, pretendemos verificar, a partir do depoimento dos principais atores, se essa instituição pode ser caracterizada como sendo uma universidade inovadora. Para isso, utilizamos entrevistas semiestruturadas para a obtenção das informações que propiciaram responder nossa indagação.

A pesquisa qualitativa utiliza o ambiente natural como fonte direta de dados, valorizando o contato direto do pesquisador com o ambiente e situação pesquisada (GODOY,1995). A escolha por um método qualitativo e de análise do conteúdo permitiu a compreensão da UNILA e seu impacto na sociedade, daí a necessidade em utilizar um método que não esteja limitado apenas a questões quantitativas. Tal método de análise foi utilizado para compreensão do material gerado a partir das entrevistas realizadas.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES.

Os participantes entrevistados pertencem aos seguintes segmentos: gestão, corpo docente, corpo discente e servidores. Foi entrevistado um sujeito de cada um desses grupos.

No capítulo seguinte, apresentaremos as características mais marcantes de cada sujeito participante, a partir da manifestação que fizeram para a pesquisadora durante a entrevista.

4.2 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO.

O instrumento de pesquisa escolhido foi a entrevista semiestruturada, considerando-se a sua adequação para captar as falas dos atores sobre fundamentos e práticas da universidade, para que assim verificássemos as características da UNILA como sendo possivelmente uma instituição inovadora.

Segundo Moroz e Gianfaldoni (2006, p.80), a elaboração do conhecimento científico é um processo de busca de respostas: a pesquisa científica tem por objetivo elaborar explicações sobre a realidade, sendo possível preencher lacunas em um determinado sistema explicativo vigente. É um

processo que envolve algumas atividades, sendo: a formulação do problema, o planejamento de pesquisa, a coleta e a interpretação dos dados e a comunicação da pesquisa. A presença da pesquisadora na UNILA se fez necessária para a obtenção de informações relevantes para a pesquisa, permitindo maior compreensão de pontos não nítidos, presentes no referencial bibliográfico.

Foram marcadas datas e horários para as entrevistas. Foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A) que conta com a justificativa e objetivo pretendido, e garantias de sigilo e de liberdade de recusa na participação da pesquisa. Também foi reforçado que apenas a pesquisadora e o orientador teriam acesso ao conteúdo gravado e que apenas a transcrição da entrevista será usada no trabalho final.

Com a aceitação definitiva do participante, a entrevista foi realizada pela pesquisadora com o auxílio de um roteiro de entrevista (APÊNDICE C). O uso do roteiro teve como objetivo auxiliar a pesquisadora na condução da entrevista de forma que conseguisse acessar, por meio da mensagem, os assuntos relacionados ao objetivo geral da pesquisa. Para fins de caracterização dos entrevistados, foram sistematizadas informações a partir dos pseudônimos, idade, posição ocupada na instituição, tempo de vivência na instituição, representante ou não de algum movimento, formação e área em que atua. Os dois últimos não se aplicam aos discentes (APÊNDICE B).

Foi realizada uma entrevista piloto para obter informações a respeito da qualidade do roteiro das entrevistas e para aperfeiçoamento da pesquisadora em sua técnica de realização. Essa entrevista foram transcritas (APÊNDICE E) analisada pela pesquisadora, pelo entrevistado e pelo orientador, com o objetivo de validar o instrumento escolhido e estudar possíveis melhorias na condução das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas individualmente e não tiveram limite de tempo. No que diz respeito ao público escolhido neste trabalho, não foram feitas restrições em relação a idade, credo, etnia e gênero dos entrevistados.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS E IDENTIFICAÇÃO DE CATEGORIAS.

Após a etapa de coleta, organizaram-se os dados, e isso caracteriza a parte da Análise de Dados: o agrupamento dos dados, a representação, a

descrição do que foi representado, apoiado na análise de conteúdo (MOROZ; GIANFALDONI, 2006).

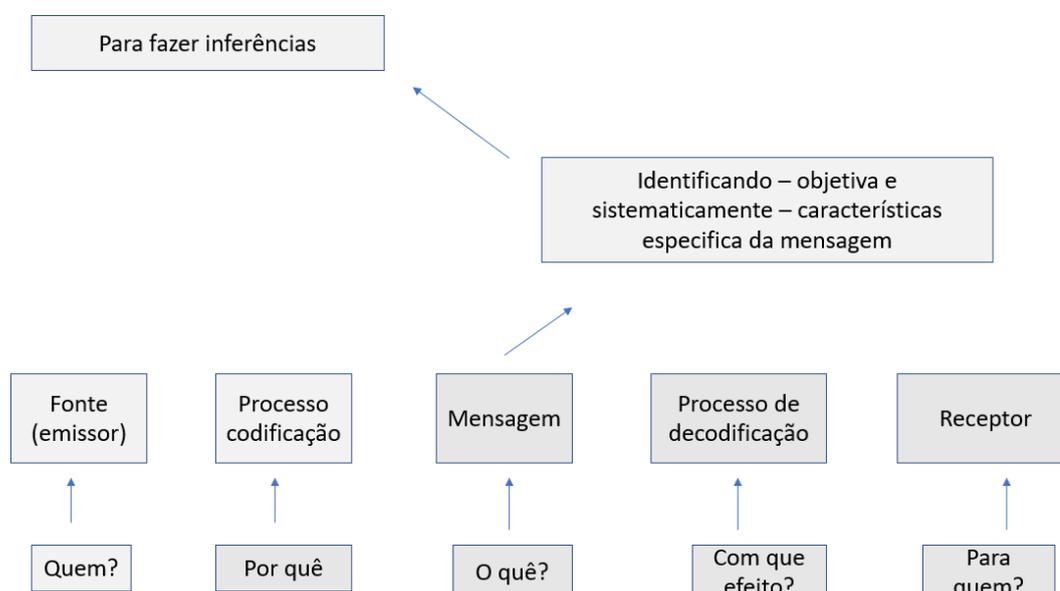
As informações coletadas passaram por um processo de análise crítica. Segundo Franco (2005, p.18), o procedimento da análise de conteúdo procura delinear o amplo campo da comunicação e da mensagem.

Com base na mensagem que responde às perguntas: o que se fala? O que se escreve? Qual a intensidade? Com que frequência? Que tipo de símbolos figurativos são utilizados para expressar ideias? E os silêncios? E as entrelinhas? [...] e assim por diante a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação. (FRANCO, 2005, p. 9)

De outro modo, a análise do conteúdo é considerada como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que está ancorada nos procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN,1977).

Segundo Franco (2005), toda comunicação pode ser composta por alguns elementos fundamentais: uma fonte de emissão, um processo codificador que resultará em uma mensagem e tem como meio um canal de transmissão das ideias, um receptor e seu respectivo processo decodificador – como representado na figura abaixo:

Figura 5: Características da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Após as transcrições, foi realizada a leitura de todo o material, com o objetivo de estabelecer relações com os textos do referencial bibliográfico e identificar as mensagens contidas. A leitura das transcrições foi fundamental para compreender as impressões, representações, emoções e expectativas proporcionadas pelo material adquirido. Segundo Franco (2005), a inferência é fundamental para a análise de conteúdo.

Produzir inferências é, pois, *la raison d'être* da análise de conteúdo.

É ela que confere a esse procedimento relevância teórica, uma vez que implica, pelo menos, uma comparação, já que a informação puramente descritiva, sobre conteúdo, é de pequeno valor. Um dado sobre conteúdo de uma mensagem (escrita, falada e ou figurativa) é sem sentido até que seja relacionado a outros dados. O vínculo entre eles é representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdo implica em comparações; o tipo de comparação é ditado pela competência do investigador no que diz respeito a seu maior ou menor conhecimento acerca de diferentes abordagens teóricas. (FRANCO, 2005, p. 21)

O passo seguinte foi a análise individual das entrevistas, com o intuito de identificar aspectos gerais que pareçam relevantes e, por fim, a análise de conteúdo foi realizada baseada em categorias, que são as palavras, temas, personagens ou itens mais abrangentes, de forma a relacionar e comparar os discursos de cada entrevistado.

Os aspectos levantados possibilitaram a construção de subcategorias de análise que foram agrupadas a partir de suas características mais amplas.

As categorias e subcategorias foram reunidas em um quadro juntamente com fragmentos dos discursos das entrevistadas. (APÊNDICE D)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.

A coleta das entrevistas, com base nos procedimentos descritos no capítulo anterior, contou com a participação de cinco sujeitos. A partir do material coletado demos início à análise das categorias, constituídas com base no procedimento metodológico já descrito. Partindo-se da Análise de Conteúdo, foram criadas cinco que sustentam nossa discussão neste capítulo:

1. A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina
2. O combate às desigualdades sociais é primordial para a UNILA
3. O público da UNILA é especial
4. Desafios a serem superados
5. O futuro da UNILA

As entrevistas realizadas com intuito de se compreender a percepção dos participantes sobre possíveis estruturas e práticas inovadoras da UNILA, proporcionaram a possibilidade para a pesquisadora analisar cada depoimento e contemplá-lo em seus sentidos e significados. Desta forma, aproximamo-nos dos sujeitos pelas suas compreensões de inovação e universidade. Seguimos então para a das categorias e subcategorias.

5.1 SUJEITOS.

Previamente caracterizados no capítulo 4, sentimos necessidade de apresentar os entrevistados para que haja uma maior compreensão da análise das entrevistas e uma maior aproximação entre o sujeito pesquisado e o leitor, explicitando particularidades importantes para esse estudo. Destacam-se, então, informações sobre a área ocupada dentro da universidade, tempo de vivência na instituição, área de formação, idade, gênero, participação em algum movimento social vinculado à UNILA e, ainda, apresentaremos os pseudônimos. Com base no Apêndice B, Caracterização dos Sujeitos, organizamos as informações sobre os sujeitos de forma a elucidar suas características, conforme o quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Caracterização dos Sujeitos.

Pseudônimo	Gênero	Idade	Área ocupada na UNILA	Tempo de vivência na instituição	Formação	Participa de Movimento Social? Qual?
Clara dos Anjos	Feminino	46	Pró-Reitora de relações institucionais e internacionais/ Professora	9 anos	Letras	Não
Pitû	Feminino	32	Professora	2 anos	Ciência Política	Sim, sindicato
Béa	Feminino	34	Técnica administrativa PROINT	5 anos	Turismo	Sim, sindicato
Luz	Feminino	33	Aluna Brasileira	5 anos	Administração Pública	Sim, movimento estudantil
Ursula	Feminino	21	Aluna Internacional	3 anos	Arquitetura	Sim, movimento estudantil

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.1 Clara dos Anjos – Pró-reitora de relações institucionais e internacionais – PROINT.

Clara dos Anjos é professora do curso “Letras, Artes e Mediação Cultural”, único no Brasil, e, também, pró-reitora. Entrou na UNILA no primeiro concurso para professor efetivo em 2010, primeiro ano da instituição. Clara dos Anjos, é natural do Rio de Janeiro e, segundo seu depoimento, havia um certo corporativismo entre os estados do eixo sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e dessa forma encontrou em Foz do Iguaçu uma possibilidade para escapar dessa situação. Além disso, apresenta na fala abaixo outra razão fundamental para decidir vir para a UNILA, a missão dessa universidade:

Mas eu quis vir pra cá pela missão da Universidade, porque a minha formação é Letras, Português e Espanhol, meu Mestrado é sobre a América Latina, meu Doutorado é sobre a América Latina, então quando eu vi o projeto da Universidade eu fiquei encantada, eu falei: tenho que ir pra lá!

Clara dos Anjos afirma que o que a motiva e o que a faz ficar na instituição é a experiência diferenciada da UNILA. Diz que não encontrará nada parecido em nenhum outro lugar. E, ainda, que só sairá da instituição caso seja expulsa. Percebemos, durante a entrevista, uma grande admiração pela universidade e pelo trabalho desenvolvido na instituição.

5.1.2 Pitû – Professora.

Pitû é professora substituta do curso de ciência política e, além de lecionar disciplinas dentro do próprio curso, também dá aulas dentro do ciclo comum, como Fundamentos da América Latina, em que se estudam questões sociais, econômicas, históricas, políticas e ambientais da América Latina. Mostra-se bastante entusiasmada durante a entrevista com a diversidade presente na UNILA e afirma que essa diversidade favorece muitos debates dentro de sala de aula, o que é desafiador e positivo.

Ao seu ver, um dos aspectos mais positivos da UNILA é a oportunidade de acesso à educação de qualidade e a possibilidade de mudança positiva na

vida de alunos e suas famílias, promovendo um combate às desigualdades, e que isso foi bastante diferente de sua trajetória pessoal:

Pensando no contexto do qual eu vim, eu estudei na UFRGS, no curso de Relações Internacionais, um curso bem concorrido, então, é para uma elite né, e na época ainda não tinha cotas. Então, eu vi ali que a maior parte das pessoas ou era filho de, assim, os pais tinham universidade né, eu especificamente venho de uma família que meu bisavô já tinha Ensino Superior, uma família de professores e advogados por parte de mãe. E eu vejo aqui na UNILA, que são pessoas que, assim, a maior parte tá a primeira vez, são a primeira geração a ir pra uma Universidade. Então eu acho que isso com certeza contribui pro combate à desigualdade.

Para Pitû, o despertar dos alunos para questões fundamentais da América Latina é a parte mais gratificante de fazer parte da UNILA:

Eu acho que o mais gratificante é ver alunos desenvolvendo uma consciência crítica e colocando o discurso de como eles precisam lutar pela desigualdade, precisam lutar contra a opressão. E de eu ver esse crescimento deles do início do semestre ao fim do semestre, e essa preocupação com a América Latina, de ter esse outro olhar epistemológico.

5.1.3 Béa – Assistente Administrativa.

Béa é assistente administrativa há 5 anos na UNILA e atua na pró-reitoria de relações institucionais e internacionais (PROINT), trabalhando com mobilidade acadêmica. Anteriormente, era assistente na reitoria e fazia recepção de comitivas, mas sempre atuou com a parte de relações internacionais.

Possui formação em Turismo com pós-graduação em relações internacionais.

Durante a entrevista, Béa reforça a importância do projeto UNILA, principalmente no que se refere à integração da América Latina e diz que a sua posição favorece a compreensão da importância desta missão:

[...] eu acredito que por eu ter sempre trabalhado na área ali de relações internacionais e que desde 2014 é o departamento encarregado da internacionalização da UNILA e direta..

diretamente é... encarregado da missão institucional da UNILA que é a integração latino-americana... é... eu acredito que isso me dá uma posição de privilégio ali dentro é... Ver a importância dessas, dessa questão, desse ponto específico da lei de criação da Unila, que é objetivo dela, a missão dela é promover a integração solidária na América Latina né...

Para Béa, outro ponto fundamental é a transformação que o estudante da UNILA tem durante sua trajetória:

O que sempre me deixou assim bem feliz e motivada é quando a gente vê a chegada dos estudantes e a saída deles, sabe...Eu costumo sempre trabalhar nas colocações de grau e até uns dois anos atrás também trabalhava nas seleções de estudantes... então né, desde a entrada até a saída... e é muito bom, assim você ver gente que sai, sei lá, do Equador, de El Salvador, pra vir aqui porque acredita que vai fazer diferença na vida deles... daí é o que motiva a gente a contribuir para a formação da transformação social deles.

5.1.4 Luz – Aluna brasileira.

Luz conheceu a UNILA em 2014, quando decidiu sair da área do marketing, sua primeira graduação. O que chamou atenção para a universidade foi o curso pioneiro de Engenharia e Energias Renováveis e, também, o projeto diferenciado da UNILA:

Eu vim em função do projeto da UNILA porque quando eu olhei o projeto eu super me interessei pelo projeto de integração, toda essa questão de fazer intercâmbio na América Latina através do conhecimento... foi uma coisa que me chamou muito a atenção, e o curso também na época que eu tinha resolvido que ia fazer, das engenharias assim... o curso de engenharias renováveis me chamou muito a atenção.

Luz também faz parte do Movimento Fagulha, no qual se pretende uma mobilização do movimento estudantil para uma atuação mais combativa e buscando enfrentar outros movimentos estudantis ligados a partidos políticos que, segundo ela, agem de forma eleitoreira e são vinculados a interesses externos que inviabilizam a luta do estudante.

Então a gente verificando que existia um grupo de estudantes aqui que inclusive vinham já de outras universidades, já eram o que a gente chama de “estudante profissional” assim, aí a gente

se reuniu e criou esse grupo que é o movimento Fagulha, pra tentar colocar alguma forma de resistência contra isso e defender efetivamente os interesses dos estudantes, né, e não os interesses eleitoreiros de partidos (...) é só pensar que o movimento estudantil hoje não pode estar vinculado a interesses externos que atravanque a luta do estudante efetivamente, entendeu?

Durante a entrevista, Luz se mostra orgulhosa em fazer parte da instituição e ressalta sua transformação e crescimento pessoal desde que entrou na UNILA, principalmente no que diz respeito ao sentimento de pertencer à América Latina.

A gente sente, nós que somos da comunidade acadêmica, a gente se sente muito orgulhoso de fazer parte dela, e, eu não sei, esse sentimento mais americanista, assim, tá muito aflorado assim em mim e não era tão aflorado, isso foi uma coisa que já foi uma mudança enorme no aspecto pessoal. As coisas que eu penso e que eu defendo hoje, que eu não percebia antes e passei a perceber depois de estudar aqui.

5.1.5 – Ursula – aluna internacional.

Ursula é colombiana e tem 21 anos, conheceu a UNILA em 2016, por meio de um jornal online. Na época, a instituição oferecia auxílios para estrangeiros como alimentação, transporte e moradia, o que a tornava mais viável do que uma universidade colombiana, visto que na Colômbia não existe gratuidade em universidades públicas e, por morar em uma cidade no interior, conta que teria que se mudar para uma grande cidade na qual houvesse uma universidade.

Hoje ela é estudante do curso de arquitetura e, apesar dos cortes, conta com bolsa auxílio permanência do governo brasileiro. Também faz parte do Movimento Fagulha.

Com base na análise de conteúdo das entrevistas produzidas para esta pesquisa e levando em consideração o lugar de fala, experiência pessoal e historicidade, iniciaremos a discussão e análise das categorias a seguir.

5.2 CATEGORIAS.

Construídas a partir da análise de conteúdo das cinco entrevistas, as categorias já citadas neste capítulo: “A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina”; “Combater as desigualdades sociais é primordial para a UNILA”; “O público da UNILA é especial”; “Desafios a serem superados” e “Futuro da UNILA” serão analisadas a seguir, com a intenção de continuar respondendo às questões que norteiam esta pesquisa.

5.2.1 A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina.

Na construção desta categoria, desvelamos os significados que revelam aspectos fundamentais que norteiam o projeto e atuação da universidade. Selecionados e organizados, os discursos e seus respectivos significados constituíram as seguintes subcategorias de análise:

1. Busca da Integração Latino Americana
2. O currículo está voltado para atender a necessidade da integração latino americana

A seguir, realizaremos a análise de cada subcategoria com o intuito de compreender o que cada uma delas pode nos revelar sobre a dimensão maior.

5.2.1.1 Busca da Integração Latino Americana.

Durante nossa pesquisa e por meio da análise do discurso dos sujeitos entrevistados, percebemos que existe uma preocupação de uma produção de uma universidade da América Latina para a América Latina. Aspectos da realidade da região estão presentes em toda a estrutura institucional, sendo evidenciados no dia a dia educacional.

Segundo Lino Borroto (2008), se faz extremamente necessário questionar que tipo de educação se pretende para que então possa ser definido um projeto que seja compatível com o paradigma assumido.

“Es nuestra consideración que el abordaje de la educación relacionado con la integración debe partir de varias respuestas a otras tantas preguntas. En primer lugar, si la educación la consideramos un factor de desarrollo, ¿cuál es el esquema de desarrollo que assumimos como paradigma?, ¿en qué carril del desarrollo nos vamos a montar? Y en otro sentido, ¿qué papel debemos asignar a la educación como mecanismo de preparación de los actores para viviren una sociedad distinta donde el forme parte de um espacio local y a la vez de um espacio global? Enfin, ¿como debe influir la educación en esse nuevo auto percibirse del ciudadano común en los nuevos tiempos?”(BARROTO, 2008)

Ao pensarmos em uma universidade da América Latina para a América Latina, necessitamos levar em consideração seu aspecto epistemológico. Quando questionada sobre os melhores aspectos da UNILA, Pitû aponta:

Os melhores aspectos eu acho que é essa preocupação, com uma autonomia epistemológica, desde o sul. Então, toda essa preocupação em valorizar e produzir conhecimento de maneira situada, pensando que nós estamos na América Latina nós precisamos buscar, uma epistemologia que seja condizente, com esse aspecto.

Suprimidos historicamente, o conhecimento latino americano sofreu com colonizações dos saberes, os quais seguiam conhecimentos vindos do norte e sofriam processos que elitizaram a educação.

Ao ser apresentada nas entrevistas a importância de construir uma epistemologia que seja condizente com a realidade latino americana, passamos a pensar em descolonização dos saberes. Segundo Pontes (2015), o processo de descolonização ocorre quando os povos tomam consciência dos efeitos do saber e do ser colonizados, significando a luta desses grupos que buscam a libertação. Pontes (2015), afirma:

A colonização do saber se constituiu na utilização do conhecimento de modo imperial com o objetivo de supressão das subjetividades e do silenciamento dos sujeitos. O projeto de descolonização do saber é complexo e pretende conduzir à consciência da transformação das relações estruturadas pelas

diferenças imperiais e coloniais, dado que a história da estruturação do conhecimento no mundo moderno/colonial é resultante de um movimento de humilhação e marginalização imposto pelas matrizes coloniais de poder. (PONTES, 2015)

Seguindo essa lógica, constatamos a preocupação da instituição em quebrar este alinhamento do conhecimento entre hemisférios norte e sul e desenvolver uma política acadêmica e institucional sul-sul.

Pitû levanta como característica inovadora da UNILA justamente a intencionalidade em realizar esse alinhamento sul sul, valorizando uma educação para todos e não apenas para as elites.

[...] principalmente por essa preocupação em ser uma universidade situada politicamente, existe um propósito de fazer esse alinhamento Sul Sul, de olhar para o que é a América Latina, de entender que existem elites e que essa universidade não é pra essa elite, essa universidade ela serve para a população de fato tem essa preocupação, existe essa preocupação muito forte com a América Latina e não é uma preocupação, assim, com a elite latino-americana, é com o povo...eu acho que a inovação dela vai nesse sentido.

Como vimos, esse movimento de rompimento com a educação tradicional, criada pelas elites, e alinhada com o hemisfério norte como sendo o detentor do conhecimento, da verdade, faz com que a UNILA esteja no processo de descolonialidade e valorização do saber, história e cultura dos povos latino-americanos.

Como descolonialidade (ou decolonialidade) compreendemos que:

Em termos históricos e temporais, esta indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade (ou descolonialidade) procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder (BALLESTRIN apud GALLAS; MACHADO, 2013, p. 59).

Para que cumpra sua proposta, a universidade destina 50% das vagas para candidatos de países da América Latina e caribenhos, que não sejam

brasileiros. Há o Processo Seletivo Internacional de Estudantes (PSI), edital direcionado para esse grupo, e oferta de auxílios para permanência na instituição. Este ano, 2019, foi aberto o primeiro edital específico para indígenas aldeados, com a intenção de atrair também essa população para o ensino superior. Caso o total de vagas não seja completado por pessoas desses grupos, elas são ofertadas a candidatos brasileiros.

[...] Única Universidade que se propõe a fazer uma reserva de vagas para alunos de toda a América Latina, de ter então auxílios específicos para esses alunos que vêm de outros países.

PITÔ

[...]somos diferentes isso é um fato, recebemos um quantitativo muito maior de estudantes da América Latina e do Caribe, somos bilíngue, valorizamos as Línguas Indígenas

CLARA DOS ANJOS

A PRAE (Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da UNILA), oferece editais específicos para não brasileiros no que se refere a auxílios permanências (moradia, transporte e alimentação).

A internacionalização promovida pela UNILA se diferencia das demais universidades brasileiras justamente por contar com alto número de estudantes latino americanos. Nossas entrevistas nos revelam que há uma intencionalidade em estimular esse tipo de internacionalização, uma vez que, como discutimos anteriormente sobre epistemologia, ao possuir um universo diverso dentro e fora de sala aula, o conhecimento se constrói de forma mais ampla. O contato com diferentes culturas, história e vivências, faz com que os alunos tenham um olhar para a totalidade, construindo debates e pensamentos críticos a respeito da situação do continente. Trazemos, a seguir, uma forte fala a respeito da internacionalização da UNILA:

Se você hoje se dedica a estudar a Internacionalização do Ensino Superior, que está muito na moda, tem um monte de

congressos e eventos sobre esse tema, normalmente é uma internacionalização voltada para o Norte, né, que obedece a rankings, que obedece a um sentido muito mercantilista da Educação Superior, né, porque tem toda uma discussão sobre isso mas o enfoque hoje é de tratar o Ensino Superior como mercadoria. O Banco Mundial vem tentando isso há bastante tempo e por fim encontrou na questão da Internacionalização, uma brecha para mercantilizar o Ensino Superior. Então nesse sentido a gente acaba, mais ou menos se submetendo a um ritmo global de Internacionalização que é em inglês e voltado para o Norte. No nosso caso não é assim. Não é só no nosso caso, obviamente há outras universidades no contexto brasileiro[...]. E o que a gente procura fomentar aqui é justamente essa outra internacionalização, sem julgamento de valor, não é que uma seja melhor do que a outra, né, mas, entendendo que tem que ter espaço para diversidade. Isso também eu consideraria um conceito chave de inovação na UNILA. A nossa palavra chave é "Fronteira e Diversidade". Então diversidade em todos os sentidos, também diversidade para a Internacionalização.

CLARA DOS ANJOS

Percebemos que a instituição considera a importância mundial ligada à internacionalização, mas busca construir uma versão Americolatinista que leve em consideração as suas demandas, levando em conta sua complexa historicidade. Em 2018 foi divulgada a política de internacionalização da UNILA:

[...] não nos compete seguir um modelo estrito, gestado em contextos universitários normatizados por regulamentações tradicionais e localizados em contextos sociais alheios aos nossos, quando estamos constituídos, desde nossa matriz, por um sentido de internacionalização advindo da própria missão institucional, ligada à integração latino-americana e com um profundo papel social transformador. (Política de Internacionalização da UNILA, 2018)

Com toda a pluralidade de pessoas que formam a comunidade acadêmica da instituição, se faz presente a diversidade de idiomas e culturas, transformando salas de aulas, debates e espaços externos que permeiam a vida destas pessoas em ambientes atravessados pela criatividade e conhecimento vindos dessas relações interculturais. As alunas entrevistadas trouxeram em suas falas este intercâmbio como elemento positivo na formação não só acadêmica como também pessoal. Elas comentam:

[...] as festas elas... tem representantes de diversos países e as pessoas conversam e trocam ideias e dançam, aí cada um mostra a música do seu país, cada um mostra a comida do seu país nessas conversas [...] as pessoas que vieram pra cá elas construíram sim uma nova visão, sabe, do que é a América Latina.

LUZ

As relações que a gente consegue estabelecer estando em um lugar onde você encontra pessoas de todos os países da América Latina, consegue fazer esse intercâmbio de culturas e troca também de conhecimento...isso amplia muito. Eu acho que os debates dentro da universidade, mas para... trazer debates mais da gente mesmo, não tão... como posso falar isso... tão eurocêntricos.

URSULA

5.2.1.2 O currículo está voltado para atender à necessidade da integração latino-americana.

Compreendendo a necessidade de integração latino-americana, percebemos, por meio desta categoria, que é fundamental para a universidade um currículo voltado para tal.

Sendo uma universidade que se propõe a estar presente no continente e que busca também preparar alunos para a atuação em nosso continente, a contextualização do currículo é um aspecto fundamental. Os processos de aprendizagem se darão considerando a historicidade e realidade vivida neste contexto, não podendo ser levadas como um elemento externo à prática educativa. Sobre isso, Menezes e Araújo (2017) comentam:

São as condições objetivas e subjetivas de sobrevivência, convivência e transcendência que mediam, orientam e constituem-se em experiências e conhecimentos a serem desvendados, apreendidos, assimilados, ensinados e reelaborados [...] A contextualização deixa de ser um adjetivo do currículo e passa a ser um substantivo. (MENEZES, & ARAÚJO, 2007)

O currículo é um elemento primordial na estrutura de uma instituição educativa e a compreensão do contexto social, político, econômico e cultural, bem como a historicidade, ou seja, o processo de formação e constituição dos povos latino-americanos, é fundamental para sua elaboração e implementação.

Vale ressaltar que a formação da sociedade latino-americana foi baseada na exploração dos povos nativos e em práticas escravocratas que apresentam reflexos até os dias de hoje. Possuímos uma sociedade fundamentalmente desigual, na qual se faz necessária uma busca pela equidade e justiça social. Pensando nesse cenário, torna-se imprescindível que dentro do contexto educacional o contato com a história, bem como com as características especiais que enfrentamos nesta região do globo sejam discutidas e exploradas para que, por meio da consciência, transformações positivas ocorram.

A UNILA possui um ciclo comum de estudos, no qual todos os estudantes, ao ingressarem, necessitam concluir obrigatoriamente. Tem uma duração aproximada de 3 semestres e ocorre em paralelo com as demais disciplinas específicas. É composto por três eixos de conteúdos: Línguas, Epistemologia e Metodologia, e Fundamentos da América Latina, possuindo as seguintes disciplinas:

- A) Fundamentos da América Latina I, II e III.
- B) Introdução ao Pensamento Científico.
- C) Português ou Espanhol.

Sobre o ciclo comum, Clara dos Anjos, comenta:

Então essas disciplinas, o estudo das línguas, a disciplina de Fundamentos da América Latina, Filosofia também, de alguma forma, dariam essa liga, pra gente começar a perceber o que nos une, o que nos separa, o que temos de diversidade, mas de semelhanças também...

De acordo com o projeto pedagógico do ciclo comum de estudos (UNILA, 2013), as disciplinas de Fundamentos da América Latina buscam oferecer aos alunos conhecimentos sobre a região para que se possa elaborar fundamentos críticos que serão utilizados durante seus cursos e vida profissional. No primeiro semestre, estudam os processos de integração e desintegração como componentes contraditórios da América Latina.

No segundo semestre, o objetivo é conhecer a diversidade territorial, econômica, cultural e social na região latino-americana analisando as diversas formas de integração. Segundo o programa, deve ser oferecido aos estudantes espaços de interlocução para que se possa analisar as trajetórias, experiências de vida e visões de mundo.

No terceiro semestre da disciplina, a proposta é investigar as especificidades do modelo de desenvolvimento dos países latino-americanos seguindo os eixos temáticos: cidade, campo, infraestrutura e meio ambiente.

Dentro do eixo de introdução ao pensamento científico, no primeiro semestre, é oferecida a disciplina “introdução ao pensamento científico, onde são discutidos os processos de construção do conhecimento e especificidades do conhecimento científico. A disciplina busca discutir a integração latino-americana por meio do conhecimento crítico e compartilhado.

No segundo semestre, os alunos cursam a disciplina de “Ética e Ciência” na qual são discutidos problemas provenientes do modelo societário, relação entre produção científica, desenvolvimento tecnológico e problemas éticos, justiça e valor social da ciência. Outro ponto importante da disciplina é o debate sobre o processo de descolonização epistêmica na América Latina quanto à ética.

Em relação às disciplinas de línguas, é oferecida uma introdução ao universo da língua estudada, português ou espanhol, dependendo da nacionalidade ou língua falada anteriormente. Busca-se um reconhecimento da diversidade linguístico-cultural latino-americana, valorização das variedades

linguísticas e desenvolvimento de competências linguísticas e interculturais para interação em situações cotidianas em diferentes contextos sociais e acadêmicos.

No segundo semestre da disciplina de línguas, são aprofundados os aspectos fonéticos, gramaticais, lexicais e discursivos para a interação oral e escrita, em diversos contextos sociais e acadêmicos e o desenvolvimento em maior grau de complexidade das competências linguísticas e interculturais.

Nas falas dos entrevistados, percebemos que existe realmente uma importância de construir uma integração latino-americana por meio do conhecimento e esse fator é entendido como positivo pela comunidade acadêmica.

Os melhores aspectos eu acho que é essa preocupação, com uma autonomia epistemológica, desde o sul. Então, toda essa preocupação em valorizar e produzir conhecimento de maneira situada, pensando que nós estamos na América Latina nós precisamos buscar, uma epistemologia que seja condizente, com esse aspecto.

PITÚ

Com base nas fontes de informação utilizadas – documentos, visitas e entrevistas – percebe-se que o ciclo comum busca promover uma base formativa para o aluno elaborar um pensamento crítico e um conhecimento contextualizado e, com isso, implementar a possibilidade de aprofundamento de um pensamento próprio latino-americano e, dessa forma, sendo capaz de desenvolver temas sobre a história ou sobre aspectos problemáticos da contemporaneidade.

A apreensão das contradições da realidade e sua problematização é percebida por professores e alunos como sendo um objetivo primordial da universidade e que deverá ser buscado durante todo o percurso acadêmico. Pitú, professora da UNILA, comenta:

[...] a UNILA ela se propõe a atuar aí né, alunos que... enfim, estão tendo acesso a uma discussão que antes eles não imaginavam, de ver na prática muitas vezes as desigualdades, de ver que na universidade isso é discutido e buscar então

argumentos e problematizar aquilo que eles já viveram, que eles já experienciaram

PITÔ

Ainda pensando nas necessidades para a promoção da integração latino-americana, verificamos que a língua é elemento essencial para tal. Formada por estudantes de diferentes países, constata-se que o respeito e defesa das diversidades está presente no currículo da instituição e, por isso, a UNILA é caracterizada com uma universidade bilíngue. O manejo do espanhol e do português possibilita a formação de ideias e preserva a expressão cultural e linguística no processo de formação do aluno e do professor.

Os estudantes, os professores, cada um se comunica na língua que lhe é mais confortável. Então, nenhum aluno é obrigado a escrever uma prova em português por exemplo, nenhum professor é obrigado a dar aula em português.

CLARA DOS ANJOS

Recentemente, em 2018, foi aprovado e instituído o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem e Interculturalidade (NIELI). Esse núcleo possui a finalidade de atuar no desenvolvimento de uma política e planejamento de linguagem da UNILA, onde serão articulados programas, ações e projetos que promovam a educação bilíngue na universidade. O NIELI ainda conta com o objetivo de colaborar para a formação de uma comunidade acadêmica plurilíngue e intercultural, por meio da produção conjunta de conhecimento e do respeito à diversidade. (UNILA, 2018)

Esse núcleo é importante para o reconhecimento e aplicabilidade não apenas do português e espanhol para todos da comunidade acadêmica, mas nos mostra que a universidade reconhece o imenso universo de línguas presentes e faladas no dia a dia da instituição, tendo em vista que muitas vezes os alunos não possuem essas duas línguas como maternas, caso de muitos indígenas, por exemplo.

Podemos considerar que o currículo voltado para a integração da região é um dos grandes diferenciais da UNILA em relação às demais universidades brasileiras, inclusive por ser a única universidade bilíngue do país. Por meio dele, o desenvolvimento do pensamento crítico é possível e atende às demandas do ensino universitário para o século XXI.

Ainda sobre as diferenças entre a UNILA e as outras universidades, constata-se que por estar voltada para o desenvolvimento da região, oferece disciplinas pioneiras como aulas de línguas e filosofia indígena e cursos que não são encontrados em outras IES como, por exemplo, Letras, Artes e Mediação Cultural.

Segundo Coelho (1997), podemos compreender a Mediação Cultural como:

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural. [...] Os diferentes níveis em que essas atividades podem ser desenvolvidas caracterizam modos diversos da mediação cultural, como a ação cultural, a animação cultural e a fabricação cultural. Diz-se ainda que os meios de comunicação, sendo por um lado eles mesmos produtos culturais acabados que se apresentam como fins em si, operam uma mediação entre os diversos segmentos e modos culturais da sociedade. (COELHO, 1997, p. 248)

Ao pensarmos em currículo, voltamos à obra de Paulo Freire, a qual nos serve como referência e que formula as bases da educação libertadora como um paradigma que influencia o campo do currículo (MENEZES, SANTIAGO 2014). Existe, a partir daí, a busca de superar teorias tradicionais que “é uma forma mecânica e autoritária de pensar sobre como organizar um programa, que implica, acima de tudo, numa tremenda falta de confiança na criatividade dos

estudantes e na capacidade dos professores” (Freire; Shor, 2008), e construir um currículo crítico no qual o questionamento e a transformação social estejam em sua base.

Para Saul (1998), a teoria de Freire trata o currículo na dimensão da totalidade onde há uma relação dialética entre currículo e o contexto social, político, cultural e histórico.

Ao discutirmos o currículo da UNILA, compreendemos que há uma necessidade de uma construção curricular que leve em conta a totalidade, isto é, que considere os aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais da América Latina, dos estudantes e docentes que constroem a instituição. Precisa-se pensar em situações significativas à realidade dos alunos para que os conteúdos tenham sentido para cada um. Sobre isso, Paulo Freire afirma:

[...] a questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada. (Freire, 2001, p. 96)

Estamos aqui diante de uma concepção de currículo que leve em conta a totalidade da realidade na qual a universidade está inserida. A partir desse entendimento, foi construída a base para receber os importantes e fundamentais conceitos de integração, respeito à diversidade e desenvolvimento de pensamento crítico. Esse aspecto constitui-se em elemento inovador.

Nessa categoria, percebemos a busca da instituição em possuir uma identidade americolatinista, não apenas em seu projeto e missão, mas também em práticas e políticas institucionais. A UNILA, sendo uma universidade da integração latino-americana, e localizada em uma região de fronteira, compreende que a integração regional e a valorização da diversidade cultural e

linguística da instituição são elementos fundamentais para a formação do profissional, bem como do continente latino-americano.

5.1.2 O combate às desigualdades sociais é primordial para a UNILA.

Abordagens sobre a necessidade de superar as desigualdades sociais foram marcantes no decorrer das entrevistas. Percebemos, por meio das falas sobre a experiência na instituição, que essa é uma temática fundamental e que está presente no dia a dia da comunidade acadêmica.

Pensando no combate às desigualdades sociais como categoria mais abrangente, consideramos que para contribuir para a superação dessa importante barreira social, “a UNILA busca facilitar um processo de ascensão social. Explicamos abaixo.

5.1.2.1 A UNILA facilita um processo de ascensão social.

Ao discutirmos desigualdades na América Latina, sentimos necessidade de realizar uma breve volta à história da exploração desses povos. Essa demanda vem a partir do entendimento de que as desigualdades sociais, bem como o atraso socioeconômico e educativo são também derivadas da exploração europeia e do modelo de colonização realizado nos povos nativos do continente.

Quando pensamos em educação, verifica-se que a produção de saberes se deu “como se o mundo fosse monocultural e eurocêntrico” (TAVARES, 2011), sem considerar a realidade vivenciada pelos povos da região. Sobre isso, o mesmo autor diz:

Aquilo a que se chamou verdade, ao longo da História, como imposição de uma visão monocultural, foi o resultado de profundas ocultações, de enormes mentiras que se afirmaram como verdades, segundo a perspectiva já defendida por Nietzsche. A cultura dominante, eurocêntrica, que se afirmou historicamente como hegemônica, os conhecimentos que ela produziu, os valores que foram impostos, o modelo de racionalidade que configurou conhecimentos, valores morais,

estéticos e religiosos, tomou a sua produção como verdade universal e absoluta. TAVARES (2012)

O modelo dominante afetou não apenas a educação e o que era compreendido como verdade, mas também contribuiu para a produção de valores, cultura, imaginários e subjetividades.

Segundo Mignolo (2010), a colonialidade afeta não apenas o conhecimento, mas também a subjetividade, a economia, a natureza, o gênero e a sexualidade.

Para Quijano (1992), quando pensamos na história da colonização latino-americana, devemos considerar uma colonização do próprio pensamento, uma vez que crenças e memórias foram apagadas.

Percebemos que esse processo não ocorre apenas em via única. Houve uma mescla cultural, onde a resistência das expressões dos povos latinos se entrelaçou com a cultura dos europeus e ainda dos povos que foram trazidos forçadamente para o continente, como o caso dos africanos. Esse hibridismo cultural forma nossa sociedade atual no continente, e faz com que compartilhemos de uma história comum, possuindo inúmeras semelhanças entre os povos que formam essa região do globo.

Como citado no início deste trabalho, compreendemos que a desigualdade social é:

[...] uma categoria analítica das relações sociais que expressam diferenças hierárquicas e moralmente injustas. Construídas histórica e culturalmente sob a distribuição e o acesso a bens e serviços, materiais ou simbólicos, em uma sociedade, essas diferenças culminam por expressar a dominação de um grupo em relação a outro. (KULNIG, 2010)

As desigualdades sociais são marcas e fatores de extrema relevância ao se analisar a sociedade brasileira, tendo se constituído desde a época colonial (CAMPOS et al. 2004; MEDEIROS, 2005).

Apesar de notarmos mudanças desde 2004, o Brasil ainda continua sendo um dos países com maior disparidade em relação à concentração de renda entre as camadas com rendimentos mais altos e rendimentos mais baixos (IBGE, 2010; BARROS et al. 2011; POCHMANN, 2011; SOARES, 2011; IBGE, 2012).

Em todas as entrevistas realizadas, estiveram presentes a preocupação da instituição em oferecer acesso a estudantes de origens diversas, o cuidado com o desenvolvimento dos alunos e alunas e a busca por um impacto no entorno à universidade.

As políticas públicas educacionais, implementadas nas décadas de 1980 a 2015, procuraram superar a dívida histórica que nos faz ocupar um lugar distante dos países desenvolvidos e oferecer, por meio de uma educação de qualidade, a construção de um país com mais equidade e justiça social, evitando que novas distâncias sejam geradas no presente (BRASIL, 2014).

Essa preocupação com as desigualdades sociais não esteve e não está sempre presente no conjunto das universidades brasileiras, fator que, segundo as entrevistadas, coloca a UNILA em uma posição diferenciada e que pode gerar incômodo em certos grupos. Sobre isso, Pitû comenta:

[...] a universidade não tá querendo ser restritiva e sim expandir e ser acessada por grupos que antes não tinha esse acesso. E o que incomoda é o fato da UNILA não ter essa proposta alinhada ao que é a universidade historicamente no Brasil.

Com base no contexto histórico de formação dos países e povos da América Latina, percebemos que existe uma noção de pertencimento entre essas pessoas que compartilham de uma mesma história de exploração. A partir do convívio com o outro e das discussões acadêmicas propostas pela universidade, e com um olhar crítico e descolonizado para a região, verifica-se um desocultamento da ideologia dominante, que valoriza o saber vindo do hemisfério norte, um saber colonizado.

As entrevistadas trazem esse aspecto em seu discurso:

[...] a partir do momento que você faz uma universidade da integração latino-americana, você fortalece esses sentimentos, você fortalece essa unidade.

LUZ

É absolutamente incrível você trabalhar com cultura numa sala onde você tem seis, sete, dez nacionalidades. É completamente diferente. Te desestrutura, porque você precisa se reinventar o tempo todo, mas é incrível porque você também cresce muito, né, é um desafio que te faz crescer.

CLARA DOS ANJOS

Percebemos que, no decorrer da formação acadêmica, por meio desse contato, os alunos se modificam e desenvolvem outras perspectivas em relação ao mundo e a si mesmos. Uma aluna comenta:

[...] hoje eu sou uma pessoa diferente da pessoa que entrou aqui em 2014. Tem vários aspectos, vários entendimentos que se ampliaram na minha mente, por ter estado aqui, por fazer parte dessa comunidade. Nós que somos da comunidade acadêmica, a gente se sente muito orgulhoso de fazer parte dela, e, eu não sei, esse sentimento mais americolatinista, tá muito aflorado em mim e não era tão aflorado, isso foi uma coisa que já foi uma mudança enorme no aspecto pessoal. As coisas que eu penso e que eu defendo hoje, que eu não percebia antes e passei a perceber depois de estudar aqui.

LUZ

Eu acho que o mais gratificante é ver alunos desenvolvendo uma consciência crítica e colocando o discurso de como eles precisam lutar pela desigualdade, precisam lutar contra a opressão. E de eu ver esse crescimento deles do início do semestre ao fim do semestre, e essa preocupação com a América Latina, de ter esse outro olhar epistemológico. Acho que isso é o que é mais gratificante.

PITÔ

O relato sobre a mudança e o desenvolvimento dos alunos foi também considerado como um dos aspectos mais gratificantes em pertencer à UNILA, não só para alunos, mas para toda a comunidade acadêmica entrevistada.

Este impacto na formação dos alunos não abarca somente a esfera individual, mas nos mostra uma quebra de padrão também no eixo social em que esses estudantes estão inseridos. Durante nossas entrevistas e presença na UNILA, escutamos, por inúmeras vezes, falas que ressaltavam a importância do acesso à universidade para grupos que foram historicamente excluídos do ensino superior.

[...] a universidade não tá querendo ser restritiva e sim expandir e ser acessada por grupos que antes não tinha esse acesso.

LUZ

[...] a maior parte desses estudantes que estão aqui, são estudantes que normalmente não iriam ir pra universidade se não fosse a existência da UNILA. Não iriam porque eles vêm de contextos sociais e econômicos muito mais frágeis. Então a maior parte dos estudantes são aqueles que estão em condições, como que se diz... esqueci o termo... mas são estudantes que estão em situação de vulnerabilidade, vulnerabilidade social, a maior parte.

PITÔ

Um aspecto que se torna muito importante quando falamos do acesso de grupos marginalizados ao ensino superior é a dimensão da família. Vindos de ambientes onde anteriormente foi negada a possibilidade de acesso à educação, especialmente ao ensino superior, encontramos nos discursos das entrevistadas histórias sobre alunos que, por meio da UNILA, quebram esse movimento.

Eu vejo muito claramente que os alunos, principalmente de outros países da América Latina, eles dizem que eles são a primeira geração da família que tá na Universidade.

PITÔ

Buscando esse desenvolvimento social e pessoal, percebemos constantes comentários sobre como essas práticas atingem a sociedade e o entorno da universidade.

Muitos são os programas de extensão que a UNILA mantém na cidade de Foz de Iguaçu, bem como movimentos sociais criados pelos próprios alunos. Um

dos exemplos é o “Ingressa”: curso pré-vestibular ofertado para estudantes de escola pública da região e desenvolvido por alunos da UNILA, buscando aumentar o acesso desses estudantes ao ensino superior.

[...] em Foz do Iguaçu, eu percebo que muitas pessoas próximas assim, já tiveram mudanças consideráveis nas suas vidas a partir da implantação aqui da UNILA, sabe? Estudantes que nunca vislumbraram sair de Foz do Iguaçu [...] passaram a ter essa possibilidade próxima. O próprio curso de medicina que a UNILA abriu aqui em Foz do Iguaçu que era um anseio da sociedade de Foz do Iguaçu ter um curso de medicina aqui. Todos os nossos projetos de extensão, todos os cursos que a UNILA oferece, tem inclusive um curso que foi organizado pelos alunos mesmo que é o ingressa, que é um curso de pré-vestibular. A gente vê hoje vários alunos da cidade de Foz do Iguaçu, que entraram na UNILA porque estudaram no cursinho, no ingressa, entende, conseguiram entrar porque a possibilidade de eles entrarem foi ampliada em função deles terem tido acesso ao curso. Então assim, eu acredito que nessa questão a UNILA tem uma, tem uma função vital para a cidade de Foz do Iguaçu.

LUZ

[...] pelo engajamento e pelo envolvimento, pelos projetos de Extensão, tem um impacto imediato na comunidade.

BÉA

[A UNILA] tem influenciado bastante, pelo menos aqui na cidade com os projetos de pesquisa, de extensão.

URSULA

Diante da extrema desigualdade que caracteriza a sociedade brasileira, a educação se faz recurso fundamental para o estabelecimento de uma nova sociedade com mais equidade. (RONCA, 2013)

O mesmo autor continua afirmando a importância do caráter estruturante, explicando que a educação mobiliza diversos setores do país ou região, podendo influenciá-lo de forma negativa ou positiva. Sendo assim, a preocupação em desenvolver uma universidade voltada para o compromisso com a equidade e o combate às desigualdades sociais se faz imprescindível para o desenvolvimento da sociedade brasileira e latino-americana. (RONCA, 2013)

5.1.3 O público da UNILA é especial

Por meio do nosso contato com a universidade, comunidade acadêmica e pelas falas das entrevistadas, percebemos que estávamos diante de um grupo de pessoas com características especiais. Muitos deixaram suas cidades, as redes sociais às quais pertenciam até então, muitos são os migrantes e imigrantes que formam a UNILA. Estar em contato com diferentes culturas, em outra localidade, convivendo de outra forma, faz com que os alunos exijam estratégias de atenção específicas.

5.1.3.1 Os alunos da UNILA exigem estratégias de atenção específicas

Tendo como um dos principais objetivos a integração latino-americana, a UNILA atrai um público bastante diverso para a cidade de Foz do Iguaçu. De acordo com sua plataforma online, atualmente praticamente metade dos estudantes da instituição são pessoas de outras regiões do país ou do continente (PORTAL, 2019). Esse fato faz com que a universidade e o território sejam um polo multicultural.

Tal característica produz demandas específicas, que se tornam evidentes no dia a dia universitário. A diversidade traz consigo desafios e novas configurações no que diz respeito às relações sociais.

Um dos aspectos presentes nos discursos das entrevistadas foi em relação à falta de recursos de alguns alunos para enfrentar as dificuldades.

A falta da família, bem como a distância da cultura local na qual o estudante desenvolveu sua rede de pertencimento, foram presentes nas falas das entrevistadas como sendo um elemento que dificulta a vivência do aluno.

[...] existem uma série de problemas com relação a alunos que vem pra cá e ficam muito deprimidos, alunos que vêm de outros países e não têm dinheiro pra voltar nas férias, ficam longe das famílias e isso gera uma série de consequências bem graves que já, inclusive, que já resultou em alguns suicídios.

PITÔ

[...] acredito que o que mais pega pra eles é essa questão cultural, sabe... de estar distante da família.

BÉA

Percebemos que, para lidar com essas dificuldades relacionadas à distância do seu ambiente cultural e social de origem, os grupos de alunos buscam seus pares.

A gente vê muito estudantes que acabam ficando assim guetos. É... Tipo os haitianos, os colombianos, os venezuelanos, acho que pra tentar mitigar um pouco essa questão.

BÉA

E, apesar de muitas vezes permanecerem entre pares, existe uma relação de cuidado entre os membros da comunidade acadêmica. Essa relação nos parece também vir em um movimento de superar os desafios apresentados pelo público especial e diverso da UNILA, bem como recursos que a universidade não consegue dar conta. Sobre isso a pró-reitora comenta:

A UNILA gera, e acho que por isso a gente consegue se sustentar até hoje, a UNILA gera uma rede de solidariedade interna muito importante. Nós não temos moradia, nós não temos restaurante universitário. Como é que esses estudantes vêm, são estudantes, a maioria deles de baixa renda, que não tem condições de entrar no Ensino Superior pago privado em seus países, vem pra cá, então são estudantes vulneráveis de certa forma, que chegam aqui, e não têm moradia, e não têm restaurante universitário, e a gente a duras penas está conseguindo manter os auxílios, agora cada vez com maior dificuldade. Como é que isso acontece? Porque que eles continuam vindo, sabe? E eles continuam vindo porque eles se ajudam. Todo estudante que chega, recebe ajuda dos seus pares. Normalmente por nacionalidade. Você tem uma rede de Colombianos, de Haitianos, de, enfim... cada nacionalidade, eles recebem os que estão chegando, se viram, fazem hospedagem solidária, fazem de tudo. Botam colchão no chão, enfim, até que os que chegaram conseguem se acomodar e conseguem então criar a sua própria liberdade e autonomia. E por sua vez, esses se sentem com um compromisso de refazer o mesmo processo, porque eles foram acolhidos, eles viram a importância disso, então, eles recebem os que chegam também. Então, acontece de tudo, sabe? Dinheiro pra pagar a Polícia Federal, como é que

faz? Uma vaquinha. Cada um dá um pouquinho, junta o dinheiro e vai lá na Polícia Federal resolver, e por aí vai. São situações das mais diversas de forma espontânea mesmo, da própria necessidade do processo, foram se criando essas redes de solidariedade internas que inclui também docentes. Nós temos agora, por exemplo, temos uma professora que está com sete estudantes indígenas em casa, porque chegaram e a gente não tem moradia, e tem um tempo até eles começarem a receber os auxílios, e depois tem um tempo pra entenderem como funciona a cidade, pra onde ir. Então é mais ou menos assim, a gente acaba se envolvendo: técnicos, professores, mas o grosso dessa rede é formada pelos próprios estudantes, que acabam ajudando uns aos outros.

CLARA DOS ANJOS

Sobre o processo de chegada, a estudante colombiana diz:

O grupo de colombianos aqui na UNILA, eles organizaram superbem pra receber a gente, então eu não me senti tão desamparada aqui, sabe?! Eu tinha um pessoal que ia nos receber, pegar do aeroporto para levar para a moradia, foilegal.

URSULA

Ainda na compreensão da relação de apoio a comunidade acadêmica, a professora comenta:

Então, e daí às vezes a gente acaba se envolvendo bastante com questões de alunos, e é bem desgastante. Eu acabei me envolvendo com alguns alunos que tiveram problemas, enfim, se eu não fosse me envolver ele ia ficar desassistido e a gente se preocupa né, porque é uma pessoa que está sozinha aqui, vem de outro país, vem de outro estado.

PITÛ

O intercâmbio entre diferentes povos, com diferentes culturas e compreensões da realidade, apesar de ter um impacto profundamente positivo no processo de formação desses estudantes e fazer parte dos objetivos da UNILA, apresenta também diversos desafios. Múltiplos são os padrões de cultura e de comportamento, a compreensão e interpretação do mundo varia conforme a sociedade que observamos.

O convívio entre as diversidades pode gerar conflitos justamente pelas características plurais que apresentam. Algumas falas nos relatam que ainda

existe dificuldade entre certos grupos de aceitar as diferenças e que promover esse contato não é um processo simples.

[...] é difícil, né, juntar todas essas culturas e conseguir ter uma, não sei, uma harmonia entre tudo isso. As pessoas têm que estar muito abertas para receber isso, muito receptivas [...] então é um desafio pra todo mundo.

URSULA

a ideia de promover a diversidade ela não é fácil, e as próprias pessoas que estão dentro desse contexto que se propõe em promover a diversidade, elas trazem consigo uma bagagem que é de exclusão e preconceituosa. Então, isso é todo um trabalho que tem que ser feito com os alunos desde o início e não é fácil.

PITÔ

A professora relata um acontecimento recente que tem mobilizado a comunidade acadêmica como um todo:

Agora a gente tá no meio de um conflito, assim, no meio, entre estudantes... Porque uma aluna do primeiro semestre diz ter sido assediada sexualmente por um aluno indígena. Então aí surge uma série de questões muito complexas, assim, porque ao mesmo tempo que a gente não pode deixar de ouvir o relato da vítima, existem outros relatos de assédio, mas esse é o primeiro que se coloca... A turma expulsou o aluno da sala, enfim. E é um aluno indígena que entrou por um edital específico, e... ele... as pessoas ... os alunos não entendem que não existe o racismo apenas contra negros, existe o racismo contra os indígenas, e... enfim. Então, é toda uma questão, assim, superdelicada, e o que acontece normalmente é que essas pessoas, as que são a minoria, sofrem linchamento moral. A tendência é essa pessoa ir se isolando, se isolando, e daqui a pouco sair do curso, se afastar... porque se não é fácil para uma pessoa do mundo, assim... ocidentalizado, né, do mundo dos brancos, e... já estar na universidade, imagina pra um pessoa que vem de uma comunidade.

PITÔ

A UNILA, como vimos, enfrenta complexos desafios provenientes de demandas as quais o projeto não previa formalmente. A seguir, analisamos as falas das entrevistadas no que diz respeito a esses desafios.

5.1.4. Desafios a serem superados

Durante as entrevistas, percebemos que os participantes destacam alguns desafios a serem superados para que a missão da instituição seja alcançada. Apesar das manifestações dos entrevistados sobre as adversidades provenientes de fatores exteriores e não propriamente gerados pela prática diária da instituição, observamos que há uma compreensão de que esses obstáculos precisam ser observados e levados em conta pela UNILA.

Sendo assim, criamos a subcategoria “Dificuldades para o atingimento da missão”, a qual apresentamos a seguir.

5.1.4.1 Dificuldades para o atingimento da missão

Ao considerarmos a universidade como um dos atores que podem promover o desenvolvimento da região a que pertence, necessitamos ter em vista que precisa caminhar junto com as questões locais, formando uma rede de cooperação que promova a interação entre os atores e possua um comportamento cooperativo. (CHIARELLO, 2015)

O impacto da criação de uma grande instituição em uma cidade é enorme. Quando analisamos a situação da UNILA, percebemos a força desse impacto no entorno, uma vez que, após sua criação, atraiu diferentes grupos de pessoas de diversos países para a cidade. Isso significa a inserção de novas culturas dentro de um espaço, de vidas e de hábitos previamente organizados.

Em todas as entrevistas realizadas, detectou-se uma resistência da população local no que diz respeito aos alunos provenientes da UNILA.

O que incomoda na UNILA, para as pessoas da cidade, são os estudantes que são diferentes e eles não são acostumados ao diferente.

BÉA

Existe uma compreensão do caráter conservador da cidade que, segundo entrevistas, foi abalado com a criação da UNILA. Em resposta a isso existe uma segregação entre habitantes da cidade e estudantes da UNILA.

Foz do Iguaçu, embora já tenha se modificado muito a partir da vinda da UNILA pra cá, é uma cidade muito conservadora, muito racista, muito classista. Então, não é uma cidade acolhedora. E mesmo assim, na constituição da cidade, os alunos, eles ficam lá perto da universidade. [...] Então tem todas essas questões que isolam eles da cidade propriamente e eu acho isso problemático.

PITÛ

Não percebemos que relações entre estudantes e cidadãos são lineares ou igualitárias, no caso de Foz de Iguaçu. Em pesquisa sobre o tema, Reisdorfer (2015) aponta que esta relação, baseada na história de formação de Foz do Iguaçu, apresenta e reforça as desigualdades sociais geradas pela resistência às diversidades. Afirma:

O ideal da cidade como espaço de possibilidade de convivência das diferenças é corroído nessa espacialidade pela lógica da desigualdade social. A diferença é transformada em desigualdade e se transforma em mecanismo de evasão da violência que atravessa nossa sociedade. O que pode-se perceber em Foz do Iguaçu em muito se aproxima das características apontadas como comuns a sociedade (desigual) brasileira. (REISDORFER, 2015)

Além da relação desafiadora com a cidade, percebe-se que existe uma ausência de estrutura adequada para atender os alunos. Apesar de oferecer assistência estudantil conforme previsto no Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES (BRASIL, 2010) a instituição possui lacunas no que diz respeito a uma estrutura básica para seu funcionamento conforme o projeto proposto.

Em relação à estrutura física, as entrevistas apontam que a não finalização das obras da construção do campus, vem se constituindo numa importante demanda da comunidade universitária. Atualmente, a maior concentração de aulas ocorre dentro do Parque Tecnológico de Itaipu, uma área de segurança nacional, controlado pela Itaipu Binacional. Relatamos aqui algumas falas sobre a utilização do PTI como campus universitário:

[...] a gente passa por um processo de vigília que é muito maior do que qualquer outra universidade, porque a gente está dentro de um espaço particular, privado e numa estrutura, que é uma estrutura que foi criada no período da ditadura que é a Itaipu Binacional, que tem práticas autoritárias desde sempre, que tem toda uma história de autoritarismo desde o seu processo de criação e a gente está ali dentro.

LUZ

[...] não pode caminhar dentro do (PTI)

PITÚ

(Sobre o prédio Niemayer doado pela itaipu) [...] acabou se tornando um calcanhar de Aquiles, acabou se tornando uma fragilidade muito grande porque a gente não consegue nem definitivamente romper com esse projeto, nem substituí-lo por outro.

CLARA DOS

ANJOS

Ainda sobre a infraestrutura da universidade, para além da inexistência do campus universitário central, a questão de serviços básicos para a permanência dos alunos é um ponto que apareceu como negativo.

A gente não tem um campus, não temos um RU... a universidade está pagando aluguel, ainda, depois de dez anos, e isso tira a nossa autonomia estudantil.

URSULA

[...] não tem moradia, e não tem restaurante universitário, a gente a duras penas está conseguindo manter os auxílios, agora cada vez com maior dificuldade.

CLARA DOS ANJOS

Sobre as moradias, Clara dos Anjos comenta:

A gente tem o projeto, já tem a licitação, tem o primeiro prédio quase pronto, mas é o que eu te falei, nós temos um ponto fraco fundamental que é a infraestrutura. Então temos a moradia quase pronta, mas, recebemos a notícia de um contingenciamento de 25% do orçamento fora, essa foi a última, fora os outros que a gente já vem recebendo. Então não temos dinheiro para investimento. A gente talvez consiga terminar de construir o prédio, mas, como vamos mobiliar? Como vamos colocar ele em funcionamento? Então, os recursos são cada vez mais escassos, principalmente recursos de investimentos. Então

pra construir tá bem complicado. É assim que a gente vem se sustentando.

CLARA DOS ANJOS

Neste ano de 2019, foi anunciado o bloqueio do orçamento das instituições de ensino superior, o que afeta a UNILA, representando um corte de 41,27% sobre os investimentos de custeio. (PORTAL UNILA, 2019)

Sobre o bloqueio, a instituição publicou uma nota comentando:

Cabe ressaltar que, em razão de não termos prédio próprio, os custos fixos da Universidade são os principais gastos anuais, sobretudo os aluguéis, deixando a UNILA com pouca margem para remanejamentos. Mesmo com este cenário, a Reitoria reforça o entendimento de que as ações que garantem as condições de permanência e conclusão dos(as) estudantes devam ser priorizadas. (PORTAL UNILA, 2019)

Como vimos anteriormente, muitas são as dificuldades estruturais da instituição e isso tem consequências na proporção de estudantes e docentes que fazem parte da comunidade acadêmica da UNILA.

Segundo a concepção institucional, a expectativa entre professores efetivos e visitantes é de um corpo docente formado metade brasileiros e metade estrangeiros. (UNILA, 2013)

De acordo com a política de internacionalização (UNILA, 2018), o número de professores estrangeiros está em torno de 30% do número total de docentes da instituição. Sobre isso, Béa afirma:

[...] está lá que 50% dos docentes deveriam ser latino americanos, não brasileiros e a gente encontra dificuldade em alcançar esses índices.

BÉA

Apesar de constar nos documentos oficiais de criação da universidade que 50% das vagas são destinadas a estudantes internacionais, existe um hiato quando se observa a realidade. Clara dos Anjos, reitora da PROINT afirma que:

[...] nós temos na UNILA hoje quase 30% de estudantes Internacionais.

CLARA DOS ANJOS

Acredita-se que existe grande influência dos cortes e repasses financeiros nesses números. Falta de estrutura e assistência a estudantes e docentes internacionais dificultam a vinda e principalmente a permanência destes na instituição. Mas não podemos desconsiderar que elementos burocráticos do país também afetam esse número. Sobre isso, Pitû traz um exemplo sobre a situação dos estudantes indígenas:

O que acontece é que os estudantes indígenas não brasileiros, eles ainda estão tendo que fazer o registro de RNE - Registro Nacional de Estrangeiro, e por conta disso eles não conseguem abrir conta em Banco porque ainda estão esperando, e eles não podem receber auxílio. Então, eles estão sem auxílio aqui em Foz.

PITÛ

Ainda sendo reconhecido como um desafio a ser superado, verificamos que os objetivos pretendidos pela universidade não são assumidos por todos da comunidade acadêmica.

Apontado como um dos grandes entraves, está a conscientização sobre a proposição do projeto da universidade. Sobre conscientização, Paulo Freire afirma:

*Tomada de consciência envolve essencialmente a ação do sujeito, pois conhecer algo e tomar consciência desse algo supõe o conhecimento da realidade, a ação e a reflexão sobre ela, buscando transformá-la. Isso, em tese é a conscientização. (Freire *apud* Canan, 2000, p.110)*

Em entrevista com a funcionária administrativa, ela relata a importância de uma gestão que implemente as políticas institucionais de dentro para fora, pois ao existirem múltiplas compreensões acerca do projeto da instituição, as práticas realizadas também se tornam diversas e muitas vezes incongruentes com a missão da UNILA. Béa comenta:

[..] então é cada política que aprovada, é cada resolução, cada departamento ali criando a sua regrinha e esquecendo que a gente tem um norte em comum.

BÉA

Diferentes são as expectativas e visualizações sobre o que é a universidade. Ainda sobre isso, Béa comenta:

[...] é que existem aquelas pessoas que não estão interessadas porque independente de qual fosse o objetivo pra elas não ia fazer diferença, mas tem pessoas que tem uma mentalidade que a coisa deve ser feita de uma certa forma e desconsideram essa missão institucional e os objetivos institucionais.

BÉA

Entendemos que cada sujeito carrega em sua prática sua subjetividade e imaginário a respeito da instituição a qual está vinculado.

O imaginário, quando pensamos na estrutura institucional, assume um papel central. Valores, significados e mitos produzidos na vivência da instituição assumem o caráter de realidade (ENRIQUEZ, 1974). O conjunto de representações imaginárias sociais, segundo Freitas (2006), se constitui um instrumento de poder, torna a organização fonte de identidade e de reconhecimento para seus funcionários.

Tensionamentos são gerados em decorrência dessa gama de compreensões, o que nos demonstra uma disputa interna por diferentes grupos que formam a instituição.

Porque como nós não temos parâmetro para... pro que seria isso, cada um imagina a sua UNILA. E isso é difícil, na medida em que começam a ver os tensionamentos, os conflitos internos pra ver qual é o projeto da UNILA que no final vai se sobrepor aos outros.

CLARA DOS ANJOS

Nesta categoria analisamos a percepção das entrevistadas em relação aos principais obstáculos presentes na instituição. Sabe-se que toda instituição apresenta desafios, e podemos concluir que aparece nas entrevistas um desejo de superação destes para que a prática institucional esteja alinhada com o projeto proposto e missão da UNILA.

A seguir, analisaremos a próxima categoria: *O futuro da UNILA*.

5.1.5. O futuro da UNILA

Durante as entrevistas, o tema “Futuro da UNILA” esteve presente em várias manifestações. Constatamos preocupações acerca do que aconteceria com a universidade, caso os desafios presentes não fossem superados.

Alguns temas foram ressaltados durante os discursos. Foram organizadas duas subcategorias:

- a) A possível consciência da realidade por parte dos alunos é motivo para pedirem sua transformação.
- b) Planejamento para concretização do projeto UNILA.

Analisaremos as subcategorias a seguir.

5.1.5.1 A possível consciência da realidade por parte dos alunos é motivo para pedirem sua transformação

As entrevistas e a vivência na instituição nos mostram que existe o entendimento de que há grupos externos à UNILA que querem modificar radicalmente o projeto UNILA por conta da proposta e dos efeitos da formação crítica oferecida aos estudantes. Sobre isso, Pitû comenta:

Ela vem sofrendo muitos ataques, assim, que é bem grave e parece assim que todos os... eu tenho conversado isso com alguns colegas, parece assim que os professores estão desmobilizados. Eles acham que é algo que não vai acontecer, mas antes das eleições presidenciais, em 2017, já havia um Deputado que queria transformar a UNILA em uma Universidade Federal do Oeste Paranaense. Tirar todo esse perfil inovador, de cursos também para o desenvolvimento da América Latina, por exemplo, esse curso de Desenvolvimento Rural e Soberania Alimentar em contraposição ao curso de Agronomia, né... Então, precisa de agronomia, geralmente quem vai fazer esse curso, são pessoas que já são herdeiros de muitas terras, enfim.

PITÛ

No ano de 2017, o então deputado federal Sérgio Souza, vinculado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) do Paraná, deu entrada à

Emenda Aditiva à Medida Provisória 785/2017, na qual propunha a transformação da UNILA em Universidade Federal do Oeste do Paraná.

Segundo a emenda aditiva proposta, essa transformação se justificaria por alguns fatores, dentre os quais pelo fato de que a UNILA “funciona aquém do potencial para o qual foi concebida” e também porque:

Nos últimos anos a região Oeste do Paraná logrou significativa expansão sobretudo pelo investimento de cooperativas (Lar, C. Vale, Cotriguaçu, Coopagril, Frimesa, Cocamar, dentre outras) estabelecendo na região sistemas integrados de produção como a ILPF (Integração Lavoura - Pecuária - Floresta) de maior sustentabilidade e que permitem ainda a inserção de novas cadeias, como a moveleira e a de bioenergia e energia na agricultura, a partir do aproveitamento de dejetos e da biomassa. (BRASIL, 2017)

E, sendo assim:

Tais fatores demandam, sem sombra de dúvidas, a necessidade de mão de obra qualificada na região para a demanda da cadeia produtiva e também do incremento do terceiro setor que acompanha naturalmente o desenvolvimento do setor produtivo. (BRASIL, 2017)

Após um abaixo assinado realizado pela UNILA e por pressões de diversas instituições e movimentos sociais, o deputado retirou a Emenda Aditiva.

Esse exemplo nos mostra a força de grupos sociais da região contra a proposta da UNILA. Sobre isso, uma aluna nos traz:

Eu acho que o que dificulta um pouco, é um pouco essa resistência que existe da cidade, acho que a implantação da universidade aqui na cidade, ela foi feita de maneira um pouco equivocada, a gente tem a imprensa local contra a gente, isso é bem complicado. Eu acho que porque é uma universidade que ela fere interesses locais, sabe, porque aqui é muito... é um lugar tomado por agronegócio, sabe, pelo agronegócio, é plantação de soja pra todo lado. Então, você tem aqui, com certeza incidência de trabalho escravo, sabe, tipo, você tem uma sociedade absolutamente preconceituosa, racista, aí você coloca um monte de estudantes dentro dessa cidade, e aí a gente começa... e aí esses estudantes começam a questionar um monte de coisa, então essas pessoas elas têm poder, então elas começam a colocar a sociedade de modo geral contra gente.

LUZ

A Itaipu aparece também nas falas como sendo um grande problema para a instituição. Quando realizada a visita à instituição por esta pesquisadora, um evento de um centro acadêmico foi cancelado pela direção do PTI, alegando que o evento não era condizente com as políticas da instituição.

De negativo, o que tem de negativo é estar justamente sobre a exegese da Itaipu Binacional. A Itaipu ela tem muita interferência no que acontece dentro da UNILA, tem... o poder econômico da Itaipu assusta um pouco. A gente está ficando muito nas mãos deles. O fato de o projeto ter sido pensado para ser construído dentro da usina, isso de uma maneira nos desmobiliza, sabe, tipo, a Itaipu é uma empresa que tem muita força, muita força, e tem o apoio incondicional da população, as pessoas daqui de Foz do Iguaçu amam essa companhia, essa empresa. Eles têm uma força muito grande e a gente está ali dentro, a gente depender financeiramente deles, isso é uma coisa que te imobiliza demais.

LUZ

Neste ano de 2019, o general do exército, atualmente na reserva, Joaquim Silva e Luna, assumiu como diretor geral brasileiro da Itaipu. Em entrevista gravada, afirmou que:

A Unila seguramente gera um desconforto a todos, em todos os senhores e nas senhoras, e gera em mim também. Procurei ler um pouquinho sobre ela, não alcançou o objetivo que se propunha. E talvez tenha sido utilizada pra outros fins que a gente não abona. (LUNA, 2019, online)

O diretor, ao comentar sobre o não atingimento da finalidade proposta pela UNILA, diz que “Já temos pessoas encarregadas em um estudo de o que fazer com a UNILA. A UNILA está sob responsabilidade do Ministério da Educação, mas interfere na Itaipu. A entrada pessoal passa por Itaipu, está dentro de nossa área.” (LUNA, 2019, online)

5.1.5.1 Planejamento para concretização do projeto UNILA

Tendo em vista os desafios apresentados na categoria anterior (6.1.4), as entrevistadas apontam que se faz necessário atingir metas para que o projeto UNILA seja executado conforme sua missão e a universidade continue a existir.

Sobre o projeto UNILA, Luz afirma:

Existe um projeto que é um projeto muito bom e que ele está sendo deformado ao longo do tempo, então, o que tem de bom é que como esse projeto existe, existe a possibilidade de lutar para que ele não se perca, sabe, isso é uma coisa muito boa que a gente tem aqui, porque, tem muitas pessoas que vieram pra cá, muita gente vieram pra cá pelo projeto. Então a gente tem a possibilidade de lutar para que esse projeto não se perca, a gente tem a possibilidade de criar realmente uma coisa nova aqui, só que a gente precisa se organizar e ter em mente que é necessário lutar para que esse projeto não se perca, para que a gente consiga de fato ser uma universidade inovadora. Entendeu?! Para que a gente consiga de fato promover a integração na América Latina a partir do conhecimento, entendeu?

LUZ

E ainda:

[...] nós temos professores muito comprometidos com esse projeto, nós temos alunos muito comprometidos com esse projeto. Então a gente tem material humano de muita força aqui, e a gente pode conseguir manter isso, só que a gente precisa estar organizado.

LUZ

Com um projeto diferente da maioria das universidades brasileiras, novas situações são vivenciadas pela comunidade acadêmica da instituição.

[...] nós começamos os processos sem ter todas as respostas ...Então a gente começa, na medida que os problemas vão chegando a gente vai entendendo como desafios e vai tentando encontrar maneiras pedagógicas, maneiras de relações interpessoais para lidar com elas, mas sim, aparecem o tempo todo.

CLARA DOS ANJOS

Percebemos, nesta categoria, que as entrevistadas compreendem os inúmeros desafios para que a instituição esteja alinhada com seu projeto. Esses desafios, internos e externos, afetam a perspectiva de futuro dessa instituição que está em seu nono ano desde sua criação.

Apesar dos desafios, verificamos uma noção de esperança em relação a formas de superação das adversidades, onde todas, aparentemente, se sentem responsáveis em buscar novas formas de se fazer o dia a dia e as políticas universitárias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho discutindo brevemente o panorama da educação brasileira e a dimensão da desigualdade social presente, não apenas em nossa sociedade, como também no continente que habitamos.

Somos um povo marcado pelas desigualdades, desde nosso processo de colonização. Nós, latino-americanos, compartilhamos uma história de opressão, injustiças e privilégios de uma elite social que tem o poder e grupos que são marginalizados.

A educação possui um papel fundamental na construção de uma nova história, visto que seu caráter é estruturante e afeta os demais setores da sociedade.

Quando a educação pode ser acessada por todos, cria-se a possibilidade de uma outra sociedade, uma sociedade equânime, ou seja, mais justa e menos desigual.

Ainda vivemos em uma sociedade que o acesso ao ensino superior é para certos grupos, principalmente quando pensamos no ensino de qualidade. No Brasil, muitas das universidades públicas possuem reconhecimento mundial no que se refere a sua qualidade. Porém, ainda vemos, por meio dos censos e dados sobre educação superior, que estas instituições são acessadas majoritariamente por pessoas de grandes centros urbanos, brancas, de classe média ou mais. A maioria dessas instituições são localizadas em grandes cidades. Ainda percebemos um padrão nos egressos.

Muitas ferramentas, projetos e programas foram criados nos últimos anos para que esse cenário se modifique. É o caso, por exemplo, do Reuni, Prouni, Fies, e das políticas de cotas. Também podemos pensar no exame do ENEM e na modalidade de ensino a distância. Enormes impactos estas políticas causaram na vida de estudantes que não teriam a possibilidade de acesso ao ensino superior.

O acesso por si só não garante a formação em uma IES. É necessário pensar também na permanência. Auxílios são elementos fundamentais para que o estudante permaneça e complete o percurso acadêmico com sucesso.

Apesar de também termos políticas para isso, como PNAES, verificamos que o número de estudantes que completam o curso é muito baixo.

Ainda consideramos necessário repensar a educação. Ainda precisamos inovar a forma como ela se constrói.

Compreendemos que a inovação parte de um desvelar da sociedade, fundamentalmente com o desenvolvimento da consciência crítica. Trata-se de um processo de ruptura com o cenário vigente, com a intenção de uma práxis que colabore para uma sociedade mais justa, com equidade. Para que isto ocorra na universidade, é necessária uma atuação nos cinco âmbitos: gestão, currículo, método eficiente e que parta da realidade de ser dos educandos, ambiente e intersetorialidade.

E partindo deste entendimento, vimos na UNILA a possibilidade de um exemplo de uma instituição inovadora.

Com base na nossa pesquisa, vivência e entrevistas com atores da UNILA, construímos este trabalho.

Por meio das entrevistas, possibilitamos a escuta de pessoas que fazem parte de diversos setores da instituição acerca do projeto e dia a dia universitário. Buscamos comparar os documentos e objetivos pretendidos com a prática vivida por eles, que estão ali diariamente. Nossa intenção era saber se podíamos caracterizar a UNILA como inovadora. Esse foi o objetivo desta pesquisa.

Partindo da análise de conteúdo, criamos categorias que nos facilitaram a compreensão de dimensões importantes na busca de uma resposta ao nosso problema.

A categoria “A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina” nos apresenta falas que fazem com que compreendamos a preocupação da UNILA em trazer para dentro do ambiente educacional o contexto social latino-americano. Existe uma preocupação na integração dos países do continente, que também aparece em seu projeto. Essa integração ocorre através do conhecimento e do contato com as diversidades culturais e sociais da região. Há uma intencionalidade em trazer a realidade dos povos latinos para dentro da formação do aluno e da instituição, e são considerados os aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Essa característica aparece como uma preocupação de ser uma instituição da América Latina para a América Latina, quando se avalia não só o currículo, mas também a gestão.

Como apontado no capítulo anterior, destacamos aqui como aspectos inovadores: a reserva de vagas para estudantes indígenas e de outros países latinos, a preocupação com uma epistemologia que parta da região, o bilinguismo, o ciclo básico obrigatório voltado para a compreensão da história e demandas específicas e a política de internacionalização voltada para o sul.

Na categoria “O combate às desigualdades sociais é primordial para UNILA”, vemos que a instituição busca oferecer acesso a diferentes grupos, incluindo os que não acessavam o ensino superior em massa. Percebemos um impacto positivo na vida dos estudantes, fazendo com que elaborem um pensamento crítico e que possam ascender socialmente. Outro ponto levantado foi a contribuição para a melhoria do entorno da universidade, onde verificamos uma atuação no âmbito da intersetorialidade.

A categoria “O público da UNILA é especial”, evidenciou não apenas que a UNILA possui estudantes bastante diversificados, justamente pelas políticas de acesso e projeto proposto, mas que possuir tal diversidade gera não só uma contribuição positiva e que vai de acordo com sua missão. Ao construir um espaço plural, a universidade enfrenta desafios: a busca por harmonia e o oferecimento de recursos para que os estudantes lidem com as demandas de um processo de distanciamento de sua origem. Ainda são situações que exigem manejo por parte da instituição. Em contra partida, essas características específicas fazem com que ações não planejadas ocorram, como é o caso do cuidado e auxílio entre grupos e pessoas da comunidade acadêmica que se juntam para formar um ambiente acolhedor.

Apontando para os obstáculos, a categoria “Desafios a serem superados” retrata aspectos no dia a dia da UNILA que dificultam que os objetivos do projeto sejam atingidos. Destacamos aqui uma falta de estrutura adequada para atender os alunos, especialmente no que diz respeito a uma estrutura física como o próprio campus, prédios para moradia e restaurante universitário. Falta também

uma melhor interlocução com a cidade de Foz do Iguaçu, que ainda apresenta resistência ao público da UNILA.

Para finalizar, a retomada às categorias, o tema “O futuro da UNILA”, nos trouxe surpresas ao revelar que os objetivos da UNILA ferem interesses de certos grupos. Tais grupos, em oposição, procuram modificar o projeto da universidade para que, assim, ela esteja voltada aos interesses das elites. Ou seja, querem que a UNILA, assim como a maioria das universidades federais brasileiras, sacie novamente as necessidades de manutenção destes grupos que estão no poder ao longo de nossa história.

Retomadas as categorias, sentimos segurança em inferir que a UNILA pode ser considerada, por meio das falas que tivemos contato, como sendo uma universidade inovadora.

Extraímos tal conclusão a partir da observação de diversos aspectos da instituição, das entrevistas realizadas e em consonância com nossa definição de ambiente educacional inovador.

Ressaltamos a preocupação com um desvelamento da sociedade, a partir da consciência crítica dos estudantes sobre a realidade na qual estão inseridos e uma práxis que busca uma sociedade mais justa. Também verificamos uma atuação em todos os âmbitos citados como importantes, ao se compreender uma instituição educacional inovadora, embora o que menos tenha sido aparente nos discursos seja o referente à metodologia do ensino.

Acreditamos que o roteiro de entrevista não tenha destacado tanto este âmbito e sugerimos que sejam feitas mais pesquisas no que se refere a este tema.

Para finalizar, afirmamos a importância de uma instituição como a Universidade da Integração Latino-Americana para nossa sociedade e continente.

Atualmente, vivemos tempos sombrios no que se refere ao combate às desigualdades sociais e busca por equidade. Muitos têm sido os cortes a programas sociais e verba destinada à educação pública. Vemos benefícios à esfera privada em detrimento da esfera pública e mecanismos que favorecem grupos da elite em relação aos grupos que foram historicamente oprimidos.

Uma universidade que procura, mesmo com as dificuldades apresentadas, situar-se na conjuntura atual e obscura da América Latina, é algo que deve ser prestigiado, mantido e continuado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHIVO HISTÓRICO RTA. **IV Cumbre de las Américas: Lula contra el ALCA, 2005.** 2015 (1h11m06s). Disponível em: <<https://youtu.be/TVNu4RuVCgo>>. Acesso em 16 nov. 2018.

BARDIN, J. L. **Ere logique**, Paris: Robert Laffont, 1977.

BARROTO, L. (2008). **Globalización asimétrica y educación en América Latina.** In: CAIRO, H.; GERÓNIMO, S de. América Latina, una y diversa: teorías y métodos para su análisis. Costa Rica: Editora Alma Mater, 127-138.

BATTESTIN, C.; NOGARO, A. SENTIDOS E COTORNOS DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 357-372, abr. 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3097/1454>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/L12189.htm>. Acesso em: 13 jun. 2018.

BRASIL. **PORTARIA Nº 1.154, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2015.** Disponível em: <https://siga.anec.org.br/Documentos/Legislacao/portaria_n_1_154_de_24_de_dezembro_2015.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BRASIL. **Lei n. 10.973, de 2 de dezembro de 2004.** Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 2004a.

BRASIL. **Lei n. 12.189, de 12 de janeiro de 2010.** Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jan. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/L12189.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Nota Estatística da Educação Superior 2015. [Online]. Brasília: Inep, 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/Notas_Estatisticas_Censo_Superior_2015.pdf. Acesso em: dezembro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Planejando a Próxima Década. Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação.** Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/Sase): Brasília, DF., 2014.

BRASIL. Decreto no. 7.234. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm, 2010. Acesso em 14 de abr 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Emenda Aditiva 055 referente à Medida provisória nº 785. Disponível em:

<https://legis.senado.leg.br/sdleggeter/documento?dm=5393642&disposition=inline>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

BURCH, S. Sociedade da informação/ sociedade do conhecimento. In: Ambrosi, A.; Peugeot, V.; Pimenta, D. **Desafios das palavras**. Ed. VECAM, 2005. Disponível em: <<http://vecam.orggarticle699.html>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

CAMPOLINA, L. O.; MARTÍNEZ, A. M. Fatores Favoráveis à Inovação: Estudo de Caso em uma Organização Escolar. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 13, n. 3, p. 325-338, 2013.

CANAN, S. R., **Metodologia, Epistemologia e Autonomia: Relações Possíveis**. Frederico Westphalen: URI, 2000.

CARDOSO, A. P. As atitudes dos professores e a inovação pedagógica, **Revista Portuguesa de Pedagogia**, 1992.

CAVALLO, D. et al. Inovação e Criatividade na Educação Básica: dos conceitos ao ecossistema. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 24, n. 2, 2016.

CDES. **As desigualdades na escolarização no Brasil**: relatório de observação, n. 5, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.cdes.gov.br>>. (Último acesso em junho de 2019).

CHIARELLO, I. **A Universidade e seu papel no Desenvolvimento Regional: contribuições do PROESDE**. **Revista Extensão em Foco**, 2015.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FAGUNDES, C. V. INOVEDUC. **Gestão e Inovação da Educação Superior no Brasil**. 25 jul. 2018. Disponível em: <<http://inoveduc.com.br/gestao-e-inovacao-superior-brasil/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**, Brasília: Editora Liber Livro, 2005.

GALLAS, L.; MACHADO, R. Para transcender a colonialidade. Entrevista com Luciana Maria de Aragão Ballestrin. Online, **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, v. 13, n. 431, nov. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/3431/2062>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

GARCIA, P. S. Um estudo sobre a inovação como estratégia de formação contínua de professores ciências. In: **VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**. Anais. ABRAPEC: Florianópolis, 2009.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 224 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p.

FREITAS, M. E. **Cultura Organizacional: Identidade, sedução e carisma?** 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, 35(2), 57-63, 1995.

GOMEZ, G. O. Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. **Revista Matrizes** (on line). Nº 1, p.209-216, out. 2007.

GOMEZ, S. D. R. M.; DALLA CORTE, M. G.; ROSSO, G. P. (2019). A Reforma de Córdoba e a educação superior: institucionalização da extensão universitária no Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, 5, 019020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

KRASILCHIK, M. Inovação no Ensino de Ciências. In: GARCIA W. **Inovação Educacional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1980.

KULNIG, R. C. M. **Educação e desigualdade social: um estudo com jovens da elite**. 2010. 273 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MANCIBO, D.; DO VALE, A. A.; MARTINS, T. B. (2015). Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010. **Revista Brasileira de Educação**, 20(60), 31-50.

MASETTO, M. T. Inovação curricular no ensino superior. **Revista e-curriculum**, 7.2, 2011.

MASETTO, Marcos. Inovação na Educação Superior. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.8,n.14,p.197-202, Feb.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000100018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 24 de outubro de 2018.

MESSINA, G. **Mudança e inovação educacional: notas para reflexão**. Cadernos de Pesquisa. Nº 114, 2001, p. 225 – 233.

MENEZES, A., & Araújo, L. (2007). **Currículo, Contextualização e Complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes**. Acessado em 10, junho, 2019, em <http://www.irpaa.org>.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Inovação e Criatividade na Educação Básica**. Disponível em: <<http://criatividade.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H.; PITU, T. A. **O processo de pesquisa: Iniciação**. 2. ed. Brasília: Liber Livros, 2006.

MOVIMENTO DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO. **2º webinar: o conceito de inovação na educação**. 2018 (1h53m37s). Disponível em: <<https://youtu.be/T3BwZ2Zcrt8>>. Acesso em 21 out. 2018.

MOVIMENTO DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO. **O Movimento**. Disponível em: <<http://movinovacaonaeducacao.org.br/o-movimento/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

OBSERVATÓRIO da Integração Regional. Tag: UNILA, 2008-2018. Disponível em: <<https://observatoriodaintegracao.wordpress.com/tag/unila/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

PONTES, S. **A inclusão da diversidade no ensino superior: um estudo da Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila) na perspectiva das epistemologias contra-hegemônicas**. UNINOVE, São Paulo, 2015.

PORTAL Unila. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Ministério da Educação. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/>>. Acesso em: 16 set. 2018.

PORTAL Unila. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Ministério da Educação. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/informes/informe-da-reitoria-1Ç>>. Acesso em: 2 julho. 2019.

QUIJANO, A. **Colonialidade y Modernidade/Racionalidade**. Lima: Perú Indígena, vol. 13, n. 16, 1992.

REISDORFER, T. **Vivências Interculturais Na Cidade: A Presença De Estudantes Latino-Americanos Em Foz Do Iguaçu**. In: Congresso Internacional De História, VII., 2015, Maringá. Anais [...]. MARINGÁ: [s. n.], 2015. DOI 10.4025/7cih.pphuem.1397. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1397.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

SANTOS, C. F. Contribuições de Michel Foucault para a educação escolar. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, 3(5), 101-112, 2016.

SANTOS, M. **Por uma nova geografia**. São Paulo: Editora Hutech, 1978.

SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

SAUL, A. M. A construção do currículo na teoria e prática de Paulo Freire. In: APPLE, M.; NÓVOA, A. (Org.). **Paulo Freire: política e pedagogia**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1998. 192 p.

SAVIANI, D. A Filosofia da Educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W.E. (Org.) **Inovação educacional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1980.

SILVA E LUNA, J. Entrevista com Silva e Luna, diretor do lado brasileiro da

Itaipu Binacional - **Rede Costa Oeste de Comunicação** Parte 03 - Política de Austeridade e Itaipu Relacionada a Educação e PTI. Rádio Cultura Foz. 6'36". Disponível em: <<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/04/10/unila-causa-desconforto-e-pti-precisa-ser-de-interesse-ao-trabalho-de-itaipu-disse-silva-e-luna/>>. Acesso em julho de 2019.

SOUZA, A. C. Desemprego e Responsabilidade Social. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**, 1, 12460, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Estatuto**, Foz do Iguaçu, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Projeto Pedagógico Ciclo Comum De Estudos**, Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em: <<https://unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC2%20do%20CICLO%20COMUM.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Política de Internacionalização**, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/politica%20internacionalizacao.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

WANDERLEY, L. E. W. Parâmetros sociológicos da inovação. **Inovação educacional no Brasil. Problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, p. 30-54, 1980.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução CNS nº 196/96)

Este formulário de consentimento tem por objetivo informar-lhe sobre esta pesquisa, a qual você foi convidado a participar, bem como ter sua autorização explícita para realizá-la. Espera-se por meio deste possibilitar-lhe uma ideia básica sobre a pesquisa e o que a sua participação envolverá. Se você deseja mais detalhes sobre algo mencionado aqui ou informações não incluídas, sinta-se à vontade para perguntar. Por favor, leia cuidadosamente esse formulário e as informações aqui contidas.

Título do Projeto: Universidade da Integração Latino-Americana: Inovação ou doutrinação?

Pesquisadora: Michelle Cristina Martins de Oliveira

Objetivo: Analisar os fundamentos e as práticas desenvolvidas na UNILA para verificar se realmente ela pode ser considerada como sendo uma universidade inovadora.

Procedimento: As informações que se pretende coletar referem-se à entrevista que será realizada com a comunidade acadêmica da UNILA com emprego de roteiro semiestruturado, disponível para sua apreciação. A entrevista será gravada, para posterior transcrição e tratamento dos dados, a princípio durante um único encontro. Se houver necessidade, realizar-se-ão entrevistas recorrentes, visando garantir a fidedignidade do estudo.

Risco ou desconforto: Não há risco associado a esta entrevista, mas, se em algum momento você se sentir desconfortável, pode solicitar o encerramento da entrevista.

Sigilo: Os nomes dos participantes estarão em absoluto sigilo. Todas as informações obtidas na pesquisa serão utilizadas apenas para a análise científica dos dados e, em caso algum, os nomes dos participantes constarão em eventuais publicações.

Consentimento: A sua assinatura neste formulário indica que você está participando voluntariamente. Indica também que leu e entendeu as informações contidas neste formulário. Você é livre para se recusar a responder a específicos itens ou questões durante a entrevista. Você é livre para desistir de ser participante do estudo em qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Sinta-se livre para pedir explicações ou esclarecimentos a qualquer momento durante a pesquisa. Se você tem outras questões que concernem a este estudo, por favor, pergunte ao pesquisador. Uma cópia deste consentimento será entregue ao participante da pesquisa.

_____/_____/_____

APÊNDICE B
CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

APÊNDICE B – CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Pseudônimo: _____

Idade: _____ Tempo de vivência na UNILA: _____

Posição ocupada na instituição: _____

Formação: _____

Área em que atua: _____

Representante de movimento social? () sim () não

Se sim, qual? _____

APÊNDICE C

ROTEIRO DIRIGIDO PARA ENTREVISTA

1. Como chegou à UNILA:
 - O que o levou até a instituição.
 - Posição ocupada.
 - Experiências na instituição

2. Quais os aspectos mais importantes da UNILA para o participante:
 - O que a instituição tem de bom/melhor;
 - O que é negativo.

3. Diferença entre a UNILA e outras universidades:
 - Perceber as diferenças;
 - Investigar elementos de inovação na educação;
 - Identificar percepções sobre as particularidades da instituição.

4. Relação entre a UNILA e a América Latina:
 - Se sai do alinhamento automático com EUA;
 - Identidade da América Latina.

5. UNILA contribui para a transformar a estrutura da sociedade?
 - A UNILA contribui para diminuir a desigualdade?

6. Dificuldades/entraves para a concretização do projeto UNILA:
 - Na relação com o corpo discente?
 - Na relação com o corpo docente?
 - Na relação com a comunidade externa?
 - Na relação com os servidores?

7. O que foi ou é mais gratificante para você em pertencer à UNILA?

APÊNDICE D
CATEGORIAS DE ANÁLISE

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina	Busca da Integração Latino Americana	Uma Universidade da AL para a AL	<i>[...]nós estamos na América Latina nós precisamos buscar, uma epistemologia que seja condizente, com esse aspecto.</i>
			<i>[.]por essa preocupação em ser uma universidade situada politicamente, existe um propósito de fazer esse alinhamento Sul Sul, de olhar para o que é a América Latina, de entender que existem elites e que essa universidade não é pra essa elite, essa universidade ela serve para a população de fato</i>
			<i>[...]Única Universidade que se propõe a fazer uma reserva de vagas para alunos de toda a América Latina, de ter então auxílios específicos para esses alunos que vêm de outros países.</i>
			<i>[...]se você for estudar em qualquer outra universidade federal ou estadual do Brasil, você não vai ter um contato tão direto, com tantas nacionalidades</i>
			<i>30% de estudantes internacionais e quase 30% de professores internacionais.</i>
			<i>[...]as festas elas... tem representantes de diversos países e as pessoas conversam e trocam ideias e dançam, aí cada um mostra a música do seu país, cada um mostra a comida do seu país nessas conversas</i>
			<i>[...]somos diferentes isso é um fato, recebemos um quantitativo muito maior de estudantes da América Latina e do Caribe, somos bilíngue, valorizamos as Línguas Indígenas</i>
			<i>[...]o que a gente procura fomentar aqui é justamente outra forma de internacionalização, sem julgamento de valor, não é que uma seja melhor do que a outra, né, mas, entendendo que tem que ter espaço para diversidade. Isso também eu consideraria um conceito chave de inovação na UNILA. A nossa palavra chave é "Fronteira e Diversidade"</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
<p>A identidade da UNILA diz respeito a uma universidade inserida na América Latina</p>	<p>O Currículo está voltado para atender a necessidade da integração latino americana</p>	<p>Todos os alunos quando ingressam fazem o ciclo comum</p>	<p><i>[...]uma série de disciplinas que todos os alunos ingressantes costumam fazer. Então são: Os Fundamentos da América Latina... E aí tem outras disciplinas que é do Pensamento Científico, Introdução ao Pensamento Científico e também as línguas, porque a UNILA é uma Universidade Bilíngue.</i></p>
			<p><i>[...]ter essas disciplinas que nos obrigam a pensar a história do pensamento social científico latino americano, é, eu acho que isso cria particularidades</i></p>
			<p><i>[...]essa outra questão de a gente ter de fato, disciplinas que nos orientam a pensar a América Latina</i></p>
			<p><i>Então essas disciplinas, o estudo das línguas, a disciplina de Fundamentos da América Latina, Filosofia também, de alguma forma, dariam essa liga, pra gente começar a perceber o que nos une, o que nos separa, o que temos de diversidade, mas de semelhanças também</i></p>
			<p><i>UNILA é uma Universidade Bilíngue. Então todos os estudantes brasileiros no ciclo comum estudam o espanhol, e todos os estudantes hispanohablantes estudam o português.</i></p>
	<p>O Currículo está voltado para atender a necessidade da integração latino americana</p>	<p>A língua é primordial na integração</p>	<p><i>Ela é a única Universidade Bilíngue Federal no Brasil</i></p>
			<p><i>[...]tem professores que dão aula em espanhol, realmente tem estudante que eu só falam em espanhol</i></p>
			<p><i>[...]um dos pilares da UNILA é o bilinguismo</i></p>
			<p><i>Os estudantes, os professores, cada um se comunica na língua que lhe é mais confortável. Então, nenhum aluno é obrigado a escrever uma prova em português por exemplo, nenhum professor é obrigado a dar aula em português</i></p>
			<p><i>[...]há uma política institucional de valorização das línguas. E o bilinguismo institucional: Português e Espanhol</i></p>

			<i>[...]acho que ela está formando... auxiliando na formação de cidadãos críticos, que eu acho que é a base para mudança</i>
		A apreensão da realidade crítica é um objetivo fundamental da universidade	<i>[...]ver alunos desenvolvendo uma consciência crítica e colocando o discurso de como eles precisam lutar pela igualdade, precisam lutar contra a opressão</i>
			<i>[...]a UNILA ela se propõe a atuar aí né, alunos que... enfim, estão tendo acesso a uma discussão que antes eles não imaginavam, de ver na prática muitas vezes as desigualdades, de ver que na universidade isso é discutido e buscar então argumentos e problematizar aquilo que eles já viveram, que eles já experienciaram</i>
		UNILA propõe cursos pioneiros	<i>Esse curso ele já vem com outra proposta né, com a ideia de soberania alimentar, ele vem com a ideia de desenvolvimento rural e sustentável</i>
			<i>Tem aula de filosofia indígena.</i>
			<i>[...]sou Professora de um curso que é inovador, que chama: Letras Artes e Mediação Cultural. Então é um curso que não tem com esse formato no Brasil</i>
			<i>[...]É a única Universidade no Brasil que tem um Professor de Língua Indígena concursado dentro do curso de Letras</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
<p>Combater as desigualdades sociais é primordial para a UNILA</p>	<p>A UNILA facilita um processo de ascensão social</p>	<p>A UNILA está aberta para todos</p>	<p><i>[...]primeira geração da família que tá na universidade</i></p>
			<p><i>[...]a universidade não tá querendo ser restritiva e sim expandir e ser acessada por grupos que antes não tinha esse acesso.</i></p>
		<p>A UNILA promove o desenvolvimento da comunidade acadêmica</p>	<p><i>[...]a maior parte desses estudantes que estão aqui, são estudantes que normalmente não iriam ir pra universidade se não fosse a existência da UNILA. Não iriam porque eles vêm de contextos sociais e econômicos muito mais frágeis</i></p>
			<p><i>[...]a UNILA consegue combater a desigualdade</i></p>
			<p><i>[...]ver esse crescimento deles do início do semestre ao fim do semestre</i></p>
			<p><i>[...]hoje eu sou uma pessoa diferente da pessoa que entrou aqui em 2014.</i></p>
			<p><i>[...]esse sentimento mais americolatinista, assim, tá muito aflorado assim em mim e não era tão aflorado, isso foi uma coisa que já foi uma mudança enorme no aspecto pessoal.</i></p>
			<p><i>[...]a partir do momento que você faz uma universidade da integração latino americana, você fortalece esses sentimentos, você fortalece essa unidade</i></p>
		<p><i>É absolutamente incrível você trabalhar com cultura numa sala onde você tem seis, sete, dez nacionalidades. É completamente diferente. Te desestrutura, porque você precisa se reinventar o tempo todo, mas é incrível porque você também cresce muito, né, é um desafio que te faz crescer</i></p>	
		<p>A UNILA contribui para a melhoria do entorno</p>	<p><i>[...]de alunos formados, muitos assim, retornam para os seus países de origem e vão trabalhar em instituições públicas, instituições de promoção de Políticas Públicas</i></p>

		<p><i>[...]em Foz do Iguaçu, eu percebo que muitas pessoas próximas assim, já tiveram mudanças consideráveis nas suas vidas a partir da implantação aqui da UNILA. O próprio curso de medicina que a UNILA abriu aqui em Foz do Iguaçu que era um anseio da sociedade de Foz do Iguaçu. Todos os nossos projetos de extensão, todos os cursos que a UNILA oferece, tem um curso que foi organizado pelos alunos mesmo que é o ingressa, que é um curso de pré vestibular.</i></p>
		<p><i>[...] a UNILA tem uma, tem uma função... uma função vital para a cidade de Foz do Iguaçu.</i></p>
		<p><i>[...]engajamento e pelo envolvimento, pelos projetos de Extensão, que tem um impacto imediato na comunidade</i></p>
		<p><i>Ela tem influenciado bastante, pelo menos aqui na cidade com os projetos de pesquisa, de extensão</i></p>
		<p><i>A Porque a UNILA move a economia local, a UNILA tem um impacto que, não é só educacional, é econômico também</i></p>
		<p><i>[...]a UNILA veio para melhorar o lugar, mas não melhorar no sentido de se impor sobre o lugar, mas de trabalhar em parceria com as demandas locais</i></p>
		<p><i>[...]trabalhar com essa percepção de que somos uma Universidade de Fronteira e que temos neste lugar um laboratório de pesquisa fantástico e que podemos trabalhar com responsabilidade social e com pesquisa de alto nível aqui</i></p>
		<p><i>A UNILA vem realmente fazendo ações que já causaram e causam impacto social</i></p>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Público da UNILA é especial	Os alunos da UNILA exigem estratégias de atenção específicas	Conflitos gerados pela pluralidade	<i>[...]não existe o racismo apenas contra negros, existe o racismo contra os indígenas</i>
			<i>[...]essas pessoas, as que são a minoria, sofrem linchamento moral</i>
			<i>[...]são conflitos que surgem por conta dessa pluralidade.</i>
			<i>[...]é difícil, né, juntar todas essas culturas e conseguir ter uma, não sei, uma harmonia entre tudo isso</i>
			<i>[...]a ideia de promover a diversidade ela não é fácil</i>
	Alguns alunos não tem recursos para enfrentar as dificuldades.	<i>[...]existem uma série de problemas com relação a alunos que vem pra cá e ficam muito deprimidos, alunos que vêm de outros países e não tem dinheiro pra voltar nas férias, ficam longe das famílias e isso gera uma série de consequências bem graves que já, inclusive, que já resultou em alguns suicídios</i>	
		<i>[...]elas trazem consigo uma bagagem que é de exclusão e preconceituosa</i>	
		<i>[...]são estudantes que estão em situação de vulnerabilidade social, a maior parte.</i>	
		<i>A gente teve um suicídio de uma aluna de um curso ano passado, assim, foi super traumático pra todo mundo</i>	
		<i>[...]acredito que o que mais pega pra eles é essa questão cultural sabe... de estar distante da família</i>	

		<p>A diversidade gera maior convivência entre pares</p>	<p><i>A gente vê muito estudantes que...é...bem... acabam ficando assim guetos. ..É... Tipo os haitianos, os colombianos, os venezuelanos, acho que pra tentar mitigar um pouco essa questão.</i></p> <p><i>Todo estudante que chega, recebe ajuda dos seus pares. Normalmente por nacionalidade</i></p>
		<p>Relação de cuidado entre a comunidade acadêmica</p>	<p><i>[...]a UNILA gera uma rede de solidariedade interna muito importante.</i></p> <p><i>[...]o grupo de colombianos aqui na UNILA, eles organizaram super bem pra receber a gente, então eu não me senti tão desamparada aqui, sabe?! Eu tinha um pessoal que ia nos receber, pegar do aeroporto para levar para a moradia, foi legal</i></p> <p><i>Da própria necessidade do processo, foram se criando essas redes de solidariedade internas que inclui também docentes...a gente acaba se envolvendo: técnicos, professores, mas o grosso dessa rede é formada pelos próprios estudantes, que acabam ajudando uns aos outros</i></p> <p><i>Nós temos agora, por exemplo, temos uma professora que está com sete estudantes indígenas em casa, porque chegaram e a gente não tem moradia, e tem um tempo até eles começarem a receber os auxílios, e depois tem um tempo pra entenderem como funciona a cidade</i></p>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Desafios a serem superados	Dificuldades para o atingimento da missão	Ausência de uma estrutura adequada para atender os alunos	<i>[...]ela não tem uma estrutura condizente com tudo isso que ela se propõe a oferecer</i>
			<i>[...]não tem muito acesso, o transporte não é bom, o transporte público não é bom</i>
			<i>A instituição tem que estar melhor preparada para acolher</i>
			<i>[...]não pode caminhar dentro do (PTI)</i>
			<i>[...]Falta uma estrutura de atendimento psicológico de estudantes</i>
			<i>[...]tem bastante burocracia pra eles chegarem até aqui</i>
			<i>A universidade está pagando aluguel, ainda, depois de dez anos, e isso tira a nossa autonomia estudantil.</i>
			<i>(Sobre o prédio Niemayer doado pela itaipu) [...] acabou se tornando um calcanhar de Aquiles, acabou se tornando uma fragilidade muito grande porque a gente não consegue nem, definitivamente romper com esse projeto, nem substitui-lo por outro.</i>
			<i>A gente precisa de sala de aula pra fazer qualquer coisa e não consegue, a gente tem dificuldade de espaço</i>
			<i>Nós não temos moradia, nós não temos restaurante universitário.</i>
			<i>[...]a gente passa por um processo de vigília que é muito maior do que qualquer outra universidade, porque a gente está dentro de um espaço particular, privado e numa estrutura, que é uma estrutura que foi criada no período da ditadura que é a Itaipu Binacional, que tem práticas autoritárias desde sempre, que tem toda uma história de autoritarismo desde o seu processo de criação e a gente está ali dentro.</i>
		A cidade não recebe bem a UNILA e sua comunidade acadêmica	<i>[...]é uma cidade muito conservadora, muito racista, muito classista</i>
<i>não é uma cidade acolhedora</i>			

			<p><i>O que incomoda na UNILA, para as pessoas da cidade, são os estudantes que são diferentes e eles não são acostumados ao diferente</i></p> <p><i>essa integração ela ocorre, ela poderia ocorrer de uma maneira muito mais efetiva, mas eu acho que, pelas dificuldade que a gente vem passando aqui, pela resistência que a cidade oferece a universidade, toda a problemática que a gente tem aqui eu acho que a gente está indo muito bem</i></p>
		<p>A realidade dificulta que o regimento seja cumprido</p>	<p><i>[...]mas está lá que 50% dos docentes deveriam ser latino americanos, não brasileiros e a gente encontra dificuldade em alcançar esses índices</i></p>
		<p>Objetivos pretendidos pela universidade não são assumidos por todos</p>	<p><i>[...]eu acredito que se o bilinguismo e a internacionalização fossem preocupações da maioria das pessoas, dos gestores e dos servidores, esse tipo de coisa não aconteceria porque é primordial</i></p> <p><i>[...]então é cada política que aprovada, é cada resolução, cada departamento ali criando a sua regrinha e esquecendo que a gente tem um norte em comum</i></p> <p><i>[...]é que existem aquelas pessoas que não estão interessadas porque independente de qual fosse o objetivo pra elas não ia fazer diferença</i></p> <p><i>Porque como nós não temos parâmetro para... pro que seria isso, cada um imagina a sua UNILA. E isso é difícil, na medida em que começam a ver os tensionamentos, os conflitos internos pra ver qual é o projeto da UNILA que no final vai se sobrepor aos outros</i></p>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
<p>O Futuro da UNILA</p>	<p>A possível consciência da realidade por parte dos alunos é motivo para pedirem a sua transformação</p>	<p>Há grupos que querem modificar radicalmente o projeto UNILA</p>	<p><i>Ela vem sofrendo muitos ataques</i></p>
			<p><i>[...]Jem 2017, já havia um Deputado que queria transformar a UNILA em uma Universidade Federal do Oeste Paranaense. Tirar todo esse perfil inovador, de cursos também para o desenvolvimento da américa latina</i></p>
			<p><i>E o que incomoda é o fato da UNILA não ter essa proposta alinhada ao que é a universidade historicamente no Brasil.</i></p>
			<p><i>[...]Ja gente tem a imprensa local contra a gente, isso é bem complicado</i></p>
			<p><i>[...]É uma universidade que ela fere interesses locais, sabe, porque aqui é muito... é um lugar tomado por agronegócio, é plantação de soja pra todo lado. Então, você tem aqui, com certeza incidência de trabalho escravo, sabe, tipo, você tem uma sociedade absolutamente preconceituosa, racista, aí você coloca um monte de estudantes dentro dessa cidade, e aí esses estudantes começam a questionar um monte de coisa, então essas pessoas elas tem poder, então elas começam a colocar a sociedade de modo geral contra gente.</i></p>
			<p><i>[...]Jexiste um projeto que é um projeto muito bom e que ele está sendo deformado ao longo do tempo</i></p>
			<p><i>[...]temos a moradia quase pronta, mas, recebemos a notícia de um contingenciamento de 25% do orçamento, essa foi a última, fora os outros que a gente já vem recebendo</i></p>
			<p><i>A Itaipu ela tem muita interferência no que acontece dentro da UNILA, tem... o poder econômico da Itaipu assusta um pouco...Eles têm uma força muito grande e a gente está ali dentro, a gente depender financeiramente deles, isso é uma coisa que te imobiliza demais</i></p>

		<p>Anseio dos aluno por debates sobre temas fundamentais</p>	<p><i>[...]existe uma preocupação estudantil de falar da diversidade, de falar do combate ao racismo, de falar de questões de gênero na América Latina.</i></p> <p><i>[...]também das questões das desigualdades econômicas, os recursos energéticos</i></p>
	<p>Planejamento para a concretização do projeto UNILA</p>	<p>Metas a serem alcançadas</p>	<p><i>[...]o nosso maior desafio é de dentro pra fora... é conseguir fazer disso uma política institucional mesmo né: o bilinguismo, a internacionalização de dentro pra fora de baixo pra cima e não de cima pra baixo</i></p> <p><i>[...]a gente precisa se organizar e ter em mente que é necessário lutar para que esse projeto não se perca, para que a gente consiga de fato ser uma universidade inovadora. Entendeu?! Para que a gente consiga de fato promover a integração na América Latina a partir do conhecimento</i></p> <p><i>[...]nós temos professores muito comprometidos com esse projeto, nós temos alunos muito comprometidos com esse projeto. Então a gente tem material humano de muita força aqui, e a gente pode conseguir manter isso, só que a gente precisa estar organizado</i></p> <p><i>[...]nós começamos os processos sem ter todas as respostas x ...Então a gente começa, na medida que os problemas vão chegando a gente vai entendendo como desafios e vai tentando encontrar maneiras pedagógicas, maneiras de relações interpessoais para lidar com elas, mas sim, aparecem o tempo todo</i></p>

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA

APÊNDICE E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

P1: Pesquisadora
E1: Entrevistada

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Pseudônimo: Pitú

Idade: 32 Tempo de vivência na UNILA: 2 anos

Posição ocupada na instituição: Professora

Formação: Ciência política

Área em que atua: Ciclo básico – Ciência Política

Representante de algum movimento social? (x) sim () não

Se sim, qual? Sindicato - Sesunila

P1: O quê que te fez chegar na UNILA? Como foi esse processo?

E1: Eu estava terminando meu Doutorado, na UFRGS, fiz o Doutorado em Ciência Política. No início do ano eu vi que tinha uma chamada, né, foi em 2017. Tinha uma chamada pra seletiva, pra UNILA, e eu me inscrevi e fui aprovada...

P1: Aham

E1: Na seleção.

P1: Você já conhecia a UNILA?

E1: De ouvir falar, não tinha vindo pra UNILA antes

P1: Aham, mas você já, tipo, sabia da forma meio diferente...

E1: Sim, sim, sabia que tinha toda uma proposta, até porque, muito tempo o Reitor daqui foi o Hégio Trindade que era da Ciência Política da UFRGS que eu...

P1: Ah, legal

E1: ...Fiz o meu Mestrado e Doutorado

P1: Aham

E1: Então tinha essa, essa proximidade de saber que...

P1: Bacana. E aí, você é professora da UNILA?

E1: Sou

P1: Você é professora de quê?

E1: Sou professora do curso de Ciência Política e Sociologia

P1: E você dá aula de que lá?

E1: Então, eu... eu sou assim... eu estou... eu estou relacionada a área de Ciência Política, porque o curso tem essas duas áreas: Sociologia e Ciência Política. Então eu dou disciplinas de Teoria Política principalmente porque é a minha área de formação, mas também dou disciplinas do ciclo comum aqui na UNILA. Não sei se você...

P1: Sim

E1: Existe um ciclo comum então, né, uma série de disciplinas que todos os alunos ingressantes costumam fazer. Então são: Os Fundamentos da América Latina, um, dois e três, onde se estuda questões sociais, econômicas, históricas, políticas, ambientais, da América Latina. E aí tem outras disciplinas que é do Pensamento Científico, Introdução ao Pensamento Científico e também as línguas, porque a UNILA é uma Universidade Bilingue. Então todos os estudantes brasileiros no ciclo comum estudam o espanhol, e todos os estudantes hispanohablantes estudam o português. Então existe essa... o ciclo comum ele tá organizado dessa maneira

P1: Aham

E1: E daí, para as aulas de Fundamentos da América Latina, eu também dou aula.

P1: Interessante. E assim, quais são os aspectos que você acha mais importantes, melhores, da UNILA e os piores?

E1: Aham, Tá. Os melhores aspectos eu acho que é essa preocupação, com uma autonomia epistemológica, desde o sul. Então, toda essa preocupação em valorizar e produzir conhecimento de maneira situada, pensando que nós estamos na América Latina nós precisamos buscar, uma epistemologia que seja condizente, com esse aspecto. Então, a partir disso, eu enten... eu vejo assim... que... os... e... um interesse por... e... feminismo, interesses pelos estudos de combate ao racismo, e... todo um interesse de buscar explorar conhecimento dos povos nativos da América do Sul. Tem aula de filosofia indígena. Então, esses são os aspectos, assim, positivos, para além disso, para além de aspectos de conteúdo, a proposta da UNILA de ser uma universidade da Integração Sul Americana, e, portanto, buscar alunos não só do Brasil, mas também da América Latina e do Caribe. Então, existe uma diversidade enorme na UNILA, o que é muito positiva. Mas esse também é um lado que causa problemas, qual... é... os pontos negativos que eu vejo na UNILA. A UNILA, ela tem um projeto lindo de

integração, de produção de conhecimento crítico situado, mas ela também... como eu vou dizer... ela não tem uma estrutura condizente com tudo isso que ela se propõe a oferecer. Então, do lado, existem uma série de problemas com relação a alunos que vem pra cá e ficam muito deprimidos, alunos que vêm de outros países e não tem dinheiro pra voltar nas férias, ficam longe das famílias e isso gera uma série de consequências bem graves que já, inclusive, que já resultou em alguns suicídios. Então, eu acho que essa estrutura, assim, de poder acolher os estudantes que são estrangeiros, de ter essa noção de que não é, não é fácil vir pra outra cidade, vir pra outro país e Foz do Iguaçu, embora já tenha se modificado muito a partir da vinda da UNILA pra cá, é uma cidade muito conservadora, muito racista, muito classista. Então, não é uma cidade acolhedora. E mesmo assim na constituição da cidade, os alunos, eles ficam lá perto da universidade, não tem muito acesso, o transporte não é bom, o transporte público não é bom. Então tem todas essas questões que isolam eles da cidade propriamente e eu acho isso problemático. E estou vendo isso, para além dessas questões de alunos estrangeiros, também tem um, a questão do... até isso está sendo, né... Agora a gente tá no meio de um conflito, assim, no meio, entre estudantes... Porque uma aluna do primeiro semestre diz ter sido assediada sexualmente por um aluno indígena. Então aí surge uma série de questões muito complexas, assim, porque ao mesmo tempo que a gente não pode deixar de ouvir o relato da vítima, existem outros relatos de assédio, mas esse é o primeiro que se coloca... A turma expulsou o aluno da sala, enfim. E é um aluno indígena que entrou por um edital específico, e... ele... as pessoas ... os alunos não entendem que não existe o racismo apenas contra negros, existe o racismo contra os indígenas, e... enfim. Então, é toda uma questão, assim, super delicada, e o que acontece normalmente é que essas pessoas, as que são a minoria, sofrem linchamento moral. A tendência é essa pessoa ir se isolando, se isolando, e daqui a pouco sair do curso, se afastar... porque se não é fácil para uma pessoa do mundo, assim... ocidentalizado, né, do mundo dos brancos, e... já estar na universidade, imagina pra um pessoa que vem de uma comunidade. Esse aluno é do Alto Xingu, tem toda uma outra história de vida, tem outros padrões culturais e de comportamento. Então, são todas essas questões que a gente está aprendendo a lidar, são conflitos que surgem por conta dessa pluralidade.

P1: Você acha então que a diversidade ela, além de trazer as coisas boas ela também gera os próprios conflitos, por conta das multiplicidades?

E1: Eu não sei se ela gera os próprios conflitos, mas eu acho assim, que a ideia de promover a diversidade ela não é fácil, e as próprias pessoas que estão dentro desse contexto que se propõe em promover a diversidade, elas trazem consigo uma bagagem que é de exclusão e preconceituosa. Então, isso é todo um trabalho que tem que ser feito com os alunos desde o início e não é fácil. E a instituição tem que estar melhor preparada para acolher isso. Então, agora que tá começando a se criar uma comissão da equidade de gênero, mas é... queriam criar uma secretaria, e o CONSUN vetou, a criação dessa secretaria, porque daí tem uma questão de ceder pessoas para essa secretaria, outros órgãos iam ficar sem. Mas daí parece que uma secretaria tem uma relevância menor, e seria uma secretaria que faria esse trabalho, né, porque, enfim, uma secretaria de combate, de promoção da equidade de gênero e combate ao racismo. Então, essa seria a secretaria que poderia tratar propriamente disso. Daí, tem uma comissão, tem

professoras e técnicas que fazem parte, mas elas estão trabalhando extra pra fazer isso. A Universidade, a Instituição, ela não está apoiando a criação de uma secretaria. E, bom, daí tem toda uma problemática, vejo... e... com o ingresso dos estudantes indígenas que enfim, é um... eu acho assim, é totalmente essencial, e acho que isso faz parte de um momento histórico da universidade brasileira que pela primeira vez essas minorias estão acessando uma universidade, estão fazendo parte da universidade e a universidade vai se transformar a partir disso. Existem uma série de problemas. Aqui na UNILA, eu estava vendo os dados agora, esse ano, foi o primeiro ano que teve um edital específico para entrada de indígenas. Então, entraram indígenas, não apenas brasileiros, mas também da América Latina. Às vezes são da mesma etnia, da mesma tribo, mas são de países diferentes. Tem Guaranis do Paraguai, Guaranis Brasileiros; tem Ticunas da Colômbia e Ticunas do Brasil. Então tem, tem todas essas questões. O que acontece é que os estudantes indígenas não brasileiros, eles ainda estão tendo que fazer o registro de RNE - Registro Nacional de Estrangeiro, e por conta disso eles não conseguem abrir conta em Banco porque ainda estão esperando, e eles não podem receber auxílio. Então, eles estão sem auxílio aqui em Foz. Pra além disso, dessas questões financeiras, os brasileiros não é... eu acho que é mais ou menos assim 50% brasileiros e 50% latino-americanos. Existem núcleos de apoio, de permanência indígena na universidade mas, eu não vejo como o suficiente, assim, tem que ter um cuidado muito mais específico, e eu acho que com toda a burocracia da universidade, que é uma burocracia bem desorganizada, uma nova, né, a universidade tem dez anos... nove anos, eu já estou em dez ((risos))... então, é uma burocracia super complicada e muito desorganizado, a começar pela própria estrutura. Existe o campus do PTI, existe o campus do Jardim Universitário e daí a Reitoria e as Pró-reitoras ficam na Vila A, fica tudo assim. Então, isso também... Eu acho que é muito... Prejudica né, enfim, o funcionamento institucional, organizacional da universidade. E daí eu acho assim, existe uma comissão de permanência universitária, mas essa comissão não consegue dar conta. Eu acho que tem uma série de questões que precisam ser levadas em conta, né, pra acolher esses estudantes, não é fácil, eu na minha sala de aula, eu tenho uma preocupação especial com os alunos indígenas, enfim, eu acho que eu tenho que trazer esses temas né, pra toda disciplina que eu for dar, eu tenho que trazer esse tema porque, enfim, se eles estão ali... eu preciso... eu entendo assim... mas, enfim. Então tem esses lados positivos, e também os negativos.

P1: A UNILA ela colabora com, por exemplo, esse tipo de necessidade, por exemplo: tirar o visto... ela tem uma...

E1: Sim, sim, eles colaboram. Tem a PRAE, que é a Pró-reitora de Assistência Estudantil, tem a secretaria de Relações Internacionais, então tem um...

P1: Tem um trabalho junto

E1: Tem um trabalho

P1: Assim, você estava trazendo essa questão da diversidade, da multiplicidade, de trazer a América Latina para dentro da sala de aula. A UNILA se propõe a ser uma Universidade da América Latina para América Latina. Você acha que ela consegue?

E1: Sim, eu acho que ela consegue. Eu acho que de maneira geral, pelo que eu posso perceber, assim, agora que eu estou dando aula de Fundamentos da América Latina, eu tenho alunos não só de Ciências Políticas e de Relações Internacionais, que são normalmente os alunos que têm essas disciplinas que eu dou, mas também, alguns outros cursos de Engenharia, Engenharia Física, Engenharia dos Materiais, Engenharia Química, Arquitetura, Ciências da Natureza... Eu acho que todos já tem, assim, existe uma preocupação estudantil de falar da diversidade, de falar do combate ao racismo, de falar de questões de gênero na América Latina. Isso tá super assim, também das questões das desigualdades econômicas, os recursos energéticos, tem eu acho que, uns alunos das Ciências Sociais de maneira geral, isso é bem... ciências sociais, humanas, isso é bem presente. Agora, eu vejo que os cursos de engenharias, assim, é um desafio, um desafio um pouquinho maior. Estou gostando desse desafio agora que eu estou dando essa disciplina pra eles, e a gente tá discutindo o direito a cidade na América Latina, enfim, daí eu estou tentando estimular eles, tentando produzir essa crítica social, assim, "mas aqui em Foz do Iguaçu, o quê que vocês acham que faz parte de uma cidade urbanizada e o que não faz?" "o que exclui alguns de terem acesso a cidade e o que não exclui?". Então tá sendo muito legal. Eu estou vendo que eles estão preocupados, eles querem refletir sobre isso. Tem um grupo da engenharia que eles acham que não é importante, as do ciclo comum né, que não é uma disciplina técnica da área, mas, outros já estão participando mais. Esses cursos, de engenharia, muito assim, o professor passando a matéria no quadro, os cálculos, as fórmulas e

P1: Bem o método tradicional

E1: O método tradicional, não tem tanto aquela coisa de ficar em discussão, em debate. Mas eu vejo, eu estou tentando estimular eles a debaterem e tá sendo bem positivo, assim, e ainda mais porque não é uma turma só de engenharia, tem alunos de outras turmas. De Ciências Políticas, de RI, também da Antropologia, Música. Então, é muito positivo nesse sentido assim, que são várias, background que enriquecem a aula e eu acho que isso faz com que, enfim... tenha uma noção de América Latina, tem um papel especial na formação.

P1: Você acha que eles conseguem fazer esse diálogo, depois da formação deles, por exemplo, engenheiros, médicos... Você acha que eles conseguem fazer esse diálogo com a atuação deles para a América Latina?

E1: Olha, os estudantes de medicina eu não conheço muito. Uma vez eu conversei com uma aluna, ela era do Paraguai e estava estudando medicina aqui na UNILA, e ela falou que as disciplinas de FAL, foram fundamentais pra ela, que ela tinha entendido o que era América Latina, e que isso era muito importante, que era outro olhar pra profissão dela inclusive. Então, eu não sei se é pra todos né, enfim, foi uma estudante que me relatou isso. Eu achei bem legal.

P1: E pensando... A UNILA foi criada num momento em que a gente tinha tido um governo anterior tentando fazer esse alinhamento do Sul com o Norte. E aí depois com o governo do PT, isso foi mudando pra tentar um momento mais Sul Sul. Eu acho que a UNILA se propõe no projeto dela a trazer essa colaboração para o MERCOSUL principalmente. Você acha que isso funciona na prática?

E1: Olha, eu acho que sim. Pelo que eu vejo, assim, de alunos formados, muitos assim, retornam para os seus países de origem e vão trabalhar em instituições públicas, instituições de promoção de Políticas Públicas. Então, e ele já vem com essa crítica... Então, eu acho que de certa maneira sim, a partir da formação de pessoas que viveram essa proposta pedagógica da UNILA. Consegue sim, é uma universidade muito nova eu não sei se dá pra quantificar muito isso ainda. Mas, eu vejo de maneira muito positiva, assim, essa proposta da UNILA está gerando uma proporção, tá conseguindo atingir alguns dos objetivos que ela se propõe, não totalmente porque é um contexto difícil que a gente vive.

P1: Você acha que ela poderia ser considerada uma universidade inovadora?

E1: Sim, sim, principalmente por essa preocupação em ser uma universidade situada politicamente, existe um propósito de fazer esse alinhamento Sul Sul, de olhar para o que é a América Latina, de entender que existem elites e que essa universidade não é pra essa elite, essa universidade ela serve para a população de fato, e tem essa preocupação, existe essa preocupação muito forte com a América Latina e não é uma preocupação, assim, com a elite latino-americana, é com o povo. Eu acho que isso é muito, eu acho que a inovação dela vai nesse sentido.

P1: E o que você acha que diferencia ela das outras universidades do Brasil?

E1: Ah, eu acho que é principalmente o fato de ela ser uma universidade bilíngue. Ela é a única Universidade Bilíngue Federal no Brasil, e é a única Universidade que se propõe a fazer uma reserva de vagas para alunos de toda a América Latina, de ter então auxílios específicos para esses alunos que vêm de outros países. Acho que ela se diferencia nesse aspecto, a UNILA é a Universidade irmã da UNILAB. A UNILAB já tem uma outra proposta, também muito inovadora.

P1: Ela é bem interessante, fiquei curiosa pra estudar ela. E assim, pensando que a UNILA tem essa proposta diferenciada de outras universidades, você acha que ela colabora para a transformação da estrutura da sociedade da latino américa?

E1: Sim, sim, com certeza. Eu acho que ela está formando... auxiliando na formação de cidadãos críticos, que eu acho que é a base para mudança. Eu acredito nisso.

P1: Você acha que por exemplo, no combate às desigualdades, ela tem uma atuação?

E1: Sim, eu acho que sim. Eu vejo muito claramente que os alunos, principalmente de outros países da América Latina, eles dizem que eles são a primeira geração da família que tá na Universidade. Pensando no contexto do qual eu vim, eu estudei na UFRGS, no curso de Relações Internacionais, um curso bem concorrido, então, é para uma elite né, e na época ainda não tinha cotas. Então, eu vi ali que a maior parte das pessoas ou era filho de, assim, os pais tinham universidade né, eu especificamente venho de uma família que meu bisavô já tinha Ensino Superior, uma família de professores e advogados por parte de mãe. E eu vejo aqui na UNILA, que são pessoas que, assim, a maior parte tá a primeira vez, são a primeira geração a ir pra uma Universidade. Então

eu acho que isso com certeza contribui pro combate à desigualdade, porque desigualdade, eu acho que existe uma questão muito importante de quando a gente vai discutir desigualdade para além da questão econômica, que é a desigualdade de acesso à informação. Então, eu acho que a UNILA ela se propõe a atuar aí né, alunos que... enfim, estão tendo acesso a uma discussão que antes eles não imaginavam, de ver na prática muitas vezes as desigualdades, de ver que na universidade isso é discutido e buscar então argumentos e problematizar aquilo que eles já viveram, que eles já experienciaram. Então acho que nesse sentido a UNILA consegue combater a desigualdade.

P1: Passando dessa parte do projeto pra realidade, o dia a dia na universidade. Quais são as principais dificuldades que você vê, com os professores, com os alunos, servidores, gestão?

E1: Bom, eu tenho uma crítica a própria estrutura física da universidade que, porque, eu não sei se tu chegou a ir no PTI

P1: Não, teoricamente eu não posso entrar lá.

E1: Exato. Eu acho isso super complicado pra uma universidade. Estar dentro de uma área de Segurança Nacional do parque da hidrelétrica, enfim, daí tem toda uma... não pode caminhar dentro do... a gente chega ali na barreira, professor que tá de carro entra, apresenta o crachá e entra. Professores e alunos que estão a pé, tem que passar a barreira, apresentar o cartão, pegar um ônibus que leve até a sala de aula, enfim. Daí esse ônibus não tem tanta frequência assim, a cada 10, 15 ou 20 minutos, dependendo do horário tem uma demora de 30 minutos. Então, essas coisas eu acho bem complicadas. Os alunos e professores e técnicos, assim... olha, eu tenho um relacionamento bom com os colegas, mas eu particularmente acho que... como vou dizer... acho que existe uma falta de percepção do papel especial que tem a UNILA. Tanto por técnicos quanto por professores. Bom, daí isso repercute um pouco nos estudantes mas eu não responsabilizo eles, responsabilizo principalmente os técnicos e os professores, enfim, de não entender que um aluno hispanohablante vai ter mais dificuldade com a língua, e também tem alunos hispanohablantes que o espanhol não é a primeira língua deles, são de regiões mais... de onde tem dialetos indígenas, não há o espanhol. Então, tem essas questões. E daí, às vezes eu acho que falta um pouco de manejo ao mesmo tempo eu acho assim que... Eu já conversei com colegas minhas, com professoras que, a gente acaba muitas vezes assumindo um papel de assistente social enquanto professora, geralmente são as professoras mulheres, então a gente fica sobrecarregada nesse sentido. Porque o que acontece, a UNILA é uma Universidade que surge naquele momento de expansão da universidade, né, o universitário no Brasil. Então, a maior parte desses estudantes que estão aqui, são estudantes que normalmente não iriam ir pra universidade se não fosse a existência da UNILA. Não iriam porque eles vêm de contextos sociais e econômicos muito mais frágeis. Então a maior parte dos estudantes são aqueles que estão em condições, como que se diz... esqueci o termo... mas são estudantes que estão em situação de...

P1: Vulnerabilidade?

E1: Vulnerabilidade, vulnerabilidade social, a maior parte. E com isso cria uma série de problemas, repercutem na sala de aula, repercutem na vida deles, na participação, nas notas... E eu acho que falta uma estrutura de atendimento psicológico de estudantes. Eu acho que a UNILA tem cinco psicólogos. E a UNILA se propõe a dar atendimento apenas para questões acadêmicas. Mas como é que um psicólogo vai separar essa situação acadêmica da vida pessoal? Não existe isso. Então, e daí às vezes a gente acaba se envolvendo bastante com questões de alunos, e é bem desgastante. Eu acabei me envolvendo com alguns alunos que tiveram problemas, enfim, se eu não fosse me envolver ele ia ficar desassistido e a gente se preocupa né, porque é uma pessoa que está sozinha aqui, vem de outro país, vem de outro estado. A gente teve um suicídio de uma aluna de um curso ano passado, assim, foi super traumático pra todo mundo, ainda estamos se recuperando disso, né, mas, enfim. Tem essas questões, assim, que são bem urgentes de serem pensadas, mas ao mesmo tempo são muito difíceis né, porque não tem recurso pra nada, a própria função da universidade é questionada. Então essas questões assim são bem negativas.

P1: Você acha que essa... você tá me falando dos professores, mas, você acha que isso afeta na... a metodologia, por exemplo, você acha que ela condiz com o projeto da UNILA?

E1: Sim, sim, eu acho que sim. Eu acho que tem toda uma preocupação metodológica que seja... que converse com o projeto.

P1: Interessante. Porque, eu tenho percebido que talvez nos cursos mais de exatas isso não aconteça, né?

E1: Sim

P1: Parece que tem essa divisão muito explícita, assim, entre as áreas de humanas e as áreas de exatas, o diálogo delas com o projeto da UNILA.

E1: Sim. É, até seria interessante você entrevistar alguém de uma área mais... ou da matemática, ou das engenharias... pergunta como que eles veem esse projeto.

P1: Assim, nesse momento político que você estava até dizendo, você acha que a UNILA ela deve continuar daqui pra frente?

E1: Se eu acho que deve ou se... o que eu...

P1: O que você quiser dizer ((risos))

E1: Eu acho que ela deve continuar ((risos)), com certeza. Ela vem sofrendo muitos ataques, assim, que é bem grave e parece assim que todos os... eu tenho conversado isso com alguns colegas, parece assim que os professores estão desmobilizados. Eles acham que é algo que não vai acontecer, mas antes das eleições presidenciais, em 2017, já havia um Deputado que queria transformar a UNILA em uma Universidade Federal do Oeste Paranaense. Tirar todo esse perfil inovador, de cursos também para o desenvolvimento da América Latina, por exemplo, esse curso de Desenvolvimento Rural e Soberania Alimentar em

contraposição ao curso de Agronomia, né... Então, precisa de agronomia, geralmente quem vai fazer esse curso, são pessoas que já são herdeiros de muitas terras, enfim. Se a gente vê lá na UFRGS, e eu acho que em outros lugares, outras Federais também, esse curso ele já vem com outra proposta né, com a ideia de soberania alimentar, ele vem com a ideia de desenvolvimento rural e sustentável. Então é outra, a universidade não tá querendo ser restritiva e sim expandir e ser acessada por grupos que antes não tinha esse acesso. E o que incomoda é o fato da UNILA não ter essa proposta alinhada ao que é a universidade historicamente no Brasil.

P1: E dentro desses dois anos, praticamente, quais foram as coisas mais gratificantes pra você? A sua experiência de estar aqui.

E1: Eu acho que o mais gratificante é ver alunos desenvolvendo uma consciência crítica e colocando o discurso de como eles precisam lutar pela desigualdade, precisam lutar contra a opressão. E de eu ver esse crescimento deles do início do semestre ao fim do semestre, e essa preocupação com a América Latina, de ter esse outro olhar epistemológico. Acho que isso é o que é mais gratificante.

P1: Legal.

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Pseudônimo: Clara dos Anjos

Idade: 46 Tempo de vivência na UNILA: 8 anos

Posição ocupada na instituição: Pró-reitora de relações internacionais e institucionais

Formação: Letras

Área em que atua: PROINT

Representante de algum movimento social? () sim (x) não

Se sim, qual?

P1: Então, eu sou a Michele, decidi estudar a Educação, eu sou psicóloga. Estou fazendo um Mestrado em Psicologia da Educação na PUC São Paulo, com o Antônio Carlos Ronca, não sei se você conhece

E1: Não

P1: É da área de educação

E1: Não

P1: Até trabalhou um tempo com o Reitor que era... Que iniciou o projeto da UNILA

E1: Ah, o Héglio

P1: É. E aí, durante esse percurso de formar o projeto, de desenvolver a pesquisa, eu fiquei muito... Eu conheci a UNILA, não conhecia, e fiquei muito interessada. Eu achei o projeto genial. Estou querendo ver na prática, como acontece né, o quê que... Quais são as diferenças do que tem ali no papel, no estatuto, como foi esse processo...

E1: Sim

P1: ...de construção, que eu acho que ainda está acontecendo, porque é muito nova né

E1: Sim

P1: Quais são os impasses que tem aí por trás... Na verdade eu estava... Eu estou estudando o Conceito Fundamental do Trabalho sobre a Inovação, e a gente queria perceber como a UNILA pode ser considerada inovadora, em que aspectos ela seria inovadora...

E1: Hum

P1: Entendendo inovação não como tecnológica...

E1: Sim

P1: ...mas inovação como um despertar crítico mesmo, de formação do ser humano voltada para a nossa sociedade

E1: Tá. Eu vou falar então um pouco assim, de forma ampla e depois você...

P1: Tá

E1: ...especifica alguma, algum item, não sei, que você tenha mais interesse. Mas de uma forma geral é: eu sou Professora de um curso que é inovador, que chama: Letras Artes e Mediação Cultural. Então é um curso que não tem com esse formato no Brasil, ele foi o primeiro a trazer o conceito a categoria da Mediação Cultural e a procurar formar um perfil de egresso vinculado com essa categoria e sobretudo, ou seja, profissionalizar esse aspecto da Mediação Cultural mas, ao mesmo tempo vinda das Letras e das Artes, porque depois a gente vai ter outros cursos mais ou menos próximos que seriam de produção cultural ou de gestão cultural, mas que tem uma ênfase diferente, tem uma questão mais da administração, mais vinculados a área da comunicação. Então isso já seria um dado que eu acredito que seja inovador. Nesse curso por exemplo a gente tem uma disciplina obrigatória, segundo o nosso Professor de Guarani, é a única Universidade no Brasil que tem um Professor de Língua Indígena concursado dentro do curso de Letras... Aí eu não sei se é verdade ((risos)), ele diz isso e eu não fui atrás ((risos)). Mas então os alunos estudam Etnografia, estudam uma Língua Indígena, enfim, tem toda uma... É um curso de Letras completamente diferenciado dos cursos de Letras tradicionais. E depois hoje eu estou como pró-reitora de Relacionais Institucionais e Internacionais.

Então eu vou falar um pouco com você a partir dessas duas bases: A experiência no curso de Mediação Cultural e a experiência na pró-reitora. Na pró-reitora o que a gente vê de forma muito clara, é o quantitativo. Primeiro a quantidade de estrangeiros, que a gente está preferindo por uma questão discursiva também chamar de Internacionais. Então, primeiro a quantidade, nós temos na UNILA hoje quase 30% de estudantes Internacionais. E a outra questão que é, do tipo de Internacionalização. Se você hoje se dedica a estudar a Internacionalização do Ensino Superior, que está muito na moda, tem um monte de congressos e eventos sobre esse tema, normalmente é uma internacionalização voltada para o Norte, né, que obedece a rankings, que obedece a um sentido muito mercantilista da Educação Superior, né, porque tem toda uma discussão sobre isso mas o enfoque hoje é de tratar o Ensino Superior como mercadoria. O Banco Mundial vem tentando isso a bastante tempo e por fim encontrou na questão da Internacionalização, uma brecha para mercantilizar o Ensino Superior. Então nesse sentido a gente acaba, mais ou menos se submetendo a um ritmo global de Internacionalização que é em inglês e voltado para o Norte. No nosso caso não é assim. Não é só no nosso caso, obviamente há outras universidades no contexto brasileiro. Você tem a UNILAB, a Fronteira Sul, que tem uma perspectiva diferente do que seria, um sentido diferente da Internacionalização. Mas, e também na América Latina você vai ter bastante forte isso, por exemplo, com a AUGM que é um grupo de Montevideú, que trabalha numa outra linha mais sul americana, enfim, há vários modelos de Internacionalização, mas, o hegemônico continua esse voltado para o Norte e em inglês. E o que a gente procura fomentar aqui é justamente essa outra internacionalização, sem julgamento de valor, não é que uma seja melhor do que a outra, né, mas, entendendo que tem que ter espaço para diversidade. Isso também eu consideraria um conceito chave de inovação na UNILA. A nossa palavra chave é "Fronteira e Diversidade". Então diversidade em todos os sentidos, também diversidade para a Internacionalização. Então agora a gente acabou de publicar, está acessível na página da UNILA e se você tiver dificuldade eu posso te enviar, uma Política de Internacionalização. Que aí entra como mais um documento basilar da missão da universidade. E nessa política a gente trabalha justamente com esses eixos que são os eixos que demarcam a nossa existência, a nossa realidade que é: a localização de fronteira, essa região de Tríplice Fronteira; o bilinguismo, toda a comunicação na UNILA ela pode se dar em português e em espanhol; os documentos fundacionais, então a consulta Internacional foi realizada, toda essa prévia... prévio estudo sobre como fazer uma Universidade Inovadora, então a gente parte também desses documentos; e o outro qual é.. eu não estou me lembrando... ah, e o nosso quantitativo da nossa comunidade acadêmica. Hoje temos quase 30% de estudantes internacionais e quase 30% de professores internacionais. Então isso é uma quantidade grande. Somos hoje 5800 alunos dos quais quase 1400 são estrangeiros, né, então, veja, talvez isso em comparação com uma Universidade como a USP, e outras Universidades grandes e tradicionais, seja um quantitativo pequeno. Mas se você pensar que a nossa comunidade tem 5800 alunos, é um número muito grande, muito relevante, e que mobiliza tudo dentro da universidade. Então esses são dados que eu acho que a gente poderia partir deles pra começar, agora...

P1: Sim, eu achei interessante que você estava falando desse rompimento com

a relação Sul Norte, e puxando mais pra uma relação Sul Sul. Você acha que ela realmente sai desse alinhamento, a UNILA sai do alinhamento automático do Brasil com o Estados Unidos?

E1: Sim. Então, primeiro que eu não consideraria de rompimento, né, eu não consideraria tão radical. Nós temos mobilidade com várias Universidades da Europa, nossos estudantes têm mobilidade para Universidade da América Latina quase toda e também pra Europa. Então não é uma radicalização nesse sentido, o que a gente entende é que tem que haver a possibilidade para todas as formas e todas as diversidades. Então se temos estudantes do Haiti, da América Latina inteira e do Caribe porque não fazer mobilidade aqui? Porque ficar voltada ao Norte? A nossa missão é da Integração Latino-Americana. Então, a gente procura manter uma fidelidade a essa missão institucional. Apesar de que às vezes não é fácil, mas, estamos fazendo isso.

P1: Sim, e você chegou aqui... Você está quanto tempo então na UNILA? Dez anos?

E1: Dez anos não, eu estou gostando de falar dez anos né, ((risos)) não é dez anos, é nove ainda ((risos)). É porque a UNILA faz nove anos esse ano em agosto, é porque a gente já está começando a preparar uma série de ações para a comemoração dos dez anos aí eu já estou nos dez anos, mas não, são nove anos. Eu vim no primeiro concurso para Professor efetivo em 2010, estou aqui desde agosto de 2010.

P1: E o quê que te trouxe assim, o quê que te motivou a fazer o concurso?

E1: Ah, o que me motivou a vir pra cá, foi perceber que fora do eixo Rio, São Paulo, Minas, seria... eu teria maior facilidade óbvia pra fazer isso, porque há um certo corporativismo, há uma relação muito fechada nessas três capitais, então fora dessas capitais eu entendia que seria mais fácil, mais possível, e além disso podia ter feito para qualquer outra Universidade no Brasil porque tinha nesse momento, 2010, começou 2011, 2012, foram surgindo muitos concursos, um atrás do outro. Mas eu quis vir pra cá pela missão da Universidade, porque a minha formação é Letras, Português e Espanhol, meu Mestrado é sobre a América Latina, meu Doutorado é sobre a América Latina, então quando eu vi o projeto da Universidade eu fiquei...

P1: Encantada

E1: ...Encantada, eu falei "nossa" tenho que ir pra lá, foi por isso que eu não passei no Rio ((risos)), tenho que ir pra lá ((risos)). E vim pra cá, e depois podia ter feito outros concursos, mas, eu acho que essa experiência, a experiência da UNILA é uma coisa diferenciada. Eu não vou ter nada parecido em nenhum outro lugar. Então, fiquei por aqui.

P1: E, quer ficar?

E1: Ah, sim, eu só vou embora se me expulsarem ((risos)), tipo, a última a sair do barco ((risos)).

P1: Apagar a luz ((risos))

E1: Não, eu adoro isso aqui. Com todos os conflitos que temos, temos, não é que somos perfeitos, não é isso, mas, é um aprendizado e é um tensionamento constante, porque trabalhar com tanta diversidade não é fácil, é extremamente desafiador. Mas eu gosto disso, então, estamos aí.

P1: E o quê que você acha que tem de melhor e de pior na UNILA?

E1: Pra mim o que tem de melhor é essa diversidade. É absolutamente incrível você trabalhar com cultura numa sala onde você tem seis, sete, dez nacionalidades. É completamente diferente. Te desestrutura, porque você precisa se reinventar o tempo todo, mas é incrível porque você também cresce muito, né, é um desafio que te faz crescer. Então isso pra mim é o mais fundamental, a diversidade. E o que teríamos de pior, deixa eu pensar, aí tem várias coisas ((risos)) ... Hoje o nosso ponto fraco mais concreto é em infraestrutura. E isso acaba repercutindo em todo os anos porque quando eu falo com você eu estou pensando como professora muito mais do que como gestora, né, como professora eu te diria: a diversidade é incrível, mas também a infraestrutura, aí eu falaria como professora e como gestora, é o nosso ponto fraco. A gente vem pra cá com uma proposta já previa, pré-definida, que seria o campus construído com o projeto Niemeyer, uma doação da Itaipu, enfim, a gente já vem pra cá, já começa a se construir com esse projeto já em andamento. E acabou se tornando um calcanhar de Aquiles, acabou se tornando uma fragilidade muito grande porque a gente não consegue nem, definitivamente romper com esse projeto, nem substituí-lo por outro. Então hoje nós gastamos praticamente a metade ou até um pouco mais da metade do nosso orçamento em aluguel. E isso é uma coisa muito séria e que nos fragiliza, e que impacta também como docente. A gente precisa de sala de aula pra fazer qualquer coisa e não consegue, a gente tem dificuldade de espaço, enfim, eu acho que isso seriam os pontos extremos pra mim...

P1: Então a infraestrutura para você é o que mais pega?

E1: Sim, sim. É um problema

P1: Entendi.

E1: Que estamos aí vendo como conseguimos lidar com isso. A gente brinca que a gente precisa de casa própria ((risos))

P1: E assim, quê que você acha... quais são as diferenças... você falou que tem a Universidade da Fronteira...

E1: Tem

P1: Tem a UNILAB. No quê que a UNILA se diferencia das outras Universidades do Brasil?

E1: Bom, a UNILA se diferencia em tudo. Nós somos bilíngues, isso já diferencia tudo. Os estudantes, os professores, cada um se comunica na língua que lhe é mais confortável. Então, nenhum aluno é obrigado a escrever uma prova em português por exemplo, nenhum professor é obrigado a dar aula em português por exemplo. Então, não é uma coisa tão simples também, porque como nós temos 70% de professores brasileiros, o português acaba sendo uma língua mais... e... de maior circulação, de maior incidência, mas o espanhol está muito presente, não só o espanhol como Línguas Indígenas também, isso é uma coisa importante. Você teve no Paraguai, não sei se você pôde perceber a onipresença do Guarani. O maior quantitativo dos estudantes internacionais que temos é paraguaio, são paraguaios, né, então eles trazem o Guarani. Então a gente tem uma circulação muito forte das Línguas Indígenas, agora estamos recebendo refugiados também, começamos no ano passado com um edital específico para refugiados, então a gente passa a ter outras línguas também na universidade. Esse multilinguismo, é muito presente, né... Qual foi a pergunta mesmo? me perdi... ((risos))

P1: As diferenças da UNILA para as outras universidades...

E1: Isso ((risos)), então, esse multilinguismo é presente e valorizado. É uma diferença importante. Claro que eu não posso dizer também que todos os professores adoram isso e valorizam isso em todos os cursos e dão muita importância a isso, não estou dizendo isso. Somos diversos também entre nós, e cada um tem a sua posição e a sua forma de pensar. Mas em geral, há uma política institucional de valorização de línguas e da diversidade que temos presente na UNILA. Então, enquanto isso se mantiver, porque isso também pode mudar na medida em que entre outra gestão com outra posição, enfim, nada disso é fixo, mas enquanto estamos, enquanto conseguimos manter essa universi... esse projeto mais próximo do que seria o projeto inicial da universidade, então há uma política institucional de valorização das línguas. E o bilinguismo institucional: Português e Espanhol. Então isso já é uma diferença em relação a qualquer outra universidade no Brasil. E também esse quantitativo de internacionais, eu não sei quantos a UNILAB tem, não poderia comparar, acho que a UNILAB também consegue ter bastante estudantes africanos, então aí talvez nesse ponto a gente tenha semelhanças. E essa intenção de uma internacionalização voltada para o sul, de cooperação Sul Sul, esse viés de internacionalização também nos alinha: UNILA, UNILAB e a Fronteira Sul, também vai um pouco nessa direção a UNIPAMPA, essas universidades que estão em fronteiras aqui do CONESUL. Então elas acabam tendo uma relação muito próxima com a Argentina, com o Uruguai, dependendo de onde estão, né, então isso nos aproxima. Uma coisa que estamos criando, construindo e já tá bem perto de se concretizar, é justamente uma Rede de Universidades de Fronteira. Porque temos uma faixa de fronteira gigantesca no Brasil, com esse processo de interiorização de Ensino Superior, temos muitas Universidades Federais, Institutos Federais, algumas Estaduais também, e nós vivemos no nosso cotidiano à fronteira. E isso incide sobre todas as nossas práticas de gestão, práticas acadêmicas, repercute em tudo. Então entendemos que temos um perfil diverso, e que precisamos nos alinhar para conversar mais entre nós, inclusive para construir demandas diferenciadas para Brasília por exemplo.

Então isso é uma coisa que está em andamento. Então, somos diferentes... somos diferentes isso é um fato, recebemos um quantitativo muito maior de estudantes da América Latina e do Caribe, somos bilíngue, valorizamos as Línguas Indígenas, mas, temos também outros processos que nos aproximam de outras universidades brasileiras.

P1: Você diria que o ciclo básico seria uma diferença?

E1: Também, o ciclo comum que a gente chama, né, exatamente, ele também é uma diferença, aí já mais no nível pedagógico. Tá passando por muitas transformações, vai agora haver uma nova mudança, mas, são três disciplinas que, de alguma forma procuram acomodar um pouco as diferenças e criar um sentido orgânico. Porque, é engraçado que quando eu morava no Rio de Janeiro e vim pra cá, eu achava que todo mundo que não fosse brasileiro, tinha uma perspectiva latino-americana, que o Brasil era que estava de fora, e não é assim. A gente recebe estudantes do Peru, da Colômbia, da Bolívia, etc, etc, e a gente vê, que todos eles vem com uma formação muito Nacional e que tem tão pouca visão de América Latina quanto os brasileiros, sabe, ou talvez uma diferença pequena, mas tem uma formação muito voltada ao Estado Nacional, não tem uma visão do continente. Então essas disciplinas, o estudo das línguas, a disciplina de Fundamentos da América Latina, Filosofia também, de alguma forma, dariam essa liga, pra gente começar a perceber o que nos une, o que nos separa, o que temos de diversidade, mas de semelhanças também. Eu acho que sim, é um dado importante do projeto da UNILA, né.

P1: E aí você estava falando que tem toda essa diversidade, mas que ela acarreta também várias dificuldades

E1: Sim

P1: Quais são os problemas da UNILA? Quais são os impasses assim...

E1: Não sei se são impasses, eu prefiro entender como desafios...

P1: Aham

E1: Porque se a gente muda completamente a forma de você vê e a forma de você lidar com a situação. Se você acha que é um problema, ali você já travou e se acomoda no seu lugar de conforto dentro da sua língua, né, então eu prefiro achar que são desafios. Nesse sentido, temos muitos desafios, muitos, por exemplo, estudantes que chegam com um... por exemplo, estudantes que chegam com a Língua Indígena materna, Língua Indígena materna e que aprenderam o castelhano, o espanhol na sua escolarização já mais velhos, já com outra idade, e que se comunicam muito melhor na sua Língua Indígena do que no castelhano, temos isso. Como solucionamos? Aí, acontecem as mais diversas situações que eu não consigo agora compilar pra você, eu vou te dar um exemplo que aconteceu lá em 2011 ainda, e outra situação que é de agora, são os que me veem a cabeça pra eu te dar casos concretos. Então lá em 2011

tínhamos uma aluna Paraguaia, falante do Guarani como língua materna e com muita dificuldade com o espanhol. No primeiro semestre de aula ela precisava apresentar um seminário. E aí, como é que faz? Ela apresentou em Guarani e uma colega Paraguaia traduzia pro espanhol. E pronto, foi aceito, professor aceitou, ficou tudo bem, seguimos adiante. Então esse é um caso concreto. Agora temos por exemplo, hoje eu estava justamente respondendo uma coordenadora de um curso, que mais ou menos, não é nem reclamando mas, pedindo ajuda de certa forma, né, porque tem um estudante que entrou no edital de refugiados, que vem de outras latitudes, né, mais ou menos as nossas... a gente já se acomodou nesses nove anos né, as diferenças do espanhol pro português, depois chegaram os Haitianos com o Francês, e a gente foi se acomodando, agora a gente traz mais diversidade. Um estudante que chegou com dificuldades com o português, e a professora então pedia ajuda, né, o que a gente pode fazer?! Então a gente vai... nós criamos uma comissão de acompanhamento dos refugiados, então a gente está pedindo pra essa comissão se aproximar do aluno e, ou seja, nós começamos os processos sem ter todas as respostas. Até porque é uma coisa que a gente já entendeu, é que não adianta porque você não tem todas as respostas enquanto o problema não aparece. Então a gente começa, na medida que os problemas vão chegando a gente vai entendendo como desafios e vai tentando encontrar maneiras pedagógicas, maneiras de relações interpessoais para lidar com elas, mas sim, aparecem o tempo todo. Só que há de alguma forma, e isso é uma coisa que é muito curiosa. A UNILA gera, e acho que por isso a gente consegue se sustentar até hoje, a UNILA gera uma rede de solidariedade interna muito importante. Nós não temos moradia, nós não temos restaurante universitário. Como é que esses estudantes vem, são estudantes, a maioria deles de baixa renda, que não tem condições de entrar no Ensino Superior pago privado em seus países, vem pra cá, então são estudantes vulneráveis de certa forma, que chegam aqui, e não tem moradia, e não tem restaurante universitário, e a gente a duras penas está conseguindo manter os auxílios, agora cada vez com maior dificuldade. Como é que isso acontece? Porque que eles continuam vindo, sabe? E eles continuam vindo porque eles se ajudam. Todo estudante que chega, recebe ajuda dos seus pares. Normalmente por nacionalidade. Você tem uma rede de Colombianos, de Haitianos, de, enfim... cada nacionalidade, eles recebem os que estão chegando, se viram, fazem hospedagem solidária, fazem de tudo. Botam colchão no chão, enfim, até que os que chegaram conseguem se acomodar e conseguem então criar a sua própria liberdade e autonomia. E por sua vez, esses se sentem com um compromisso de refazer o mesmo processo, porque eles foram acolhidos, eles viram a importância disso, então, eles recebem os que chegam também. Então, acontece de tudo, sabe? Dinheiro pra pagar a Polícia Federal, como é que faz? Uma vaquinha. Cada um dá um pouquinho, junta o dinheiro e vai lá na Polícia Federal resolver, e por aí vai. São situações das mais diversas de forma espontânea mesmo, da própria necessidade do processo, foram se criando essas redes de solidariedade internas que inclui também docentes. Nós temos agora, por exemplo, temos uma professora que está com sete estudantes indígenas em casa, porque chegaram e a gente não tem moradia, e tem um tempo até eles começarem a receber os auxílios, e depois tem um tempo pra entenderem como funciona a cidade, pra onde ir. Então é mais ou menos assim, a gente acaba se envolvendo: técnicos, professores, mas o grosso dessa rede é formada pelos próprios estudantes, que acabam ajudando uns aos outros.

P1: Mas a instituição, como instituição mesmo, a UNILA...

E1: Como instituição a gente tem a moradia em construção. A gente tem o projeto, já tem a licitação, tem o primeiro prédio quase pronto, mas é o que eu te falei, nós temos um ponto fraco fundamental que é a infraestrutura. Então temos a moradia quase pronta, mas, recebemos a notícia de um contingenciamento de 25% do orçamento fora, essa foi a última, fora os outros que a gente já vem recebendo. Então não temos dinheiro para investimento. A gente talvez consiga terminar de construir o prédio, mas, como vamos mobiliar? como vamos colocar ele em funcionamento? Então, os recursos são cada vez mais escassos, principalmente recursos de investimentos. Então pra construir tá bem complicado. É assim que a gente vem se sustentando.

P1: E como foi assim... que eu imagino, Foz do Iguaçu não tinha, sei lá, demanda do tanto de pessoas do exterior, pessoas internacionais como você disse, né, pra cá. Você acha que a comunidade aceita bem?

E1: Isso também é algo que está em mudança. No começo foi muito difícil. A UNILA, como é que eu vou te dizer... foi primeiro a... foi bem recebida porque tinha o aval de Itaipu, tinha essa ideia de uma Universidade Federal, mas depois o que que significava ter uma universidade federal na prática... e... não sei se era a expectativa que Foz do Iguaçu tinha do que seria uma Universidade Federal. Então quando chegamos de fato, estudantes de nacionalidades diversas, indígenas, depois negros com os Haitianos, e isso realmente causou problemas muito sérios de xenofobia, de racismo, e isso tudo teve seus momentos mais conflitivos, algumas ações institucionais foram feitas, e isso também foi um processo de digestão coletiva digamos assim, né, assim a Polícia Militar... houve todo um processo de diálogo interinstitucional, mas também uma própria acomodação. Porque se por um lado a gente tem aquele típico estudante universitário cabeludo, com cara de hippie, enfim, que causa um estranhamento no Oeste do Paraná, em Foz do Iguaçu, ao mesmo tempo a gente tem nossos estudantes fazendo estágio e ações de extensão em toda a cidade. Então isso foi uma construção que a gente teve, que é de gestão e é também acadêmica, que pouco a pouco vem mudando a inserção da UNILA na cidade. Temos hoje mais de 300... se eu não me engano, agora eu não tenho o número certinho, mas se você quiser depois a gente pode verificar com a pró-reitora de extensão, mas são alguma coisa do tipo de, 300 projetos de extensão acontecendo. De saúde, economia, cultura, ensino de línguas, diversas áreas... Então, começou a capilarizar a presença da UNILA de muitas maneiras. A UNILA vem realmente fazendo ações que já causaram e causam impacto social. Então isso é uma coisa que a gente vem tentando elaborar muito sobretudo com essa gestão. Da UNILA no território, da responsabilidade social da UNILA, e com isso pouco a pouco transformar o que antes poderia ter sido um certo rechaço, num acolhimento. Isso de fato começou a acontecer no ano passado, foi quando isso foi ficando mais explícito, quando tivemos aquela proposta do Deputado de alteração do nome, da missão e até do local, de levar a UNILA pra outra cidade... Curiosamente aquilo gerou uma repercussão interna muito forte e a cidade decidiu defender a presença da UNILA. Porque a UNILA move a economia local, a UNILA tem um impacto que, não é só educacional, é econômico também.

Então aí começou haver uma mobilização. O que a gente vem agora trabalhando bastante é no sentido de qualificar isso, que a cidade nos acolha e nos defenda não só porque injetamos não sei quantos milhões na economia local, mas porque realmente temos ações de extensão, que criam diferença na sala de aula da professora que tem alunos brasiguaios, que chegam na sala de Foz do Iguaçu falando Guarani, nem espanhol, e não sabem o que fazer com aquilo. Então, a gente tem diversos projetos de acompanhamento pedagógico nas escolas, e por aí vai. Então a cidade começar entender, e isso já vem acontecendo, que a UNILA veio para melhorar o lugar, mas não melhorar no sentido de se impor sobre o lugar, mas de trabalhar em parceria com as demandas locais. Então aí tem várias ações sendo feitas nesse sentido. A nossa Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, no ano passado soltou um programa, que a gente chama de "Agenda Tríplice", que foi justamente o começo, o começo não, mais uma das ações desse movimento de fincar a UNILA no território. Então começar a trabalhar com essa percepção de que somos uma Universidade de Fronteira e que temos neste lugar um laboratório de pesquisa fantástico e que podemos trabalhar com responsabilidade social e com pesquisa de alto nível aqui. Então nesse sentido sai o programa a Agenda Tríplice, e por aí vai. Então é uma construção, que é lenta, temos nove anos ainda, é muito pouco tempo, mas, estamos trabalhando.

P1: E esses desafios com a comunidade... com os professores mesmo, quais são as principais dificuldades com eles?

E1: De todos os tipos de todos os níveis porque, quando a gente fala "A UNILA pode ser uma universidade de excelência", o que significa uma universidade de excelência? ou "A UNILA tem uma relação com o território, é uma universidade de fronteira", o quê que significa isso? É, quando eu estava rece... eu tinha acabado de entrar na pró-reitora eu ouvi de um professor assim "A UNILA é internacional, mas não está internacionalizada". Então, o que significa ser uma Universidade Internacional? O que significa ser uma universidade numa tríplice fronteira tão... e... cada um vem pra cá ou estando aqui, cria a expectativas, e visualiza uma universidade. Porque como nós não temos parâmetro para... pro que seria isso, cada um imagina a sua UNILA. E isso é difícil, na medida em que começam a ver os tensionamentos, os conflitos internos pra ver qual é o projeto da UNILA que no final vai se sobrepor aos outros. Então, isso é algo bastante presente, bastante cotidiano, e com essa mudança na geopolítica latino-americana e inclusive brasileira, também, tudo isso está aí no cenário, tá sobre a mesa, são várias, várias... várias forças em conflito, né, e várias perspectivas em conflito. E, a gente está vendo o que acontece. Porque uma coisa é a ideia e outra coisa é o que a gente consegue fazer efetivamente com o coletivo que temos. Mas hoje, entendemos que a missão da UNILA é a missão que está no seu nome, a que está no seu estatuto, é a que tá na política de internacionalização que foi aprovada agora no final de março no conselho universitário, então, continuamos trabalhando nessa linha, que ainda se mantém fiel ao seu projeto inicial.

P1: Então como gestora você acredita que a UNILA está caminhando junto com o projeto?

E1: Sim

P1: Na prática, no dia a dia...

E1: Sim, acredito que sim. Agora, com todas essas ressalvas possíveis. A gente tinha um cenário político absolutamente diferente. Na aula inaugural da UNILA estava o Ministro da Educação, o Haddad na época, o Lula, e eu nunca vi tanto político junto. Políticos de alto escalão, estava o Governador do Paraná, o Prefeito da cidade, ou seja, Deputados, Senadores, tinha uma quantidade de políticos, que mostrava pra gente o cenário que tínhamos. Então naquele momento a gente tinha uma liberdade e uma ambição muito grande e a gente tinha condições políticas para construir isso. Hoje não é assim. Hoje nós temos uma outra, hoje nós temos uma outra situação que nos condiciona também de outra maneira, então, eu acho que, é... são esses ajustes que a gente vai precisar fazer necessariamente, e que vai definir os próximos anos da Universidade. Isso é o que eu acho que tá posto. Mas, também de certa forma, tem conquistas digamos assim, que é difícil você imaginar que a gente consiga desfazer completamente, mas enfim, não tem como fazer exercícios de adivinhação, o que a gente percebe é isso, tem muitas forças em disputa e nós estamos tentando seguir na medida do possível o que é o projeto, mas também dentro de uma realidade diferente.

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Pseudônimo: Luz

Idade: 33 Tempo de vivência na UNILA: 5 anos

Posição ocupada na instituição: Aluna - Administração Pública

Formação: -

Área em que atua: -

Representante de algum movimento social? (x) sim () não

Se sim, qual? Movimento Fagulha

P1: Como que você chegou até a UNILA

E1: Então, eu cheguei até a UNILA eu já estava inserida no mercado de trabalho. Eu sou formada em uma outra universidade, eu sou formada em marketing, só que eu tinha decidido mudar totalmente de carreira e da área, aí eu fui buscar informação sobre outras universidades... sobre universidades de modo geral, e eu fui fazer o Enem de novo. Nessa minha busca eu encontrei a UNILA e encontrei o curso... que na época eu entrei no curso de Engenharia de Energias Renováveis, que era um curso totalmente diferente, só tem aqui na UNILA, e na universidade do Ceará se eu não me engano, e numa universidade do Rio Grande do Sul. São três universidades federais que oferecem esse curso. Eu vim em função do projeto da UNILA porque quando eu olhei o projeto eu super me interessei pelo projeto de integração, toda essa questão de fazer intercâmbio na América Latina através do conhecimento... foi uma coisa que me chamou muito a atenção, e o curso também na época que eu tinha resolvido que ia fazer, das engenharias assim... o curso de engenharias renováveis me chamou muito a atenção, também, e por isso eu vim parar aqui.

P1: Entendi. Você é do movimento estudantil, é isso?

E1: Sim, sim. Eu faço parte aqui de um coletivo que tem aqui, que é o coletivo que é o Movimento Fagulha, que é um grupo de estudantes que resolveram... nós resolvemos nos organizar dentro desse coletivo para mobilizar o movimento estudantil de uma forma mais combativa, enfrentando inclusive alguns outros movimentos que existem em outras universidades do Brasil, que são já consolidados e que na verdade acabam sendo braços de alguns partidos políticos dentro da universidade. Só deixando claro que assim, a gente não tem problema com nenhum partido político, não é uma coisa de escola sem partido, não tem nada haver com isso, a questão é que, existem algumas frações do movimento estudantil, que entram nas universidades para agir de forma eleitoreira, eleitoreira mesmo, assim, então, eles entregam os interesses dos estudantes de bandeja nas negociações com a Reitoria, geralmente ocultam... geralmente esses grupos eles ocupam os espaços de poder dentro da universidade, eles acabam sendo as lideranças dos CAs, dos DCEs dentro das universidades e aí eles entregam de bandeja os interesses dos estudantes pra depois agirem eleitoreiramente dentro das universidades, criando currais eleitorais dentro das universidades. Então a gente verificando que existia um grupo de estudantes aqui que inclusive vinham já de outras universidades, já eram o que a gente chama de "estudante profissional", assim, aí a gente se reuniu e criou esse grupo que é o movimento Fagulha, pra tentar colocar alguma forma de resistência contra isso e defender efetivamente os interesses dos estudantes, né, e não os interesses eleitoreiros de partidos, e deixando claro novamente que a gente... que não tem problema nenhum, inclusive dentro do movimento Fagulha tem pessoas filiadas a partidos políticos, isso não é uma questão, a questão não é ficar batendo na tecla de escola sem partido, é só pensar que o movimento estudantil hoje não pode estar vinculado a interesses externos que atravanque a luta do estudante efetivamente, entendeu?

P1: Uhum. E dentro da UNILA vocês não tem um DCE formado, né?

E1: Ainda não. A gente tem uma dificuldade... até porque o DCE é um modelo brasileiro

P1: Uhum

E1: E aqui a gente tem estudantes de toda a América Latina, então assim, seria meio que impositório... é um processo bem complexo de negociação de algo pra entender de que maneira é a melhor maneira do movimento estudantil se conformar aqui dentro da universidade. A gente teve em 2017 um congresso, que foi um congresso que a gente teve muita disputa, muito debate e muito acúmulo também, pro movimento aqui. Então, nesse congresso a gente definiu que o movimento estudantil vai se organizar como se fosse uma espécie de parlamento, a gente vai formar aqui um CEB, que é um Conselho de Entidade de Base, que cada curso vai mandar dois representantes para esse CEB e as

coisas vão ser decididas a partir de voto e não vai ter, assim, não vai ter uma... não vai ser organizado de maneira hierárquica, não vai ser verticalizado, ele vai ter uma horizontalidade, e essa foi a decisão que a gente... foi um consenso que a gente conseguiu chegar nesse congresso que a gente fez em 2017. Mas o CEB ainda tá em processo de formação, a gente já tem alguns cursos que já mandaram os seus representantes, mas, nem todos os cursos conseguiram ainda fazer uma assembléia ou ter um CA pra mandar esses representantes, mas a gente tá em pro...

P1: Eu queria saber, porque que você acha que existe a UNILA?

E1: Porque que eu acho que existe?

P1: Isso

E1: Eu acho que a UNILA ela foi criada num momento em que o Brasil estava num momento político de muita euforia, né, em ascensão... foi em 2010 que foi criada

P1: Uhum

E1: Havia um interesse que já era um interesse demonstrado pelos governos progressistas que estavam no poder na América Latina, que era de integrar mais a América Latina enquanto bloco pra ter muito mais força nas negociações com o gigante da economia né. Então, a partir do momento em que você pensa em integrar o bloco você tem que integrar não só economicamente, você integra economicamente mas você precisa fazer com que as pessoas sintam que elas estão próximas, eu acho que a partir da integração pelo conhecimento a gente se hermanava de verdade, sabe, a gente percebe que assim, as nossas mazelas por exemplo, são muito parecidas com as mazelas da Argentina, do processo de formação do Paraguai, do Uruguai, a gente vai se entendendo como um todo que se parece, porque por exemplo o brasileiro muitas vezes ele nem se entende como latinoamericano, ele fala assim "ah os latinos", sabe, tipo, esquece que também somos latinos. Então, a partir do momento que você faz uma universidade da integração latino americana, você fortalece esses sentimentos, você fortalece essa unidade, você fortalece de uma maneira muito genuína, você começa a enxergar no outro você mesmo, então eu entendo que a UNILA, ela era parte desse projeto de tornar a América Latina mais coesa, mais unida, mais forte, economicamente mesmo, só que a integração a partir do conhecimento ela é um aspecto que tem que ser levado em consideração, e eu acho que foi isso que o... que foi percebido, que foi o sentimento que eles captaram assim naquele momento... que o governo daquele momento captou, e, se prestou a criação dessa universidade, para fomentar isso, pra fomentar esse sentimento.

P1: Entendi. E você acha que na prática, no dia-a-dia da UNILA, essa identidade latino americana está presente?

E1: Olha, eu acho que sim. Eu acho que ainda tá muito aquém do que o projeto ambicionava, mas existe uma... esse sentimento existe. Entre nós os alunos, principalmente os alunos que vieram acreditando no projeto... é claro que nem todos... existe... é uma minoria, assim, que não percebe essa proximidade, mas a maioria percebe sim, a maioria consegue... eu mesma a partir do momento que eu vim pra cá, muitas coisas mudaram assim, tipo, no meu entendimento mesmo de américa latina, e eu acredito que com o tempo isso vai se fortalecer muito mais. Se essa universidade conseguir resistir a esses tempos que nós estamos passando agora, se a gente conseguir continuar com o projeto da UNILA, dessa maneira de continuar recebendo estudantes estrangeiros, se a gente continuar fazendo isso, eu acredito que a longo prazo, a longo médio prazo, a gente vai ter uma quantidade grande de pessoas defendendo uma américa latina coesa, e se entendendo como latino americano e entendendo esses povos como irmãos mesmo, e isso acontece de diversas formas porque assim, não é só dentro da universidade, são em todos os estados, se a gente quando faz uma festa... as festas elas... tem representantes de diversos países e as pessoas conversam e trocam ideias e dançam, aí cada um mostra a música do seu país, cada um mostra a comida do seu país nessas conversas, entendeu?! E quando tem a festa na casa de um grupo de dança que apresenta danças colombianas, você é convidada aí você vai lá aí você conhece um monte de coisa, e, até outras coisas, assim, casais que se formaram aqui e que já tem filhos e os filhos já são frutos da UNILA, sabe, dessa universidade. Então tem, tem crianças aqui que, por exemplo, eu conheço uma criança que ela nasceu aqui no Brasil, ela é brasileira mas ela é filha de uma Peruana com um Colombiano

P1: Luz, você está super longe de novo eu não estou te ouvindo

E1: Oi

P1: Agora voltou ((risos))

E1: Voltou? Em que parte que parou? Desculpa

P1: Das crianças, tem crianças que já são frutos da UNILA

E1: Então, é porque acontece, a gente já tem uma quantidade grande de crianças que já nasceu aqui desde 2010. Porque como eu estava dizendo, eu tenho um caso que eu conheço que é uma criança que ela é brasileira porque ela nasceu aqui no Paraná, mas o pai é Colombiano e a mãe é Peruana

P1: Caramba

E1: Então assim, não adianta, e você não consegue reverter esse processo, você tem uma criança brasileira que tem pais cada um de um lugar diferente da américa latina

P1: Uhum

E1: E isso é só um dos eventos, assim, sabe, eu acredito que a gente tem sim uma... as pessoas que vieram pra cá elas construíram sim uma nova visão, sabe, do que é a américa latina

P1: E você acha que ocorre a integração no ambiente acadêmico, entre os próprios estudantes eles estão integrados, eles se misturam?

E1: Olha, ocorre, a integração ocorre. Claro que tem muitas limitações, tipo assim, a maioria dos professores são brasileiros e dão a aula em português, então, é claro que os estudantes que são hispanohablantes vão ter muito mais dificuldades, principalmente agora que a gente está recebendo estudantes do Haiti também, que na verdade falam Francês, o Criolo e não tem nenhum professor dando aula na língua deles. A gente tem as dificuldades, eu acho que tá aquém do que poderia ser, a gente poderia ter, por exemplo, professores de várias nacionalidades, a gente tem, mas, a maioria... majoritariamente é brasileiro. Então assim, essa integração ela ocorre, ela poderia ocorrer de uma maneira muito mais efetiva, mas eu acho que, pelas dificuldade que a gente vem passando aqui, pela resistência que a cidade oferece a universidade, toda a problemática que a gente tem aqui eu acho que a gente está indo muito bem na verdade

P1: Aproveitando até... você está apontando alguns desafios né, quais você acha que são os principais desafios em relação à cidade, corpo docente, gestão...

E1: Oi, olha só, eu não entendi muito bem, explica, fala mais perto

P1: Sim, sim. Você estava aqui apresentando alguns desafios que a UNILA tem assim pra colocar em prática mesmo, no dia a dia, o projeto dela. Eu queria que você apontasse quais são os principais desafios em relação à comunidade externa, servidores, professores, gestão... o quê diferencia, o quê que dificulta a pôr em prática o projeto da UNILA?

E1: O que dificulta? É, eu acho que o que dificulta um pouco, é um pouco essa resistência que existe da cidade, acho que a implantação da universidade aqui na cidade, ela foi feita de maneira um pouco equivocada, a gente tem a imprensa local contra a gente, isso é bem complicado. Eu acho que porque é uma universidade que ela fere interesses locais, sabe, porque aqui é muito... é um lugar tomado por agronegócio, sabe, pelo agronegócio, é plantação de soja pra todo lado. Então, você tem aqui, com certeza incidência de trabalho escravo, sabe, tipo, você tem uma sociedade absolutamente preconceituosa, racista, aí você coloca um monte de estudantes dentro dessa cidade, e aí a gente começa... e aí esses estudantes começam a questionar um monte de coisa, então essas pessoas elas tem poder, então elas começam a colocar a sociedade de modo geral contra gente. Então um dos desafios é romper essa barreira e estabelecer um diálogo com a comunidade local aqui de Foz do Iguaçu, esse é um grande desafio. E esse foi um erro de gestão também, porque na implantação não

chamaram a sociedade para participar, para entender o quê que era o projeto, simplesmente chegaram e colocaram, foi meio impositório sabe, acho que isso são os grandes problemas. As burocracias também da universidade, a gente tem estudante de toda parte, então, a maneira como as coisas funcionam no país deles é um pouco diferente, então, e não tem ninguém aqui para auxiliar, para explicar, para dar um respaldo para essas pessoas, até tem, mas é bem precário não é tão efetivo também. Tem gente por exemplo, a Lívia, ela trabalha na PROINT, e ela é uma pessoa que super cria mecanismos para ajudar a auxiliar estudantes estrangeiros, mas, é uma iniciativa dela sabe, tipo, a maioria dos técnicos não se preocupa tanto com isso, acho que ali mostras algumas dificuldades.

P1: Uhum, entendi. E assim, em relação aos professores, como que é a relação dos alunos com os professores? Esses professores compreendem o projeto da UNILA e na atuação deles eles seguem esse projeto?

E1: Então, alguns sim. Alguns compreendem... alguns são totalmente comprometidos com o projeto, outros não, outros tentam boicotar. Dos professores que tentam boicotar a maioria são dos estudantes que estão alocados nos cursos de engenharia. Eles acham, por exemplo, que é perda de tempo que a gente tenha aqui uma série de disciplinas que são do ciclo comum. E uma dessas disciplinas é FAL – Fundamentos da América Latina, a gente tem Fundamentos da América Latina 1, 2 e 3. E os professores das engenharias por exemplo, acham que é perda de tempo você colocar estudante de engenharia para estudar Fundamentos da América Latina, eles não entendem que a universidade ela se propõe a isso, e até mesmo os cursos de engenharias tem que estar comprometidos com o projeto de Integração Latino-Americana. E eles criam algumas dificuldades, inclusive alguns estão tentando criar um movimento, criar dentro da universidade uma condição de desobrigar os alunos do ciclo comum, entendeu?!

P1: Eu soube também que a carga horária dos estudantes de engenharia, eu acho, para língua espanhola ou língua portuguesa foi reduzida, é isso?

E1: É isso, foi reduzida. Também já teve essa redução que já foi uma demanda criada... criada pelos estudantes mesmo, sabe, porque tipo, o perfil do estudante de engenharia não é um perfil de quem quer criar esses tipos de movimentos de integração, eles querem realmente entrar pro mercado, sendo bem franca, são pessoas que estão preocupadas em se tornar engenheiro e ganhar dinheiro. Mas só que como na UNILA durante algum tempo foi um pouco mais fácil de entrar, então atraiu muita gente que não veio pelo projeto, que veio porque... com a nota que se conseguia fazer no vestibular no ENEM, era mais fácil entrar aqui, entendeu?!

P1: Uhum

E1: Então eles vem... e depois, uma vez aqui dentro, dá para boicotar o projeto.

P1: Entendi. Então você acha que tem esse grupo de estudantes também que vai contra o próprio projeto da universidade?

E1: É, tem, sim. Tem um grupo de estudantes, e geralmente eles estão compreendidos mesmo nos cursos de engenharia mesmo

P1: Uhum

E1: Nos cursos de ciências exatas, ciências duras né, vamos dizer assim.

P1: Sim. E, tentando entender a UNILA como sendo uma universidade inovadora, o quê que você acha que diferencia ela de outras universidades? Aliás, você acredita que a UNILA pode ser considerada uma universidade inovadora?

E1: Olha, eu acho que poderia ser muito mais do que de fato é. Mas ainda assim, tem as suas particularidades que fazem dela uma universidade diferente sim. Tipo, tem... essa questão mesmo de a gente ter dentro da sala de aula, pelo menos 50... geralmente 50% dos alunos de outras nacionalidades, toda essa troca que a gente tem com outras culturas, a questão por exemplo do ciclo comum, de ter essas disciplinas que nos obrigam a pensar a história do pensamento social científico latino americano, é, eu acho que isso... isso cria sim... cria particularidades sim, muito menos do que poderia, mas, eu acho que é uma universidade diferente sim.

P1: O quê que você acha que diferencia ela de outras universidades?

E1: Então, isso que eu estou te falando, toda essa questão, assim, de a gente ter toda possibilidade de trocas que as outras universidades não nos propiciam sabe, pelo material humano que está aqui dentro mesmo, saca? A gente tem um material... se você for estudar em qualquer outra universidade federal ou estadual do Brasil, você não vai ter um contato tão direto, com tantas nacionalidades... é claro que tem, tem alguns intercambistas, mas voc... a quantidade é muito é muito menor do que a que tem aqui, e essa outra questão de a gente ter de fato, disciplinas que nos orientam a pensar a América Latina, não é o... porque se você estiver em uma outra universidade de história por exemplo, você faz o curso de história, numa universidade... na USP por exemplo, você não vai ter contato com o tanto de textos, com o tanto de material falando sobre a América Latina que um estudante de história que a UNILA tem, entende?!

P1: Ehh...

E1: E que qualquer estudante de qualquer curso vai ter contato, sabe?!

P1: Você acha que essa... que a UNILA, ela pode ser diferente no método de

ensino?

E1: No método?

P1: Isso

E1: Então, é o que eu estou falando, assim, ela é... ela está muito aquém do que poderia. Eu acho que por exemplo, na gestão ela não é tão inovadora assim. Eu acho que tem uma coisa aqui e outra ali que eles precisam fazer diferente, porque se não fizer eles não conseguem atender as necessidades dos estudantes estrangeiros, sabe, por exemplo, a gente uma pró-reitoria que é para tratar de documentação de toda a viabilização da vinda dos estudantes estrangeiros. Só que, efetivamente, eu não entendo que a gestão da UNILA ela é inovadora, eu acho que assim, tem alguns critérios, algumas coisas dentro da UNILA que é inovadora, que faz dela uma universidade diferente, a gente não pode pegar e falar assim "não, a UNILA é uma universidade tal qual qualquer uma outra universidade federal do Brasil", ela não é, ela é uma universidade diferente. Ela tem práticas diferentes, têm práticas inovadoras, mas, não é tão diferente assim, não é tão... não é tão inovadora quanto, a página da internet, por exemplo, tenta mostrar que é, entendeu?!

P1: Porque que você acha, quais...

E1: Porque eu acho que é... por exemplo, na gestão eu não vejo nenhuma inovação significativa, tirando essa parte que existe a necessidade e as demandas dos estudantes estrangeiros, mas assim, as maneiras como os recursos são aplicados eu não acho que é inovadora, pelo contrário, a gente tem aqui problemas sérios com a questão de como os recursos são aplicados. A gente está agora nesse momento numa luta aí pedindo mais transparência da reitoria... porque a reitoria... a gente tem um campus aí que está há 10 anos sendo construído, é um campus que foi assinado aí... é um projeto do Niemeyer, e é dentro de um terreno da ITAIPU, e a gente sabe o tanto de dinheiro, o tanto de recurso que foi investido naquele campus e agora tem uma inviabilidade técnica de terminar a obra e uma inviabilidade financeira de terminar a obra. Então assim, isso não é inovador, sabe, isso pelo contrário, isso é mais do mesmo. É uma obra grandiosa que não está terminada, que provavelmente não vai ser terminada. E a gente está aí solicitando um posicionamento do reitor, solicitando que o reitor aja com transparência pra gente entender em que pé isso tá acontecendo, porque enquanto a gente não tem um campus, a gente está locado dentro do PTI, o PTI é o Parque Tecnológico de Itaipu, é uma área de segurança nacional, onde a gente passa por vários constrangimentos. Ia ter um debate esses dias sobre a Reforma da Previdência, a gente tinha marcado um encontro para os estudantes debaterem a Reforma da Previdência, os guardinhas do PTI impediram a gente de fazer o debate, ou seja, a gente passa por um processo de vigília que é muito maior do que qualquer outra universidade, porque a gente está dentro de um espaço particular, privado e numa estrutura,

que é uma estrutura que foi criada no período da ditadura que é a Itaipu Binacional, que tem práticas autoritárias desde sempre, que tem toda uma história de autoritarismo desde o seu processo de criação e a gente está ali dentro. Então assim, em algum momento a UNILA foi inovadora e existia paridade no conselho universitário, no CONSUN, mas isso, alguns professores que não concordavam com a paridade, judicializaram, ou seja, tiraram toda a autonomia da universidade, colocaram nas mãos do judiciário e o judiciário determinou que não, que não podia, que o CONSUN não podia ser paritário, aí agora voltamos... a gente agora só tem dois conselheiros, antes nós tínhamos se eu não me engano sete conselheiros estudantes, sabe, então assim, a UNILA se colocou como uma universidade inovadora, mas na prática, não é tão inovadora assim. Só que eu também não posso dizer que ela seja uma universidade idêntica às outras universidades que tem no Brasil, porque não é, ela tem as particularidades dela, entende?!

P1: Sim, sim. E aproveitando essa sua fala... o que você enxerga, de pontos muito positivos da universidade? O quê que a UNILA tem de melhor?

E1: O que tem de melhor?

P1: Isso

E1: Eu acho que, assim, que por mais que... o que tem de melhor, ou seja, existe um projeto que é um projeto muito bom e que ele está sendo deformado ao longo do tempo, então, o que tem de bom é que como esse projeto existe, existe a possibilidade de lutar para que ele não se perca, sabe, isso é uma coisa muito boa que a gente tem aqui, porque, tem muitas pessoas que vieram pra cá, muita gente vieram pra cá pelo projeto. Então a gente tem a possibilidade de lutar para que esse projeto não se perca, a gente tem a possibilidade de criar realmente uma coisa nova aqui, só que a gente precisa se organizar e ter em mente que é necessário lutar para que esse projeto não se perca, para que a gente consiga de fato ser uma universidade inovadora. Entendeu?! Para que a gente consiga de fato promover a integração na América Latina a partir do conhecimento, entendeu?

P1: Sim

E1: Eu acho que isso é uma coisa... o que tem de muito bom aqui, nós temos professores muito comprometidos com esse projeto, nós temos alunos muito comprometidos com esse projeto. Então a gente tem material humano de muita força aqui, e a gente pode conseguir manter isso, só que a gente precisa estar organizado, estar totalmente afim de fazer isso acontecer.

P1: O quê que você acha que tem de negativo, em contrapartida?

E1: De negativo, o que tem de negativo é estar justamente sobre a exegese da Itaipu Binacional. A Itaipu ela tem muita interferência no que acontece dentro da

UNILA, tem... o poder econômico da Itaipu assusta um pouco. A gente está ficando muito nas mãos deles. O fato de o projeto ter sido pensado para ser construído dentro da usina, isso de uma maneira nos desmobiliza, sabe, tipo, a Itaipu é uma empresa que tem muita força, muita força, e tem o apoio incondicional da população, as pessoas daqui de Foz do Iguaçu amam essa companhia, essa empresa. Eles têm uma força muito grande e a gente está ali dentro, a gente depender financeiramente deles, isso é uma coisa que te imobiliza demais.

P1: A gente aqui no trabalho entende também que uma universidade inovadora precisa atuar na estrutura da sociedade. Então pensando nisso, você acha que a UNILA ela pode contribuir, como por exemplo, para diminuição da desigualdade social?

E1: Eu acredito que sim, eu acredito que sim. Assim, aqui mesmo em Foz do Iguaçu, eu percebo que muitas pessoas próximas assim, já tiveram mudanças consideráveis nas suas vidas a partir da implantação aqui da UNILA, sabe? Estudantes que nunca vislumbraram sair de Foz do Iguaçu, o estado já tinha uma universidade federal, passaram a ter essa possibilidade próxima. O próprio curso de medicina que a UNILA abriu aqui em Foz do Iguaçu que era um anseio da sociedade de Foz do Iguaçu ter um curso de medicina aqui... enfim. Todos os nossos projetos de extensão, todos os cursos que a UNILA oferece, tem inclusive um curso que foi organizado pelos alunos mesmo que é o ingressa, que é um curso de pré vestibular. A gente vê hoje vários alunos da cidade de Foz do Iguaçu, que entraram na UNILA porque estudaram no cursinho, no ingressa, entende, conseguiram entrar porque a possibilidade de eles entrarem foi ampliada em função deles terem tido acesso ao curso. Então assim, eu acredito que nessa questão a UNILA tem uma, tem uma função... uma função vital para a cidade de Foz do Iguaçu. Eu acho que muitas pessoas já começaram a perceber isso aqui, sabe?

P1: Entendi. E Luz, o quê que você acha mais gratificante para você como pessoa mesmo, de pertencer a UNILA?

E1: Ah cara, é... então, a gente vai ao longo do tempo... vai ficando aqui e a gente vai desenvolvendo um afeto muito grande pela universidade, e pelas pessoas que estão, pelos ciclos que a gente cria de amizades. Tipo, hoje eu sou uma pessoa diferente da pessoa que entrou aqui em 2014. Tem vários aspectos assim, vários entendimentos que se ampliaram na minha mente, assim, sabe, por ter estado aqui, por fazer parte dessa comunidade. A gente sente, nós que somos da comunidade acadêmica, a gente se sente muito orgulhoso de fazer parte dela, e, eu não sei, esse sentimento mais americolatinista, assim, tá muito aflorado assim em mim e não era tão aflorado, isso foi uma coisa que já foi uma mudança enorme no aspecto pessoal. As coisas que eu penso e que eu defendo hoje, que eu não percebia antes e passei a perceber depois de estudar aqui.

Então, eu acho que é muito gratificante estar aqui e eu tenho muito orgulho de fazer parte da UNILA. Ainda que esse projeto não esteja consolidado, e a gente não saiba muito bem que rumo que vai tomar a partir de agora, mas a gente se sente orgulhoso, eu me sinto orgulhosa.

P1: Você acha que a UNILA deve continuar existindo?

E1: Eu não sei, a gente não tem... não tem como fazer nenhuma previsão sobre isso, a gente não sabe, as coisas estão muito incertas agora. Pode até ser que deixe de existir, mas vai ter uma resistência muito forte para que deixe de existir, sabe, e a gente está comprometido com essa luta, assim, esse é um compromisso que eu tenho que eu sei que muitos companheiros aqui tem.

P1: Luz, MUITO obrigada viu

E1: Por nada ((risos))

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Pseudônimo: Béa

Idade: 34 Tempo de vivência na UNILA: 5 anos

Posição ocupada na instituição: assistente administrativa

Formação: Turismo com pós em relações internacionais

Área em que atua: PROINT – mobilidade acadêmica

Representante de algum movimento social? (x) sim () não

Se sim, qual? Sindicalizada

P1: Há quanto tempo você está na UNILA?

E1: Vai fazer 5 anos

P1: E você sempre esteve no setor de relações internacionais?

E1: Praticamente todo esse tempo... eu tive um período de um ano que eu trabalhei na reitoria mas também sempre prestando um trabalho mais próxima da área de relações internacionais.

P1: E como você chegou até instituição?

E1: Eu estava estudando pra concurso na época ((risos)). Eu tava fazendo vários concursos na época, daí eu fiz um para o ICMBIO, fiz um da Itaipu e eu acabei passando no da UNILA.

P1: Interessante, e você já era de Foz do Iguaçu?

E1: Sim eu já eu já morava aqui sempre morei aqui. Eu trabalhava na prefeitura, concursada na prefeitura.

P1: Dentro da UNILA você ocupa qual posição?

E1: o meu cargo é assistente administrativa... Né... Eu trabalho hoje na pró reitoria de relações internacionais e institucionais, na parte de mobilidade acadêmica mas eu também já tive na área de convênio e também já tive ligada direto a pró reitoria fazendo é... Recepção de comitivas é... Enfim várias coisas... No momento eu sou só assistente administrativa não estou culpando nenhum cargo.

P1: entendi.Então Béa, nós estamos estudando a UNILA e após pesquisar a fundo teoricamente, o projeto dela, agora estou buscando compreender e verificar na prática, no dia-a-dia..

E1: aham

P1: e assim além disso... além de compreender sobre a instituição eu busco saber como você apercebe... Então queria que você me dissesse quais aspectos você acha mais importante...assim...na UNILA: o que ela tem de melhor e o que ela tem de pior pra você

E1: tá vamo lá... eu acredito que por eu ter sempre trabalhado na área ali de relações internacionais e que desde 2014 é o departamento encarregado da internacionalização da UNILA e direta.. diretamente é... encarregado da missão institucional da UNILA que é a integração latino-americana... é... eu acredito que isso me da uma posição de privilégio ali dentro é... Ver a importância dessas, dessa questão, desse ponto específico da lei de criação da Unila, que é objetivo dela a missão dela é promover a integração solidária na América Latina né...

P1: aham

E1: ...e o que eu percebo é que nem todas as áreas tem isso muito claro né... por exemplo: um dos pilares da UNILA é o bilinguismo né... E a gente tem universidades no Brasil eu acho que, que eu acredito que tem outras universidades que não tem o bilinguismo como pilar mas É... Tem classes tem outras disciplinas ministradas em outros idiomas né... A UNILA não tem hoje nenhuma disciplina oficialmente ministrada em espanhol por questões administrativas burocráticas né... Porque o departamento X entende que todas as emendas tem que ser entregues em português é... Até hoje não se criou um sistema pra dizer qual é em português qual é em espanhol então fica uma coisa muito aberta, fica uma coisa até informal... a gente meio que abraçar isso: aha UNILA é bilíngue... Você escuta outros idiomas lá mas... Na prática... Na parte prática mesmo, no papel isso não acontece continua sendo uma coisa bem... Tradicional... então.. não sei né porque o seu ponto forte pode ser o seu ponto fraco e vice-versa, a questão do bilinguismo por exemplo eu vejo assim.Realmente tem professores que dão aula em espanhol, realmente tem estudante que eu só falam em espanhol mas isso não num tá... Se você for por exemplo fazer um estudo acadêmico sobre isso você não vai encontrar dados entendeu e... Eu acredito que é que isso seja um real que isso seja real um problema ali dentro. É... Com relação aos estudantes internacionais... Também tem essa... num não está escrito nenhum documento

de criação da UNILA que deveria ser 50% brasileiros e 50% estrangeiros. Isso vem mais pra frente nos planos diretores né... mas está lá que 50% dos docentes deveriam ser latino americanos, não brasileiros e a gente encontra dificuldade em alcançar esses índices também porque num não é como se fosse uma política institucional de baixo pra cima sabe, é muito de cima pra baixo sabe e fica concentrado ali na PROINT, e não, a responsabilidade de trazer estrangeiros pra universidade é da PROINT e todos problemas que envolvem isso é da PROINT entendeu... então você tem departamentos pra atender brasileiros e departamento pra atender estrangeiros enquanto deveria ser uma coisa unificada é... É... É o estudante né...

P1: sim

E1: Mas por outro lado esse é o desafio de você estar numa condição eu diria única praticamente única no Brasil porque a UNILAB também tem uma proposta muito parecida é... A gente vai tentando, na medida do possível, driblar a sua dificuldade e fazer da UNILA uma instituição diferente única né

P1: E você consegue pensar em outros desafios, outros entraves para realização do projeto da UNILA além desses que você citou?

E1: É... ((risos))... No cenário político atual tem vários outros né risos

P1: ((risos))

E1: Não vou nem entrar nesse detalhe é... Mas eu... Eu não sei pela experiência que eu tenho na UNILA eu diria que hoje é o nosso maior desafio é de dentro pra fora... é conseguir fazer disso uma política institucional mesmo né: o bilinguismo, a internacionalização de dentro pra fora de baixo pra cima e não de cima pra baixo porque... Né... Se não, não funciona

P1: e você acha que essas questões relacionadas a internacionalização e ao bilinguismo não se concretizam por qual motivo?

E1: Olha... Uma instituição é feita de pessoas e... E... Enfim existem pessoas que trabalham pra isso e existem pessoas que não trabalham pra isso, que trabalham contra isso inclusive né... são pequenas e grandes enfim é... Ações que colocam que fazem com que a gente cada vez mais se distanciando disso. Eu vou te dar um exemplo bem prático disso: o site institucional né... qualquer site institucional que você entra tem lá português, espanhol e inglês... o idioma pra você escolher né... a UNILA é bilíngue, vários documentos você vai encontrar que ela é bilíngue dizendo que um dos pilares de criação da UNILA é o bilinguismo né...

P1: Sim

E1: O site da UNILA foi reestruturado recentemente pra entrar no padrão portal do MEC e simplesmente eles tiraram a opção de mudar para espanhol porque segundo ao departamento responsável ele é... A gente não tem capacidade de

produzir um conteúdo em espanhol e manter atualizado ou seja né... Ao invés de você tentar resolver um problema é ((risos)) você corta e finge que ele não existe sabe...“mas não, a gente não está dando conta, vamo tirar né... “. Eu não sei eu acredito que se o bilinguismo e a internacionalização fossem preocupações da maioria das pessoas, dos gestores e dos servidores, esse tipo de coisa não aconteceria porque é primordial entendeu?! A gente divulga a UNILA em outros países e aí você indica um site básico pra ele tirar uma informação de um curso que ele quer fazer e não tem um conteúdo em espanhol, sendo que a instituição vai lá e fala que é bilíngue né... então é cada política que aprovada, é cada resolução, cada departamento ali criando a sua regrinha e esquecendo que a gente tem um norte em comum né... eu vejo... não sei pra mim, dentro da experiência que eu tive na UNILA até hoje que é na parte administrativa, a dificuldade que eu enxergo é essa

P1: E até falando dessa relação entre a UNILA e América Latina: você acha que a identidade latino-americana está presente no dia-a-dia da UNILA?

E1:Eu acho que está, bom pelo menos nos espaços que eu circulei na universidade isso é muito presente.

P1: presente qual o nível ?

E1: A... Bom... Você teve na UNILA né... acho que assim, talvez ali na parte administrativa não mas...na parte acadêmica, nos espaços em comum isso aí é muito gritante. Assim, eu acho que quem chega na UNILA sente isso muito de cara. Na parte cultural, durante uma aula, você tem vários pontos de vista isso é muito claro isso é muito palpável

P1: Entendi é..e voltando à esses entraves que você estava falando ... Você como moradora de Foz do Iguaçu: como você acha que a comunidade recebeu a UNILA?

E1: Da pior forma possível ((risos)).Foi e ainda é de forma bem negativa.Preconceituosa, Xenofóbica... infelizmente.

P1: A cidade se relaciona dessa forma com a universidade ?

E1:Sim!Hoje, quase 10 anos, nove anos depois, a gente ainda encontra algumas pessoas que “Ah que eu pensava ruim da UNILA e hoje eu mudei de ideia”... mas ao mesmo tempo,... bom eu evito entrar em rede social e hoje por acaso entrei e tive a notícia do corte orçamentário que também atingiu a UNILA, e aí((risos))... eu entrei nos comentários e tem pessoas festejando isso é... Então... e assim, se você for parar pra pensar racionalmente: a UNILA é ótima aqui pra cidade, pra região.Só de servidores eu acho que são mais de 400.Mais professores!Então...comprando, consumindo, construindo,alugando...Então tem todo movimento econômico qualquer ser humano racional se parasse pra pensar e a ver que é uma coisa boa mas é... O que incomoda na UNILA, para as pessoas da cidade, são os estudantes que são diferentes e eles não são acostumados ao diferente..”Que o cabelo é assim, assado...”É preconceito,é xenofobia, é ignorância,é esse tipo de

recepção.

P1: E com servidores que você tem contato: você acredita que eles compreendem o projeto da UNILA e isso está presente no trabalho, no dia-a-dia

E1: Eu diria que tem servidores que compreendem e tem servidores que não... é o que?... tem aí uns 40% que não compreendem e que realmente não tem, tem... é que existem aquelas pessoas que não estão interessadas porque independente de qual fosse o objetivo pra elas não ia fazer diferença mas tem pessoas que enfim que tem uma mentalidade... que a coisa deve ser feita de uma certa forma e desconsideram essa missão institucional e os objetivos institucionais.

P1: E pelo seu contato, pela sua sua percepção você acha que a UNILA é uma universidade inovadora?

E1: ((Pausa)) É... eu nunca tinha parado pra pensar nisso... Não eu acho que o projeto da UNILA ele é, ele é audacioso né ele audacioso e inovador porque é...né?! Só de ter apenas duas universidade no Brasil com essa função eu acredito que é inovador sim. As práticas talvez não sejam mas o projeto é.

P1: você acha que é a UNILA tem um impacto na sociedade? Por exemplo, você acha que ela pode contribuir para diminuir as desigualdades ?

E1: Eu acho, eu acredito que sim.. pelo engajamento e pelo envolvimento, pelos projetos de Extensão, que tem um impacto imediato na comunidade... E eu acredito que com tempo né... ao longo do tempo de formação mesmo da população porque a maioria dos estudantes é daqui da região, tem muita gente da região estudando aqui eu acredito que é um ai feito mas a longo prazo do que a gente gostaria mas...

P1: Você diz da região de foz do Iguaçu mesmo ?

E1: É de foz né, da região do oeste do Paraná, tem bastante gente estudando na UNILA.

P1: Você tem contato com os estudantes e professores estrangeiros?

E1: Tenho é... Em razão ali da onde eu trabalho eu tenho sim, porque eu trabalho na área de intercâmbios né então eu tenho contato com os estudantes

P1: com base nesse contato quais você acha que são as maiores dificuldades deles de estarem na UNILA?

E1: Bom, eu não tenho conversado muito com os professores ultimamente mas eu acompanho muito o trabalho do setor da PROINT que é o responsável pela documentação e atendimento dos estudantes, então acredito que o que mais pega pra eles é essa questão cultural sabe ... de estar distante da família É... A

gente vê muito estudantes que...é...bem... acabam ficando assim guetos é... É... Tipo os haitianos, os colombianos, os venezuelanos, acho que pra tentar mitigar um pouco essa questão mas... também tem bastante burocracia pra eles chegarem até aqui né, o processo de seleção, ele é, ele é bem longo bem extenso, tem muitas etapas começa geralmente em maio do ano anterior é... Tem toda uma questão documental...

P1: Béa, o que é mais gratificante de pertencer a UNILA?

E1:Olha ((risos)) o que sempre me deixou assim bem feliz e motivada é que... é quando a gente vê a chegada dos estudantes e a saída deles sabe...Eu costumo sempre trabalhar nas refeições de grau e até uns dois anos atrás também trabalhava das seleções estudantes... então né, desde a entrada até a saída... e é muito bom assim você ver gente que as, sei lá, do Equador, de El Salvador, pra vir aqui porque acredita que vai isso fazer diferença na vida deles... daí é o que motiva a gente à contribuir para a formação da transformação social deles.

P1: Você acha que é a UNILA deve continuar a existir?

E1: Sim claro ((risos))

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Pseudônimo: Ursula

Idade: 21 Tempo de vivência na UNILA: 3 anos

Posição ocupada na instituição: aluna - Arquitetura

Formação: -

Área em que atua: -

Representante de algum movimento social? (x) sim () não

Se sim, qual? Fagulha

P1: Como que você chegou até a UNILA?

E1: Nossa ((risos)), ah, foi muito aleatório. Porque, eu sou da Colômbia, e aí... foi por uma publicidade no jornal, mas tipo, no jornal que eu vi pela internet. E foi assim que eu fiquei sabendo.

P1: Entendi.

E1: E aí, isso foi em 2016 que eles ainda estavam oferecendo auxílios, tipo, completos de alimentação, transporte, moradia e tal, para os estrangeiros, e aí eu me interessei por isso porque, era mais fácil... foi mais fácil pra mim, vir aqui, estudar aqui, do que na Colômbia.

P1: Uhum. Por quê? Quais são as diferenças entre estudar na UNILA e na Colômbia? Você era de qual cidade na Colômbia?

E1: Eu sou de uma cidade pequena que se chama Sogamoso. A diferença é que aqui na Colômbia a gente não tem a gratuidade nas universidades públicas. Tipo, elas são pouco pagas e nas cidades pequenas não tem muitas opções, sabe, aí todo mundo tem que se deslocar para Bogotá ou para cidades grandes como Medellín, Bogotá. Eu faço arquitetura na UNILA, e aí não tinha lá nas universidades federais públicas, então, foi bem mais fácil pra mim vir para aqui porque eu estou com auxílio de moradia, de alimentação e de transporte, e eu não tenho que pagar nada né, lá eu ia ter que pagar tudo e ainda uma taxa semestral do curso.

P1: Entendi. E aí como foi esse processo até você conseguir fazer parte da UNILA?

E1: Ah, como assim como que foi o processo?

P1: Você viu o anúncio, e o quê que você fez a partir daí?

E1: Tá. Eu achei que era interessante e aí conversei com a minha mãe e tal, e me inscrevi. Foi muito rápido porque eu me inscrevi e um mês depois saiu o resultado... ai espera eu me perdi ((risos))... O quê que eu estava falando... ah tá, de como eu vim para aqui né?!

P1: Isso

E1: Ah tá, que foi rápido. Aí tipo, saíram os resultados e um mês depois eu já tinha que estar aqui. Então foi bem rápido, eu não tive muito tempo assim de... tipo, nem pensar direito, sabe, de para onde que eu estava indo ((risos)). Só que também... o grupo de colombianos aqui na UNILA, eles organizaram super bem pra receber a gente, então eu não me senti tão desamparada aqui, sabe?! Eu tinha um pessoal que ia nos receber, pegar do aeroporto para levar para a moradia, foi legal.

P1: Legal. E onde você mora?

E1: Aqui em Foz?

P1: É.

E1: Eu moro na Vila C, que é perto da Itaipu.

P1: Ah tá. São moradias oferecidas pela própria instituição?

E1: Não. A moradia não tem mais essas moradias.

P1: Ah, então durante esse tempo desde que você chegou... Você chegou na UNILA então em 2016, foi isso?

E1: Isso, uhum.

P1: E aí, de lá pra cá você perdeu esse auxílio?

E1: Não, eu não perdi. Só que já não tem moradias como espaço físico, e aí o que eles dão é o dinheiro para você alugar um lugar.

P1: Ah, entendi. Então esse auxílio continua existindo para os alunos que já vieram com ele?

E1: Sim, sim, os que já tinham, sim. Depois fizeram os recortes mas quem já tinha continua tendo.

P1: Entendi. E Ursula me conta, quais são os principais aspectos, os mais importantes para você em relação a UNILA? O quê que você acha que ela tem

de positivo de negativo?

E1: Eu acho que ela é um projeto muito importante, assim, tipo, para a América Latina, porque, é muito diferente. Eu acho que é o principal. As relações que a gente consegue estabelecer estando em um lugar onde você encontra pessoas de todos os países da América Latina, consegue fazer esse intercâmbio de culturas e troca também de conhecimentos, de... não sei, isso amplia muito. Eu acho que os debates dentro da universidade, mas para... trazer debates mais da gente mesmo, não tão... como posso falar isso... tão eurocêntricos ((risos))

P1: Sim. Você acha que a UNILA ela sai desse alinhamento com os países do norte do planeta, e volta ela consegue realmente trazer uma identidade da América Latina?

E1: Eu acho que de certa forma sim, porque... conteúdos de forma geral dos cursos... eles são... não dá para comparar assim, mesmo para outros estudantes do Brasil que vem para aqui. Sempre tem... fala que vê uma coisa diferente, que nunca tinha visto outras perspectivas da América Latina. Então eu acho que sim, que ela consegue fazer isso.

P1: E na sua... na convivência com as pessoas dentro da universidade, você acha que isso fica evidente?

E1: Sim, nem com todo mundo né... também não é assim, seria perfeito mas... Não é. Mas eu acho que sim, porque tipo, até... mesmo o idioma, sabe, a gente falar portunhol, é uma adaptação de tudo. E, pra gente conseguir se comunicar e tudo isso.

P1: Entendi. Você consegue... você e seus amigos da Colômbia por exemplo, consegue interagir com as pessoas do Brasil? É comum? É frequente esse intercâmbio cultural?

E1: Sim, sim. É bastante comum...

P1: E o que você acha que a UNILA tem de negativo?

E1: De negativo... É uma universidade nova, não tem muita infraestrutura que isso a afeta... Acho que, assim, o fator principal é isso, entre a estrutura. A gente não tem um campus, não temos um RU, não temos... Esses espaços nossos mesmo. A universidade está pagando aluguel, ainda, depois de dez anos, e isso tira a nossa autonomia estudantil.

P1: E você consegue perceber algum desafio em relação, por exemplo, aos servidores, aos professores, a comunidade externa da universidade?

E1: Sim, sim, claro. Porque é difícil, né, juntar todas essas culturas e conseguir ter uma, não sei, uma harmonia entre tudo isso. As pessoas tem que estar muito

abertas para receber isso, muito receptivas e...que mais... De integração é complicado então, é um desafio para todo mundo.

P1: E você acha que isso se reflete dentro da sala de aula?

E1: Sim, também. Sim ((risos)), não sei...

P1: De acordo com minha pesquisa de campo, eu percebi que muitos professores dão aula em português por exemplo, e são brasileiros...

E1: Sim, isso é verdade. Essa é a outra coisa, para as coisas negativas, né, porque deveria ser um pouco mais igualitário. Querendo ou não, dá para ver muito essa prioridade que se dá para brasileiros ou português e tudo...

P1: Você acha que isso é um entrave no seu processo de aprendizagem?

E1: Sim, claro. Porque, os professores não são obrigados a saber espanhol, pelo menos, e português sim. Então, quando você chega sem saber nada... quando eu cheguei, eu tinha uma professora portuguesa, então tipo, o português era muito difícil de entender. E aí, isso influencia no processo de aprendizagem. As pessoas quer fazer engenharia... saber esse cálculos, essas coisas, sendo estrangeiro sem o português é complicado. Mesmo que eu vi que agora eles estão fazendo uns cursinhos virtuais eu acho, de português, mas mesmo assim eu acho que os professores deveriam... já que é uma universidade bilíngue e tal, deveriam pelo menos ter um conhecimento, médio, de espanhol.

P1: Sim

E1: E de francês também ((risos)). Porque, também tem os haitianos, então...

P1: E você conseguiu encontrar apoio na gestão da universidade?

E1: Mais ou menos

P1: Como foi?

E1: Ah, na real eu acho que foi muito superficial. Eles faziam as reuniões com a gente, com os estrangeiros, para falar sobre como que a gente estava, para falar que... que eles auxiliavam no que a gente precisasse, mas, também não é tão assim, né. O acompanhamento não é tão efetivo.

P1: E você compreende a UNILA como uma universidade inovadora?

E1: Sim.

P1: Por quê?

E1: Porque... pela mesma coisa assim, de ser única na América Latina. É diferente, mesmo com todas essas coisas negativas, ela consegue trazer várias coisas novas...

P1: Como o quê por exemplo?

E1: Então, o que eu estava te contando, a integração dos estudos que a gente faz de voltar para as nossas culturas, de criar outras... não sei, talvez também a metodologia diz tudo... isso.

P1: Você acha que ela se diferencia das outras universidades que você já ouviu falar, que você conhece?

E1: Sim, sim. A maioria das pessoas no geral, pelo menos dos países hispanos é uma coisa... é diferente... e das universidades brasileiras também. A gente tem muitos debates assim, não sei, de decolonialidade... tem um monte de coisas que as outras universidades não prioriza muito, essa perspectiva latino-americana, que pelo menos aqui no Brasil também não é tão comum, eu acho.

P1: Você acha que o estudante da UNILA ele sai formado voltando o seu trabalho para a América Latina?

E1: É, querendo... depende muito... mas, se ele aplica isso ou não, aí já é outra coisa, mas, os debates sempre vão ficar aí, porque não tem como fugir disso, a universidade ela vai se construindo a partir dessas outras perspectivas, eu acho.

P1: Sim. Você acha que a UNILA contribui para transformar a sociedade?

E1: Nossa... ((risos)) Sim, eu acho que sim. Ela tem influenciado bastante, pelo menos aqui na cidade com os projetos de pesquisa, de extensão, enfim...

P1: Você diria que ela contribui para diminuir as desigualdades?

E1: Nossa... não sei, aí já fica mais difícil ((risos))... Ela poderia contribuir, mas não sei se ela contribui em si.

P1: Para você assim, em relação a sua vida por exemplo...

E1: Pelo menos eu acho que até em 2016 ela contribuía, mas agora não acho tanto porque depois que... já o ingresso dos estrangeiros e de outras pessoas de outros estados do Brasil, não tinham tanta garantia nos auxílios, nas bolsas e tudo... isso tira... essa contribuição... de diminuir nossa qualidade porque já fecha às oportunidades só para uma classe.

P1: E o que é mais gratificante para você me pertencer a UNILA?

E1: Acho que o aprendizado com as pessoas que eu conheço aqui, as conexões

que a gente conseguiu fazer com todas essas outras pessoas dos outros países e estados.

P1: E você acha que a UNILA deve continuar existindo?

E1: Sim, eu acho que sim. É importante sim.

P1: Tudo bem. Ursula, é isso.